

Catarina Vieira Cabrita Coelho

**Aprender com a Vida:**  
**O Caso dos Idosos dos Polos de Educação ao Longo**  
**da Vida do Concelho de Silves**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

Faculdade de Economia

2020

Catarina Vieira Cabrita Coelho

**Aprender com a Vida:**  
**O Caso dos Idosos dos Polos de Educação ao Longo**  
**da Vida do Concelho de Silves**

Mestrado em Sociologia

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professor Doutor João Eduardo Rodrigues Martins



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**

Faculdade de Economia

2020

Título do Relatório de Estágio:

Aprender com a Vida: O Caso dos Idosos dos Polos de Educação ao Longo da Vida do  
Concelho de Silves

*Declaração de autoria do trabalho:*

*Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.*

---

Copyright:

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

# Índice

<b>Agradecimentos.....</b>	<b>6</b>
<b>Resumo.....</b>	<b>7</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>8</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo I – O Envelhecimento como grande desafio societal.....</b>	<b>13</b>
O Envelhecimento como questão social .....	13
Dinâmicas do envelhecimento demográfico na Sociedade Portuguesa .....	18
O Conceito de Envelhecimento Ativo .....	21
O envelhecimento no meio rural.....	25
Teorias do Envelhecimento.....	27
<b>Capítulo II - Educação de adultos: um campo complexo e diversificado de práticas educativas..</b>	<b>29</b>
Da Educação Permanente à aprendizagem ao longo da vida.....	37
Formas de Educação de adultos nas sociedades modernas e contemporâneas.....	44
Educação de adultos nas fases avançadas da vida .....	47
<b>Capítulo III - Elementos de caracterização territorial e institucional .....</b>	<b>50</b>
Breve descrição do concelho de Silves .....	50
Descrição da Câmara Municipal de Silves .....	52
Diagnostico Social de Silves.....	53
<b>Capítulo IV - Descrição dos objetivos e das atividades desenvolvidas no estágio.....</b>	<b>55</b>
Os Polos de Educação ao Longo da Vida.....	55
Atividades realizadas nos Polos.....	59
Teatro Sénior.....	61
<b>Capítulo V – Conhecer em profundidade a partir da abordagem biográfica .....</b>	<b>62</b>
Entrevistas Biográficas.....	62
Os Procedimentos de recolha de dados.....	65
<b>Capítulo VI - Análise Exploratória dos Resultados das Entrevistas.....</b>	<b>67</b>
Retratos Sociológicos: Um breve esboço .....	67
Algumas etapas fundamentais da trajetória de vida dos idosos: resultados da investigação.....	83
<b>Capítulo VII - Uma Socióloga nos Polos de Educação Ao Longo da Vida: Uma breve reflexão critica .....</b>	<b>98</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>101</b>

<b>Anexos.....</b>	<b>104</b>
Guia de Entrevista aos Utentes dos Polos de Educação ao Longo da Vida .....	104
Guião de Entrevista para as técnicas que trabalham nos Polos .....	107
Entrevista à técnica dos Polos de Educação ao Longo da vida .....	161
Quadros .....	164

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a um conjunto de pessoas que me ajudou de alguma maneira a concluir esta etapa da minha vida, pois sem elas nada disto seria possível.

Agradeço à Câmara Municipal de Silves, principalmente à Senhora Presidente Rosa Palma, que me permitiu realizar o estágio nesta Instituição e à Senhora Vereadora Luísa Conduto Luís. Ao Setor da Educação e Ação Social e a quem lá trabalha, à minha orientadora de estágio Dr<sup>a</sup>. Rute Santos, à Dr<sup>a</sup>. Ivone Lampreia que me acolheu no projeto dos Polos de Educação ao Longo da Vida e me integrou, à técnica Isabel Martins que me apoiou muito e se tornou uma amiga ao longo desta experiência e ao Dr. Jorge Ponciano que já não se encontra entre nós mas que me orientou para este projeto.

Obrigado ao Professor Doutor João Eduardo Martins que dispensou o seu tempo e disponibilidade para me ajudar e orientar para que este relatório se pudesse concretizar da melhor maneira possível.

Não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que frequentam os Polos, por todas as aprendizagens e experiência de vida que me transmitiram, tornaram-me numa pessoa melhor. Agradeço também a todas aquelas que se disponibilizaram para serem entrevistadas por me terem contado as suas trajetórias de vida e por terem permitido tornar o meu relatório mais rico.

Um obrigado especial à minha família principalmente aos meus pais que me ajudaram e apoiaram ao longo do meu percurso educativo, sem eles não teria chegado até aqui. A todos os meus amigos e ao meu namorado um obrigado pelo incentivo e pelo apoio.

Obrigado a todos!

## Resumo

Este relatório de estágio é resultante da minha participação num projeto de ação/intervenção social na Câmara Municipal de Silves designado “Polos de Educação ao Longo da Vida”. Este projeto tem como intuito combater o isolamento dos idosos e contribuir para o seu envelhecimento ativo.

Este relatório tem como objetivos a descrição das atividades realizadas durante o estágio, a compreensão das principais funções realizadas pelos Polos e a compreensão das trajetórias de vida dos idosos que os frequentam.

A metodologia utilizada neste relatório foi qualitativa e os dados foram recolhidos através de entrevistas biográficas aos idosos que frequentam os Polos de Educação ao Longo da Vida. Procurou-se perceber quais os seus percursos de vida e compreender como a sua vida foi criadora de aprendizagens e competências.

Os principais resultados obtidos com este relatório de estágio demonstram que os Polos de Educação ao Longo da Vida são provedores de aprendizagens para as pessoas que os frequentam e funcionam como local de convívio. Pode dizer-se que os Polos cumprem a sua finalidade de integração social dos idosos que habitam no concelho de Silves, assim como a sua função de promoção da educação ao longo da vida.

Palavras Chave: Envelhecimento ativo; Envelhecimento como questão social; Educação de adultos; Educação ao Longo da Vida

## **Abstract**

This Internship Report results from an internship in a social action / intervention project at the Câmara Municipal de Silves called "Polos de Educação ao Longo da Vida". This project aims to fight isolation and contribute to the active aging of the elderly.

This Internship Report aims to describe the activities performed during the internship, to understand the main purposes of the Polos and to understand the life trajectories of the elderly who attend them.

The method used in this report was Qualitative and the data was collected through biographic interviews of the elderly that attend the Polos de Educação ao Longo da Vida, knowing their life paths and understanding how their lives originated learn and skills.

The main results obtained with this Internship Report were to understand how the Polos de Educação ao Longo da Vida are providers of learning for the people who attend them and how they function as a place of conviviality. We can say that the Polos fulfill their purpose of social integration of the elderly living in the Silves Municipality, as well as their function of promoting lifelong education.

Keywords: Active aging; Aging as a social issue; Adult education; Lifelong Learning

## Introdução

Este Relatório de Estágio resulta da minha participação como estagiária num projeto de ação/intervenção social na Câmara Municipal de Silves designado “*Polos de Educação ao Longo da Vida*”. Estes últimos fazem parte do projeto “*+Proximus*”, onde o foco principal foi participar com a equipa de intervenção no terreno de modo a combater o isolamento e contribuir para um envelhecimento com qualidade para os idosos.

Os “*Polos de Educação ao Longo da Vida*” resultam de um projeto educativo da Câmara Municipal de Silves que assenta essencialmente na educação/formação continua fora do sistema formal de ensino. Este projeto conta com sete Polos em diferentes partes do concelho e destina-se a pessoas de todas as idades, independentemente do grau de escolaridade e do sexo e desenvolve-se através de uma troca mútua de saberes entre as diferentes gerações, proporcionando àqueles que os frequentam uma atualização e renovação constante dos saberes. Centra-se sobretudo em atividades de caráter cognitivo, apesar de também fazerem parte das finalidades as atividades de caráter lúdico.

Os objetivos deste relatório de estágio são fazer uma reflexão analítica sobre as atividades realizadas nos Polos de Educação ao Longo da Vida inseridos na Câmara Municipal de Silves com o intuito de ocupar os idosos e de os levar a uma melhor integração na comunidade local. Outro dos objetivos consiste em recolher, através de entrevistas, elementos biográficos dos idosos que frequentam os Polos de Educação ao Longo da Vida, a partir da compreensão das suas trajetórias de vida e perceber como a sua vida foi produtora de aprendizagens e competências.

A ideia de educação ao longo da vida é algo que está incutido nos Polos, o seu principal objetivo é que as pessoas que os frequentam possam continuar a aprender com as atividades que fazem, partilhando os seus saberes e experiências de vida com os restantes utentes que também visitam os Polos.

Este relatório está estruturado da seguinte maneira: O Capítulo I deste relatório que tem o título de “O envelhecimento como grande desafio societal” e conta com cinco subtemas sendo eles “O Envelhecimento como questão social”; “Dinâmicas do envelhecimento demográfico na Sociedade Portuguesa”; “O conceito de Envelhecimento Ativo”; “Envelhecimento no meio rural” e por fim “Teorias do Envelhecimento”. Este Capítulo pretende compreender o que é o envelhecimento e as suas definições, assim como o

envelhecimento como problema social e os estereótipos a ele associados. O Envelhecimento Ativo é um dos temas centrais deste relatório pois os seniores com quem trabalhei durante o estágio iam para os Polos de Educação ao Longo da Vida com o objetivo de viver um envelhecimento mais ativo, onde pudessem participar na vida social e continuar a ter um papel dinâmico na comunidade. O envelhecimento não tem que ser encarado como algo negativo na sociedade, é algo que acontece a todo o ser humano.

O primeiro subtema “O Envelhecimento como questão social” tem como propósito problematizar a questão do envelhecimento como “problema social” merecedor de ser tratado nas sociedades modernas e contemporâneas. Este subtema fala também sobre os estereótipos ligados ao envelhecimento que é algo muito evidente na sociedade atualmente, pois as pessoas continuam a testemunhar a velhice como algo negativo associado a doenças e à falta de autonomia.

No segundo subtema deste capítulo, desenvolvem-se as “Dinâmicas do Envelhecimento Demográfico na Sociedade Portuguesa” com evidência do fenómeno do envelhecimento demográfico e o seu crescimento na sociedade atual. Atualmente, existe um envelhecimento da população tanto em Portugal como na maior parte dos países do Mundo, isto é, existe muito mais população idosa que população jovem nas sociedades atuais. A maneira como se envelhece depende de fatores individuais e contextuais como o espaço, o tempo, a cultura e o género. É-se considerado idoso uma pessoa com mais de 65 anos, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). É também feita neste capítulo uma caracterização demográfica de Portugal e da região do Algarve.

“O Conceito de Envelhecimento Ativo” é o terceiro subtema e salienta as definições do Envelhecimento Ativo e o quanto é importante para os idosos serem ativos, autónomos e viverem uma vida ativa assim como participarem ativamente na vida social, prevenindo os fenómenos de exclusão social. O Envelhecimento ativo veio substituir o conceito de envelhecimento saudável e surge como um novo paradigma associado a um envelhecimento positivo, ou seja, a pessoa idosa deve continuar ativa não apenas fisicamente, mas também espiritualmente, civicamente, socialmente, politicamente e culturalmente. Parte-se da ideia de que se o idoso tiver um envelhecimento ativo isso não o beneficiará apenas a ele mas também para a sociedade em geral.

O quarto subtema é “O Envelhecimento no meio rural” e focaliza-se no facto de as pessoas mais velhas ficarem isoladas nos meios rurais devido ao êxodo rural das pessoas mais novas. Este subtema provém do facto de haver duas freguesias rurais onde existem Polos de

Educação ao Longo da Vida, daí a importância de expor o seu modo de viver e como se diferencia do modo de vida urbano.

As “Teorias do Envelhecimento” são o último subtema deste capítulo que destaca as três teorias psicossociais do envelhecimento. São elas a Teoria da Atividade que aponta para a continuação da prática da atividade física no idoso para melhorar a sua autoestima e a sua saúde. A Teoria do “Desengajamento” ou Teoria do Desligamento refere-se à interação existente ou não existente entre o idoso e a sociedade e a Teoria da Continuidade sugere que o envelhecimento não é a última etapa na vida de um indivíduo e que este pode continuar a desenvolver as atividades que tinha antes da reforma. Estas teorias são fulcrais no entendimento do envelhecimento e como o mesmo pode ser encarado.

No Capítulo II é abordada a Educação e a sua definição como introdução aos cinco subtemas que fazem parte deste capítulo que são “Educação de adultos: um campo complexo e diversificado de práticas educativas”; “Da Educação permanente à aprendizagem ao longo da vida”; “Formas de educação de adultos nas sociedades modernas e contemporâneas”; “Educação de adultos nas fases avançadas da vida”. Todos estes subtemas são essenciais neste relatório pois a Educação de adultos introduz aquilo que é a educação ao longo da vida. A educação não termina quando a aprendizagem formal na escola termina, é essencial que se continue a adquirir conhecimentos e aprendizagens durante a vida adulta continuando nas idades mais avançadas da vida. E é esse o objetivo principal dos Polos de Educação ao Longo da Vida e que pretendo evidenciar ao longo deste capítulo e deste relatório.

O subtema da “Educação de Adultos: um campo complexo e diversificado de práticas educativas” foca a educação de adultos e pretende mostrar que a educação não se baseia apenas naquela que se aprende na escola mas também naquela que se aprende com a vida e com as experiências. A educação de adultos é um conjunto de sistemas de aprendizagem formal e não formal em que as pessoas adultas desenvolvem as suas capacidades e qualificações técnicas para satisfazerem as suas necessidades assim como as da sociedade.

No terceiro subtema “Da Educação Permanente à aprendizagem ao longo da vida” destaca-se a aprendizagem contínua e permanente dos indivíduos e que os mesmos estejam em constante aprendizagem para que possam acompanhar as constantes mudanças tecnológicas e científicas e os desafios da sociedade. A Educação permanente propõe a educação para todos, um direito que tem de ser garantido. A Educação ocorre ao longo da vida onde ocorrem aprendizagens e reaprendizagens contínuas e constantes.

O quarto subtema “Formas de educação de adultos nas sociedades modernas e contemporâneas” expõe que o conhecimento e aprendizagem através da experiência podem ser adquiridos através da socialização e partilha de saberes com as outras pessoas. A aprendizagem experiencial é uma forma de educação de adultos na sociedade contemporânea pois os conhecimentos adquiridos através desta forma de educação têm como finalidade reconhecer e valorizar os adquiridos experienciais que as pessoas desenvolvem ao longo das suas vidas.

Na “Educação de adultos nas fases avançadas da vida” destaca-se a aprendizagem dos indivíduos nas fases mais avançadas da vida realçando a necessidade de promoção de uma cultura que valorize as experiências, saberes e contributos dos mais velhos. Para isso seria essencial criar encontros e atividades intergeracionais com o objetivo de aproximar as pessoas de diferentes faixas etárias e promover uma partilha de conhecimentos entre as mesmas.

No Capítulo III é feita uma breve caracterização da Câmara Municipal de Silves, descrevendo como se constitui formalmente a sua estrutura hierárquica e quais as suas competências. Trata também a descrição do concelho de Silves e o seu enquadramento geográfico. Por fim, é referido o setor da ação social que foi onde o estágio foi realizado e como o mesmo funciona.

O Capítulo IV é composto pela descrição dos objetivos do relatório e pela descrição do projeto dos Polos de Educação ao Longo da Vida, como surgiu, o objetivo deste projeto e toda a informação sobre os sete Polos. São descritas também as atividades desenvolvidas no estágio, assim como as atividades realizadas pelos Polos de Educação ao Longo da Vida.

O Capítulo V diz respeito à reflexão metodológica e técnica, com particular ênfase na técnica de recolha de dados a partir das entrevistas biográficas feitas aos idosos que frequentam os Polos de Educação ao Longo da Vida e nos procedimentos de recolha de dados.

No Capítulo VI apresenta-se uma análise exploratória dos resultados das entrevistas. São analisados os resultados realizados com as entrevistas aos idosos dos Polos de Educação ao Longo da Vida. Está também presente neste capítulo um esboço dos retratos sociológicos dos entrevistados e algumas etapas fundamentais da trajetória de vida dos idosos, percebendo-se alguns padrões de semelhança e de diferenças sociais entre as entrevistadas.

No Capítulo VII, na hora de fechar o relatório, faz-se uma breve reflexão crítica da nossa participação no estágio, onde se pensa o lugar de uma Socióloga nos Polos de Educação ao Longo da Vida.

## **Capítulo I – O Envelhecimento como grande desafio societal**

### **O Envelhecimento como questão social**

A “velhice” como problema social surgiu associada a uma questão da classe operária, sobretudo a partir de meados do Sec. XIX. Metade da população urbana com idade superior a 65 anos não recebia pensão, nem salário, sendo que o encargo da maior parte dessas pessoas era assumido pelos filhos ou instituições de assistência (Champagne et al, 1998:87).

Champagne et al (1998:71) expõe que o objetivo da Sociologia da Velhice não consiste em definir quem é e não é velho ou em fixar a idade a partir do qual os agentes das diferentes classes sociais se tornam velhos, mas em descrever o processo através do qual os indivíduos são socialmente designados como tais.

O termo “velhice” remete a problemas sociais tais como as pessoas mais pobres ou dependentes, o envelhecimento da população, o alongamento da duração da vida biológica e os seus efeitos sobre as relações entre gerações. A “velhice” é uma categoria aparentemente natural e evidente (Champagne et al, 1998:64). As ciências sociais e em particular a sociologia têm-se encarregado de demonstrar que assim não é, uma vez que sabemos hoje que a velhice resulta de uma construção social e cultural.

A nova interpretação da “velhice” deve uma parte da sua força ao facto de estar dependente de certos agentes do campo científico, na área da medicina e das ciências sociais. A necessidade de uma crença coletiva que tem a ver com a transformação das relações entre gerações e à autonomização de gestão da velhice resultante daí. (Champagne et al, 1998:92).

“A constelação semântica tradicional que designa a velhice, de facto, a das classes populares, a única de que se falava publicamente, ainda nos anos 50, com seus “velhos sem recursos”, seus “entrevados” e seus “enfermos senis”, abandonados nos “asilos”, apaga-se em benefício de uma outra que tende a exprimir a forma como ela é considerada nas classes médias com suas “pessoas idosas”, essas pessoas com

“idade avançada” ou “idade de ouro”, moram nos “lares de sol” ou nas “residências-luz”, “se distraem” nos “clubes da terceira idade” ou seguem cursos nas “Universidades de terceira idade” (Champagne et al, 1998:87).

Pimentel et al (2016:20) afirma que a “velhice” não é uma fase da vida desligada das restantes e a maioria das pessoas idosas continuam a dispor de competência para controlarem as suas vidas. Através das escolhas que faz, do estilo de vida que adota, da forma como se adapta ao processo de envelhecimento cada pessoa também é responsável pela definição do que significa ser ativo.

Individualmente, o envelhecimento traz mudanças drásticas na vida de um indivíduo, principalmente no estado de saúde e na participação na vida social e coletiva. A redução da capacidade funcional não deve ser justificação para a exclusão dos idosos da vida social pois isso deixa-os apenas com a sociabilidade familiar ou da vizinhança ou em casos mais graves em situações de completa solidão social. Já no plano coletivo, o envelhecimento exige muito no que toca às relações intergeracionais, isto é, por um lado ativos e não ativos e por outro entre jovens e adultos (Ferreira, 2011:4).

Podemos dividir o envelhecimento em primário, secundário e terciário. O envelhecimento primário ocorre quando as mudanças são irreversíveis, progressivas e universais (o aparecimento de rugas, o aparecimento de cabelos brancos, as perdas de massa óssea e muscular...), no envelhecimento secundário, as mudanças são causadas por doenças que são dependentes da idade e o envelhecimento terciário corresponde ao declínio terminal, caracterizando-se por um grande aumento de perdas num espaço relativamente rápido, provocando a morte (Serafim, 2007: 22).

O envelhecimento apresenta-se como um conceito multidimensional (biológico, psicológico e social), complexo, heterogêneo, contínuo e transversal a todos os indivíduos e sociedades. Definir este conceito torna-se complexo pois os autores definem envelhecimento de formas diferenciadas (Fralda, 2014:20-21).

Começando pela componente biológica temos como certo que o envelhecimento é um fenómeno objetivo. As alterações biológicas abrangem embora a ritmos diferentes, todos os indivíduos que envelhecem, tais alterações são irreversíveis e têm um impacto visível na funcionalidade, na imagem física dos indivíduos que envelhecem e na saúde. O envelhecimento caracteriza-se essencialmente pela ocorrência de perdas à medida que a idade avança. A nível psicológico é normal que capacidades como a atenção, a memória e a

velocidade de processamento e atividade psicomotora sofram uma descida (Pimentel et al, 2016:21).

Segundo Ferreira (2011:39) o envelhecimento é um fenómeno positivo, quer para os indivíduos, quer para as sociedades, que tem testemunhado as evoluções feitas pela humanidade em termos económicos, sociais e médicos na base dos quais se desenvolveram as políticas publicas de acesso da população aos cuidados de saúde (Ferreira, 2011:3).

O envelhecimento pode ser entendido como um fenómeno coletivo, de natureza cíclica. Neste sentido, o envelhecimento encontra-se intimamente ligado à idade da população, não à idade cronológica, mas sim à idade de uma população, entendida como o resultado da distribuição por idades dos seus membros (Serafim, 2007:68).

“Podemos referir-nos ao envelhecimento como um fenómeno complexo e multideterminado que não pode ser evitado. É um processo que ocorre de forma natural, universal (e, portanto, comum a todas as pessoas), progressiva, previsível e irreversível, que provoca mudanças e transformações ao longo do ciclo de vida, desde o momento da conceção até ao momento da morte e envolve diferenciação, crescimento e desenvolvimento” (Lima, 2010 citado por Oliveira, 2013:22).

Estas mudanças e transformações podem ser “morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas” e o envelhecimento pode ser identificado em três componentes: biológico, psicológico e social.

Fralda (2014: 21) dá destaque ao terceiro nível do envelhecimento, que é o nível social. Segundo a mesma, a componente social esclarece o papel social desempenhado pelo indivíduo em conformidade com a sua idade e que a sociedade espera que atue em conformidade.

O Envelhecimento assume-se como problema social devido principalmente aos estereótipos negativos associados à velhice, à evolução rápida do conhecimento e às dificuldades de adaptação do idoso, à carência de criação de estruturas de apoio para os idosos, ao difícil acesso aos recursos essenciais, ao envolvimento da família na ajuda e na prestação de cuidados aos idosos mais dependentes, ao papel atual da família na vida do idoso pois considera-se que a família não deve abandonar os seus deveres para com os seus idosos. A família é o suporte social do idoso e constituinte impulsionador do bem estar e saúde física e mental do mesmo.

Daniel et al (2016:354) explica que os estereótipos associados ao envelhecimento são algo ainda muito presente na sociedade atualmente, as pessoas continuam a associar a velhice à dependência, falta de autonomia e doenças. A forma como vemos o “outro” traduz as representações sociais aprovadas pela sociedade, ou seja, é uma construção social partilhada que classifica e categoriza os fenómenos. O envelhecimento ao ser visto como um problema na sociedade está associado a algo negativo, o que leva a que as pessoas associem a representações sociais negativas tanto a última etapa da vida como o processo de envelhecimento.

Os preconceitos e estereótipos socialmente partilhados tornam propício o surgimento de afetos negativos, entendimentos e comportamentos discriminatórios face às pessoas idosas. Esta discriminação pode ser designada por idadismo, fenómeno que se refere às atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas na sua vida. Quanto mais a pessoa idosa estiver exposta a comentários ou conceções negativas a seu respeito, mais ele vai desenvolver uma visão negativa do seu próprio envelhecimento (Pimentel, 2016:34).

Segundo a definição da Organização Mundial de Saúde, a pessoa é considerada idosa quando chega aos 65 anos, independentemente de seu estado biológico, psicológico e social. Existem duas dimensões centrais do envelhecimento que são a individual e a populacional. O envelhecimento individual pode ser definido como um processo progressivo de mudança biopsicossocial da pessoa durante todo o ciclo de vida. É importante ter em conta que existem variações consideráveis no estado de saúde, nos níveis de independência, na autonomia e na participação social entre as pessoas idosas com a mesma idade (Organização Mundial de Saúde, 2002:8).

Segundo Champagne et al (1998:68-69) é precisamente quando a pessoa atinge a idade de 65 ou mais anos que as gerações mais jovens obrigam as gerações mais velhas a se retirarem das posições de poder a fim de virem a ocupá-las, o que constitui um pretexto para uma luta entre gerações.

O envelhecimento individual tem quatro dimensões. A dimensão cronológica é a passagem do tempo decorrida em dias, meses e anos desde o nascimento, a dimensão biológica é definida pelas modificações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento humano, a dimensão psicológica pode ser definida pelos padrões de comportamento adquirido e mantidos ao longo da vida e tem uma influência direta na forma como as pessoas envelhecem e por fim, a dimensão social é a obtenção de hábitos e status social pelo indivíduo para o preenchimento de papéis sociais ou expectativas em

relação às pessoas da sua idade, da sua cultura e do seu grupo social (Schneider e Irigaray, 2008).

O envelhecimento populacional é definido a nível coletivo com base na proporção da população total. A classificação demográfica de uma população como jovem ou envelhecida, depende da proporção de pessoas nas faixas etárias extremas. (Pordata, 2016:8).

O envelhecimento saudável refere-se ao processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que contribui para o bem-estar das pessoas idosas. O objetivo principal é o bem-estar que engloba todos os elementos e componentes da vida valorizados pela pessoa. O envelhecimento saudável é o reflexo dos hábitos de vida, do suporte e das oportunidades garantidas pela sociedade para a manutenção da funcionalidade das pessoas idosas e para permitir que vivenciem aquilo que valorizam. (Organização Mundial de Saúde, 2015:9).

“Na base das políticas que visam promover o envelhecimento saudável e a inclusão social dos idosos, está a atividade, embora sem desconsiderar os fatores individuais e sociais que favorecem ou inibem as oportunidades de envelhecimento saudável, como o género, a classe social, as condições de saúde ou outras características e, em sentido mais geral, o contexto social, económico e cultural em que se manifestam” (Ferreira, 2011: 2).

A qualidade de vida na velhice está diretamente associada com a existência de condições ambientais que possibilitem às pessoas idosas desempenhar comportamentos adaptativos, é também a perceção que o indivíduo possui de bem-estar que resulta da sua avaliação do que idealiza importante para uma boa vida, influenciado também pelos valores do mesmo e da sociedade em que vive. Os afetos positivos como ter alegria na vida, amor e amizade são associados como determinantes importantes da qualidade de vida na velhice (São José e Teixeira, 2013: 39-41).

O modelo de Rowe e Kahn (1997) indica critérios objetivos para se atingir um envelhecimento bem-sucedido: baixo risco de doença ou incapacidade, manutenção de níveis elevados de funcionamento físico e cognitivo e envolvimento em atividades sociais. Está dependente da combinação de fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Pimentel et al (2016:24-25) menciona os aspetos positivos e negativos associados ao envelhecimento. Os aspetos positivos são a satisfação com a reforma, havendo algo para fazer

que substitua o trabalho, estar reformado oferece um alívio da pressão inerente à profissão e proporciona uma liberdade de ocupação do uso do tempo nunca antes sentida; a oportunidade para tomar conta ou passear mais tempo com os netos, capacidade para escolher objetivos mais apropriados à fase da vida em que se encontra; a sabedoria; o padrão de comunicação entre o casal. Os aspetos negativos são a consciencialização de que a hora da morte se aproxima; alterações sociais e familiares em que os valores e os modos de vida se alteram completamente; a morte de familiares e amigos; a diminuição da saúde e o modo de dependência; a falta de oportunidade para manter uma função útil na vida.

Nas sociedades tradicionais, os mais velhos ensinavam os mais novos. Lentamente as coisas modificaram-se. As rápidas e constantes alterações contribuíram para que fossem os jovens a dominar os saberes mais recentes, o que fez com que os idosos se sentissem com os seus conhecimentos ultrapassados. O facto de os idosos perceberem que os seus conhecimentos são desvalorizados pode levar a que eles não falem sobre as suas experiências de vida aos mais jovens. Nas sociedades modernas, os idosos são confrontados com valores e atitudes distintas daquelas que continuam a ser os seus padrões de vida. Mas é necessário referir que os idosos reconhecem a importância de algumas evoluções que podem melhorar a sua qualidade de vida (Cavaco, 2001:17-19).

Estima-se que em 2047, o número de pessoas mais velhas ultrapasse pela primeira vez o número de crianças e que em 2050, o número de pessoas idosas, isto é, pessoas com 65 ou mais anos, ultrapasse os 2 bilhões (Daniel et al, 2016:353).

### **Dinâmicas do envelhecimento demográfico na Sociedade Portuguesa**

O Envelhecimento demográfico refere-se ao aumento progressivo dos indivíduos com idades avançadas relativamente ao grupo total da população. A população jovem é aquela que apresenta uma grande proporção de jovens e uma baixa idade média e a população velha é aquela que apresenta uma grande proporção de velhos e uma elevada idade média. É considerado um fenómeno social e um fenómeno biológico, tendo a marginalização, a rejeição social, a inatividade e a insegurança papéis marcantes no desenvolvimento do processo biológico do envelhecimento (Serafim, 2007:68).

O fenómeno do envelhecimento demográfico acontece a ritmos diferenciados e resulta de vários fatores que durante a vida dos indivíduos provoca desigualdades nos ritmos e modos de envelhecer. O modo como se envelhece depende de fatores individuais e contextuais, que se alteram no espaço e no tempo, segundo a cultura e o género, entre os quais se destacam fatores biológicos, comportamentais, institucionais, sociais, económicos e ambientais (Anica, 2018:64).

Segundo Rosa (1996:1188-1190), no futuro, o envelhecimento demográfico deverá continuar e os níveis de indivíduos em idade ativa não deverão aumentar significativamente em proporção ao número de pensionistas. O envelhecimento da população contribui para desequilibrar a relação financeira entre gerações contribuintes e gerações beneficiárias.

A Organização Mundial de Saúde (2005) define idoso como pessoa com mais de 60 anos nos países em desenvolvimento e com mais de 65 anos nos países desenvolvidos. Afirma também que as diferentes fases da velhice devem ser elucidadas e enquadradas nesta classificação: 1. Idade média de 45 a 59 anos, 2. Idade madura dos 60 aos 69 anos, 3. Idade avançada dos 70 aos 89 anos e 4. Grande idade a partir dos 89 anos (Gonçalves, 2015:13).

Portugal, em 2017, tinha 10.300.300 pessoas a residir no país incluindo nos seus arquipélagos Madeira e Açores. Sendo que 1.433.156 pessoas têm idades entre os 0 e os 14 anos, 6.672.187 pessoas pertencem ao grupo etário dos 15 aos 64 anos e 2.194.957 pessoas são idosos com 65 ou mais anos. O índice de envelhecimento é 153,2, isto é, existem 153,2 idosos por cada 100 jovens em Portugal. A taxa bruta de natalidade é 8,4, ou seja, nascem aproximadamente 8 bebés por cada 1000 residentes. A taxa bruta de mortalidade é 10,7% e a taxa bruta de mortalidade infantil é 2,7%. A região do Norte detém o maior número de população a residir em Portugal, é onde reside maior número de jovens (472.415), mais pessoas em idade ativa (2.400.195) e mais pessoas idosas (707.781). A região onde residem menos jovens é a Região Autónoma da Madeira com 35.925 pessoas, onde residem menos pessoas em idade ativa e menos idosos é a Região Autónoma dos Açores com 171.030 pessoas e 34.306 pessoas respetivamente (Pordata, 2017).

Segundo fontes oficiais da Câmara Municipal de Lagos, o Algarve tem 4996.8 km<sup>2</sup> de área e tem cerca de 444.390 habitantes que se distribuem por 16 concelhos, divididos em Barlavento e Sotavento. No Barlavento situam-se os concelhos de Vila do Bispo, Aljezur, Monchique, Lagos, Portimão, Lagoa, Silves e Albufeira. No Sotavento estão situados os concelhos de Loulé, Faro, São Brás de Alportel, Olhão, Tavira, Alcoutim, Castro Marim e Vila Real de Santo António. Localiza-se no extremo ocidental da Europa, a sul de Portugal.

Tem uma densidade populacional média de cerca de 90.3 habitantes por cada km<sup>2</sup>, uma costa com cerca de 150km e é banhado pelo Oceano Atlântico. É no litoral onde se encontra a maior parte da atividade económica regional. A serra ocupa 50% do território sendo os principais conjuntos montanhosos a Serra de Espinhaço de Cão, Serra de Monchique e a Serra do Caldeirão. A posição geográfica do Algarve dispõe de um clima temperado de características mediterrâneas com aproximadamente 3000 horas de sol por ano e uma fraca precipitação média anual. O setor de atividade mais importante é o terciário composto pelas atividades do comércio e serviços, com forte influência do turismo pois este representa cerca de 60% de total de emprego e recebe anualmente receitas volumosas por parte do turismo.

Os concelhos do Algarve que dispõem de uma maior densidade populacional, isto é, com mais indivíduos em média por km<sup>2</sup>, dados do ano de 2017, são Olhão com 343.8 pessoas, Portimão com 304.4 pessoas e Vila Real de Santo António. E os concelhos com menor densidade populacional são Alcoutim com 4,1 pessoas, Monchique com 13,5 pessoas e Aljezur com 17, 3 pessoas (Pordata, 2017).

Os concelhos com maior taxa de natalidade, ou seja, onde nascem mais bebés por cada 1000 residentes são Albufeira com 12,2 nascimentos, Faro com 10,6 nascimentos e Portimão com 10,1 nascimentos. Os concelhos com a taxa de natalidade mais baixa são: Alcoutim com 4,7 nascimentos, Monchique com 5,6 nascimentos e Castro Marim com 6,8 nascimentos (Pordata, 2017).

Os concelhos com maior taxa de mortalidade, isto é, onde morrem mais pessoas por 1000 residentes, são Alcoutim com 36 pessoas, Monchique com 19,3 pessoas e Castro Marim com 16 pessoas. Os concelhos com menor taxa de mortalidade são Albufeira com 8,6 pessoas, Lagoa com 10,4 pessoas e Portimão 11,2 pessoas (Pordata, 2017).

Analisando a pirâmide etária do Algarve, podemos verificar que os concelhos com mais população em qualquer dos grupos etários (5-9 anos; 20-24 anos; 35-39 anos; 50-54 anos e 65-69 anos) são Loulé, Faro e Portimão, por esta ordem. No último grupo etário dos 85 + anos, os concelhos com mais população pertencente a este grupo etário são Loulé, Silves e Faro. Os concelhos que apresentam menos população nestes grupos etários são Alcoutim, Monchique, Vila do Bispo e Aljezur, apenas no grupo etário dos 85+ anos aparece Castro Marim (Pordata, 2017).

Podemos então verificar que Loulé, Faro e Portimão são os três concelhos com mais população em qualquer dos grupos etários, sendo que Silves aparece como um dos concelhos

com mais população com 85 anos ou mais. Alcoutim aparece como o concelho com menos população de todos os grupos etários exceto o de 85 e mais anos, mostrando sempre um crescimento, ou seja, é o concelho com menos população jovem e mais população envelhecida no Algarve.

## **O Conceito de Envelhecimento Ativo**

No final do século XX, a OMS substituiu o conceito de “envelhecimento saudável” pelo conceito de “envelhecimento ativo”, com fundamento na importância da manutenção da autonomia e da independência dos idosos, tanto nas atividades básicas como no seu dia-a-dia, no aumento da qualidade de vida e saúde. “Ativo” é alusivo à continuação da participação nas questões sociais, económicas, culturais, espirituais e civis, não apenas a estar ativo fisicamente (Gonçalves, 2015:14-15).

“O envelhecimento ativo convida a reformular a articulação entre a atividade e a reforma, entre o trabalho e a saúde (...) convida a que se caminhe para uma sociedade sem discriminações sobre a idade.” (Fralda, 2014: 38).

O envelhecimento ativo surge como uma estratégia política global para responder aos desafios multidimensionais que o envelhecimento da população suporta. Aparece como um novo paradigma associado à atividade, autonomia, independência, qualidade de vida saudável. O envelhecimento ativo contraria a imagem do envelhecimento, permeado por uma imagem positiva (Daniel et al, 2016:355 e 361).

Segundo Ferreira (2011:11), o paradigma do envelhecimento ativo aparece como um programa de intervenção na sociedade focado na mudança da condição do idoso e pretende em simultâneo responder aos problemas do aumento da longevidade.

A Comissão Europeia entende o envelhecimento ativo como “uma estratégia coerente visando permitir um envelhecer saudável”, sendo essencial desenvolver um conjunto de práticas que abrangem “a educação e a formação ao longo da vida; o prolongamento da vida ativa; o adiamento da entrada na reforma e, mais progressivamente, por conseguir que as pessoas idosas se tornem ativas durante a reforma e realizem atividades que reforcem as suas capacidades e preservem a saúde” (CE, 2002 citado por Cabral e Ferreira, 2013:13-14).

O envelhecimento ativo remete para uma “capacidade individual”, para “autonomia individual” e para “atividades produtivas” tal como ele é encarado pela OCDE. Estas subcategorias que são identificadas por São José e Teixeira (2014:35-36) fazem parte de uma categoria mais abrangente que designaram por “responsabilidade individual”. Esta categoria é um processo delimitado ao domínio da responsabilidade individual pois decorre de uma competência individual para concretizar escolhas e atividades produtivas. Essas chamadas atividades produtivas incluem atividades de cariz económico como desempenhar uma atividade profissional, atividades de cariz social tais como atividades educativas e de lazer.

Já a OMS define envelhecimento ativo como uma “responsabilidade coletiva”, mas não quer dizer que seja apenas uma responsabilidade exclusivamente coletiva pois reconhece que a adesão individual é fundamental e “envelhecer ativamente” é também uma responsabilidade individual devido às pessoas poderem ser ativas em diversos domínios e não só fisicamente e economicamente.

No conceito de envelhecimento ativo, o termo “ativo” refere-se à participação continua na vida social, económica, cultural, espiritual e cívica, ou seja, vai muito além da possibilidade de ser física e profissionalmente ativo. O envelhecimento ativo é definido como o processo de otimização das oportunidades para a saúde, participação e segurança, para a melhoria da qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem (Organização Mundial de Saúde, 2002:8).

Houve três mudanças macrossociais que impulsionaram a emergência do envelhecimento ativo. A primeira foi o envelhecimento populacional, ou seja, o facto de existir mais população com 65 ou mais anos que população considerada jovem, a segunda foi a substituição do Estado Providência Europeu pelo modelo de “Estado Social Ativo”, modelo esse que consiste num novo modo de regulação estatal assente na centralidade das políticas de ativação e surge devido à crise do Estado Providência e pretende responder aos desafios da globalização económica e financeira (Martins, 2015), por ultimo, o surgimento do “envelhecimento positivo” que mobiliza diversos domínios científicos como a biomedicina que tende a valorizar a saúde e o bem-estar físico dos indivíduos, a psicologia que se interessa pelo bem-estar psicológico e satisfação com a vida, a sociologia que sublinha a importância das condições socioeconómicas para um envelhecimento positivo (Amorim et al, 2014).

São José e Teixeira (2014: 37 e 44), argumentam que o envelhecimento ativo origina benefícios não só para os indivíduos como também para a sociedade em geral devido a existir uma contenção de gastos com medicamentos e cuidados de saúde. A atividade física previne o

agravamento de problemas de saúde e facilita a melhoria das condições de saúde. Participar em atividades sociais tende a reduzir sintomas depressivos, atividades como a continuidade no mercado de trabalho até à reforma previne o declínio das capacidades cognitivas pois a reforma antecipada diminui os contactos sociais.

No Envelhecimento Ativo é necessário ter em conta as condições de saúde, os fatores ambientais e pessoais, os determinantes económicos, sociais e culturais, o ambiente físico e o sexo.

O envelhecimento ativo torna-se motivo de mudança, evoluindo de uma abordagem centrada nas necessidades dos idosos, para uma perspetiva focada nos direitos e na participação ativa das pessoas idosas no campo familiar, social, cultural, político-ambiental. Pretende-se tornar os idosos atores socialmente integrados e de cidadania plena. O envelhecimento ativo é também consequência alcançada do equilíbrio entre ganhos e perdas, que resultam da adaptação individual ao processo de desenvolvimento durante o curso de vida e que se concretiza no processo de envelhecimento (Fralda, 2014: 38-39).

A qualidade de vida é o mais importante no envelhecimento ativo pois é a partir daqui que se percebe o contexto cultural e de valores no qual o idoso vive, assim como os seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. A família, a comunidade e a sociedade têm um forte impacto na forma como se envelhece.

As pessoas idosas que ajudam a cuidar dos netos podem levar a que os casais possam ter mais filhos facilitando a conciliação entre as responsabilidades familiares e profissionais dos pais e ao prestarem cuidados aos netos, um dia poderão vir a receber cuidados por parte dos seus filhos adultos. A prestação destes cuidados estará a contribuir para a promoção da solidariedade intergeracional (São José e Teixeira, 2014:45).

As expectativas das pessoas idosas e as necessidades económicas e sociais das sociedades exigem que estas possam participar na vida económica, política, social e cultural, devendo poder trabalhar quando desejam e sejam capazes e a continuar a ter acesso a programas de educação e formação. O potencial das pessoas idosas deve ser visto como uma base sólida para o desenvolvimento futuro, já que possibilita que a sociedade beneficie das suas capacidades, experiência e sabedoria. É essencial promover e facilitar esta contribuição ajudando a manter o bem-estar e a qualidade de vida, a autonomia e independência das pessoas idosas e quebrar inúmeras barreiras que impedem a sua participação na sociedade (Organização Mundial de Saúde, 2002: 9-10).

O envelhecimento ativo depende direta e indiretamente de vários fatores transversais que influenciam e determinam a forma como cada um envelhece. O processo de envelhecer de forma ativa está sujeito a vários condicionantes tais como cultura e o género (Oliveira, 2013:49).

Este paradigma tem de ter em consideração o percurso de vida dos indivíduos e a condição social de cada um. Tem de ter em apreciação a sua vida familiar, o emprego, a educação, a integração sociocultural, a saúde e a qualidade de vida de cada idoso (Ferreira, 2011:9).

Para que mais pessoas possam fazer parte da categoria “ativos”, a OMS inclui atividades não produtivas para prevenir a exclusão social de pessoas que possuem menos recursos e oportunidades para realizarem atividades produtivas. Apostar na igualdade de géneros pode também ser algo que pode contribuir para uma melhoria das condições de vida e do estatuto social das mulheres, particularmente das que têm uma idade mais avançada e esta aposta pode levar a que as mulheres mais velhas participem mais no mercado de trabalho (São José e Teixeira, 2014: 44-45).

O envelhecimento ativo também procura chamar à atenção da consciência dos indivíduos acerca da responsabilidade que podem ter no mantimento do seu bem-estar físico, social e mental, como para continuar a intervir socialmente em conformidade com as suas necessidades, desejos e capacidades (Delgado, 2016:13).

A Organização Mundial de Saúde (2002:10) defende que o envelhecimento ativo pode ser visto como um potenciador da economia através da dinamização do empreendedorismo, da cocriação e do codesenvolvimento. É possível gerar valor através do impacto positivo na qualidade de vida das pessoas idosas, da maior satisfação dos profissionais de saúde e prestadores de cuidados, da melhor qualidade de vida e segurança financeira dos familiares e outros cuidados informais, bem como a maior eficiência e aumento da produtividade dos sistemas de saúde e de segurança social.

Os indivíduos vivem mais e desfrutam de melhores condições de vida se prolongarem a sua carreira profissional, pois têm como vantagem o facto de se poderem integrar de uma forma mais ampla na sociedade adiando a diminuição dos contactos sociais e institucionais que acontece quando entram na reforma. “Manter a ligação ao mundo do trabalho é prolongar uma ligação à sociedade bastante mais forte do que aquela que resulta da entrada na inatividade” (Ferreira, 2011:7).

As pessoas ativas em termos laborais contribuem para a produtividade económica e têm tendência a serem mais saudáveis e assim recorrem menos aos serviços de saúde contribuindo assim para a contenção das despesas públicas (São José e Teixeira, 2014:45).

Segundo Fralda (2014: 39-40), o envelhecimento ativo tem quatro pressupostos chave: a autonomia, a independência, a expectativa de vida saudável e a qualidade de vida. E tem três pilares que apoiam o conceito: a saúde, a segurança e o clima social.

Esta abordagem de envelhecimento ativo baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas idosas e nos princípios das Nações Unidas de independência, participação, dignidade, assistência e autorrealização (Delgado, 2016: 13).

Tem três componentes: a) o processo de envelhecimento biológico que resulta da vulnerabilidade crescente e da maior probabilidade de morrer, b) um envelhecimento social referente às expectativas da sociedade em relação a este grupo etário, c) o envelhecimento psicológico, onde o indivíduo toma decisões e opções adaptando-se ao processo de envelhecimento (Gonçalves, 2015:14).

No entanto existem alguns obstáculos à implementação da política de Envelhecimento Ativo tais como a inexistência de medidas concretas em múltiplos domínios das políticas públicas, a acentuação das desigualdades entre “3ª idade” e “4ª idade”, o idadismo, isto é, o preconceito baseado na idade que causa a discriminação contras as pessoas consideradas idosas (Castro, 2017:41), as desigualdades sociais e a fragilidade do bem-estar sénior.

Existem algumas linhas de orientação para as políticas públicas tais como estratégias proactivas de emprego que contribuíssem para combater as discriminações associadas à idade, reconhecer o direito de todos os cidadãos a um rendimento digno para a sua participação plena na vida social e garantir cuidados de saúde adequados à participação das pessoas idosas no mercado de trabalho (Ferreira, 2011:10).

## **O envelhecimento no meio rural**

Segundo Sousa (2013:7-8) o aumento da proporção de moradores urbanos com 60 e mais anos acarreta riscos de segurança, de exclusão e ao nível dos estilos de vida. Ao mesmo

tempo, o fenómeno de êxodo rural da população mais nova resulta num aumento e isolamento das pessoas idosas nas zonas mais despovoadas.

As pessoas que envelhecem no meio rural vivem sobre menos pressão e quando passam para a reforma continuam com a sua vida quotidiana que passa por cuidar dos animais e da horta. E demonstram viver melhor, com um nível de bem estar superior aos demais pois são mais autónomos e criam mais laços com a vizinhança. Já os idosos que vivem num ambiente urbano correm mais o risco de acabar a viver sós, que é o que se passa nas cidades de grande dimensão onde as pessoas não criam laços fortes umas com as outras, o que mais tarde pode levar a uma situação de exclusão social (Sousa, 2013:7-8).

As pessoas idosas que vivem no meio rural tiveram como referência, a maior parte da sua vida, as especificidades culturais, sociais, económicas e profissionais típicas da sociedade tradicional (Cavaco, 2011:19).

Sousa (2013, citando Lopes, 2004) apresenta-nos um estudo comparativo entre a qualidade de vida e suporte social de idosos remetendo para os dois meios distintos, urbano e rural. No meio rural, o suporte recebido tem maior visibilidade enquanto no meio urbano existe uma carência a vários níveis que se torna perceptível na falta de respostas a problemas emergentes.

A constituição da Republica Portuguesa salvaguarda o reconhecimento da dignidade da pessoa humana, no que se refere especificamente à pessoa idosa, no artigo 72º sob a epigrafe de “terceira idade”, determina que as “pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal e evitem e superem o isolamento ou a marginalização social”, como o direito à realização pessoal e a uma participação ativa na vida da comunidade (Organização Mundial de Saúde, 2002:11 citado por SNS – Serviço Nacional de Saúde – 2017-2025 (2017:)).

Durante a inatividade, a ocupação do tempo com partilha de sociabilidades, o envolvimento em atividades coletivas ou o prosseguimento de interesses pessoais dependem dos condicionalismos cognitivos, motivacionais, sociais e de saúde (Ferreira, 2011:12).

Bassit (2002:176) cita Oberg e Ruth (1995) que consideram que a forma como uma vida é vivida vai-se refletir nos significados atribuídos à velhice. A vida de uma pessoa é organizada segundo crenças, valores, representações e conceitos, isto é, a sua cultura.

Nos idosos do meio rural continua a notar-se uma grande dedicação ao solo e atribuem grande importância às relações familiares e à poupança como estratégia de segurança (Cavaco, 2001:18).

## **Teorias do Envelhecimento**

Existem três Teorias Sociológicas do Envelhecimento que pretendem aprofundar as influências e as relações que existem entre variáveis que são essenciais para se compreender esta realidade. São elas a Teoria da Atividade, a Teoria do “Desengajamento” ou Teoria do Desligamento e a Teoria da Continuidade (Santos, 2013: 12-13).

A Teoria da Atividade visa a continuidade da prática da atividade física no idoso com a finalidade de promover a sua autoestima e melhorar a sua saúde. Para um envelhecimento bem-sucedido é necessário descobrir novas coisas e reinventar os papéis anteriormente já desempenhados, e assim o idoso têm uma aceitação mais fácil da sua idade da reforma (Santos, 2013: 12).

Esta teoria sugere a participação contínua dos mais velhos na sociedade, dando ênfase às competências e conhecimentos que este grupo possui e o seu potencial enquanto recurso influente para a sociedade (Ribeiro, 2012: 34).

Segundo Gonçalves (2015:17), a Teoria da Atividade afirma que o indivíduo se deve sentir ativo e capaz de concretizar os seus objetivos de vida e ao mesmo tempo aceitar novos desafios e atividades para obter um envelhecimento bem-sucedido.

A teoria da atividade consiste numa das primeiras teorias não biológicas do envelhecimento a surgir, sendo apontada a atividade como indispensável para um envelhecimento saudável (Delgado, 2016:8).

Na perspetiva dos autores São José e Teixeira (2014:30), a teoria da atividade surgiu em oposição à teoria do “desengajamento” e sugere que os indivíduos mantenham a sua atividade e papéis sociais nas fases mais adiantadas da vida pois assim têm níveis mais elevados de bem-estar e de qualidade de vida. Mas esta teoria tem sido criticada pelo facto de generalizar a toda a população idosa, de ser irrealista no que diz respeito às pessoas mais idosas e por negligenciar as desigualdades de oportunidades e de recursos.

Daniel et al (2016: 358) afirma que a teoria da atividade entende que um envelhecimento dito saudável está relacionado com a manutenção das atividades sociais por parte da pessoa idosa, reforçando assim a sua satisfação com a vida, assim como a manutenção de papéis familiares, sociais e laborais. Esta teoria está relacionada com o sucesso no envelhecimento, onde se preservam as relações e interações do sujeito.

A Teoria do “Desengajamento” mostra que existe uma desinserção que vai acontecendo gradualmente entre o indivíduo e a sociedade pois este passa pelo processo de envelhecimento e afasta-se da sociedade devido à mesma lhe oferecer menos oportunidades e menos respostas (Santos, 2013: 12).

Gonçalves (2015:17) afirma que a Teoria do Desligamento refere-se à interação existente ou não entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo aceita as suas novas condições acabando por se afastar a nível pessoal da sociedade ao contrário do que acontece na Teoria da Atividade.

Na perspetiva de Daniel et al (2016: 358), a Teoria do Desligamento vai de encontro com as anteriores, esta teoria postula que quando o indivíduo envelhece retira-se dos seus papéis sociais focando-se cada vez menos na sociedade e mais em si próprio, alterando as suas relações sociais tanto em quantidade como em qualidade.

A Teoria da Continuidade pretende mostrar que o envelhecimento faz parte da vida de um indivíduo e que não é uma etapa final. O indivíduo pode continuar com as experiências e escolhas que tinha antes, ou seja, pode manter a mesma vida que mantinha anteriormente, mas com alguma adaptação ao momento presente (Santos, 2013: 13).

Na teoria da continuidade sugere-se que as pessoas com melhor qualidade de vida na “meia-idade” são aquelas que levam as suas atividades, atitudes e estilos de vida para as idades mais avançadas e reconhece também que o mais importante não é a quantidade de atividades realizadas, mas sim a qualidade das mesmas. Esta teoria é acusada de negligenciar as estruturas de desigualdade social e a diversidade dos padrões do envelhecimento (São José e Teixeira, 2014: 30).

São José e Teixeira (2014: 30) sugerem a proposta teórica de Vicent Caradec que propõe abordar o envelhecimento assente no conceito de “desafio” focando-se na “grande idade”, isto é, 80 e mais anos, e sugere que as pessoas pertencentes a esta faixa etária enfrentam um grande “desafio”, composto por uma tensão entre estar ligado ou desligado da sociedade. A “reorganização de atividades” decorre do aparecimento de novos

constrangimentos com o avançar da idade e é enfrentado de formas diferentes pois as pessoas têm diferentes recursos pessoais e sociais.

As teorias do desligamento e da atividade, apesar de serem diferentes, ambas têm problemas pois não têm em conta a multidirecionalidade do desenvolvimento que resulta das diferenças tanto ao nível da personalidade como nas histórias de vida dos indivíduos. Ambas tendem a observar o envelhecimento como algo linear, como sendo da mesma maneira para todos os sujeitos, algo generalizado, não tendo em conta a heterogeneidade social e individual (Daniel et al, 2016: 359).

Existem outras teorias tais como a teoria do meio social, teoria da subcultura e a teoria da estratificação etária (Serafim, 2007).

Na teoria do meio social verifica-se que o comportamento na velhice está dependente de um conjunto de fatores biológicos, sociais e económicos, que pretendem fazer a articulação com os aspetos estruturais, interativos e pessoais. O processo de envelhecimento e a maneira como este processo é vivido é explicado pela correlação entre a personalidade e o meio, sendo a moral do idoso determinada pelas características socio ambientais do envelhecimento.

Na teoria da subcultura, a idade é entendida como uma forma de subcultura, acabando esta por restringir os comportamentos dos indivíduos. Os seniores compartilham entre si valores, normas, comportamentos, sendo possuidores de uma subcultura.

A teoria da estratificação etária foi desenvolvida nos anos 70 por Riley e Foner, tem como princípio a idade como variável determinante do comportamento assente em dois critérios: a idade limita a capacidade do individuo para desempenhar diferentes papeis e atividades e a sociedade com base na idade distingue direitos, papeis e oportunidades.

## **Capítulo II - Educação de adultos: um campo complexo e diversificado de práticas educativas**

A educação é a ação desenvolvida sobre as pessoas que formam a sociedade, com o objetivo de capacitá-las de maneira integral, consciente, eficiente e eficaz. O objetivo da ação

educativa é preparar as pessoas para a vida, para contribuírem para o desenvolvimento da sociedade em que vivem, e isso significa muito mais que possuir conhecimentos de cultura geral, científica e técnica, significa ter valores éticos, estéticos e morais (Calleja, 2008:109).

O conceito de educação engloba uma grande “componente ética e moral, a qual lhe é constitutiva, estando relacionado com o desenvolvimento do ser humano, no sentido de cada um de nós se tornar melhor pessoa” (Gonçalves e Oliveira, 2011: 246 citado por Oliveira, 2013:59). Ou seja, engloba todo “um processo de formação do carácter, de formação da pessoa” (Maslow, 1985 citado por Simões, 1989: 5).

“A educação é essencial para “aprender a crescer, aprender em que sentido crescer, aprender o que é bom e o que é mau, aprender o que é desejável e indesejável, aprender o que escolher e o que não escolher” (Simões, 2007:5 citado por Oliveira, 2013:59).

Para Durkheim, a educação representa um papel importante na socialização. Admite que a escolarização permite a interiorização de regras sociais que são essenciais para o funcionamento da sociedade. A escola assumia um papel fundamental no ensino dos valores da responsabilidade mútua e do bem comum. Na visão de Durkheim, a educação transmite as competências necessárias ao desempenho de papéis em ocupações cada vez mais especializadas (Giddens, 2013:945).

Segundo este autor, a educação é bastante importante para o processo de adaptação dos indivíduos à sociedade e teria a função essencial de garantir a interiorização de normas, regras, símbolos, pensamentos e padrões de comportamento que garantissem a harmonia da convivência social. Por intermédio da educação, haveria a garantia da transmissão de normas e valores sociais de uma geração para outra (Souza e Campos, 2016:14).

A educação é frequentemente conceptualizada nas suas formas como educação formal, educação não formal e educação informal (Cavaco, 2001).

A educação formal caracteriza-se por ser muito estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias como escolas e universidades. Exige tempos e locais específicos, pessoal especializado, organização, sistematização, disciplina, regulamentos e leis, órgãos superiores. O resultado esperado é a aprendizagem efetiva, certificação e atribuição de diplomas que habilitam os indivíduos a seguir para níveis e graus mais avançados. A educação não formal o

educador é o “outro” com quem se interage, processa-se fora do domínio escolar, em locais informais e é transmitida pelos museus, meios de comunicação e outras instituições. Capacita os indivíduos para se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. A educação informal ocorre de forma espontânea no quotidiano através de conversas e vivências com familiares, amigos, colegas e outras pessoas. É um processo permanente e não organizado. Os conhecimentos são transmitidos a partir da prática e da experiência anteriores (Bruno, 2014:13-14).

A sociedade exige cada vez mais uma educação que se vai afastando do modelo educativo tradicional, ou seja, da educação formal. Torna-se essencial o desenvolvimento de uma atitude que promova uma aprendizagem constante, ao longo de toda a vida, dentro e fora do sistema educativo formal, seja na escola, em família, em grupos ou em comunidade. A educação de adultos engloba a alfabetização de adultos, a formação profissional, a animação e desenvolvimento comunitário, a formação pós-graduada, a ocupação educativa dos tempos livres, o desenvolvimento pessoal e social, e muito mais. Dirige-se a populações diversas e com objetivos bastante distintos. Podemos encontrar jovens excluídos do sistema de ensino regular, adultos que procuram na educação de adultos uma nova oportunidade de acesso ou de possibilidade de progressão escolar, pessoas que procuram na educação novas formas de valorização pessoal (Bergano, 2002:10-17).

A educação nas sociedades modernas passa a ser compreendida como um processo que se dá ao longo de toda a vida e não algo que se restringe à população jovem.

“O contexto económico e social das sociedades modernas tornou os adultos num grupo prioritário em termos de intervenção educativa (...) Passou a considerar-se que a educação não deveria ser unicamente dirigidas às crianças, mas sim a todas as idades” (Cavaco, 2001:47).

Ao longo dos anos de 90, a União Europeia passou a mostrar preocupações mais óbvias com a formação, educação e aprendizagem, no contexto de uma forte crítica aos sistemas educativos nacionais. Em 2000, a Estratégia de Lisboa produziu uma definição mais clara das finalidades e da intervenção da EU neste domínio. Assumindo como objetivo estratégico até 2010, a construção de uma economia mais dinâmica e competitiva do mundo, fundamentada no conhecimento e, ao mesmo tempo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e maior coesão social (Guimarães, 2016:38).

Na sequência da II Guerra Mundial houve um crescimento exponencial das ofertas de escolarização, acompanhado por ofertas educativas orientadas ao público adulto pouco escolarizado. A educação de adultos começou a despertar interesse na Europa, mas depressa cresceu nos países industrializados do Norte. Ganhou uma identidade própria construindo e propondo uma nova visão global e integrada da educação através do movimento de educação permanente. Esta define-se como uma “multiplicidade de práticas onde a aprendizagem nunca está separada da mudança” (Canário, 2013:556-562).

A partir dos anos 60, a educação de adultos é mais orientada para a tentativa de evidenciar a inadequação dos métodos utilizados na educação das crianças e dos jovens ao mundo dos adultos.

A oferta educativa atravessa os “30 anos gloriosos” e regista-se um crescimento da educação de adultos. Bholá (1989:14) afirma que o centro de interesse da educação de adultos teve o seu foco na Europa devastada pela guerra, em seguida deslocou-se progressivamente para os países de terceiro mundo.

Entre as décadas de 60 e 70, a educação de adultos cresceu na Europa, assim como os programas educativos. As atividades de educação foram organizadas e financiadas ou subsidiadas pelo Estado na maior parte dos países (Finger e Asun, 2003:88).

Um dos autores que mais questionou a escola na sua forma institucional foi Ivan Illich. Este autor defendia que a noção de ensino obrigatório, hoje aceite em todo o mundo, devia ser questionada. Segundo este autor o desenvolvimento das escolas tinha por finalidade quatro objetivos: a provisão de cuidados de custódia, a distribuição de pessoas pelas ocupações, a aprendizagem dos valores dominantes e a aquisição de competências e conhecimentos socialmente aprovados. Defendia a descolarização da sociedade sublinhando que o ensino obrigatório não promove a igualdade ou o desenvolvimento das potencialidades criativas individuais (Giddens, 2013:948).

A educação deveria proporcionar o acesso aos recursos disponíveis a todos os que estão dispostos a aprender, em qualquer momento da sua vida e não apenas na infância ou na adolescência. A desinstalação da escola poderia acabar com a atual discriminação contra recém nascidos, adultos, velhos e deixar de favorecer apenas adolescentes e jovens. A maior parte dos nossos conhecimentos adquirimo-los fora da escola, os alunos realizam a maior parte da sua aprendizagem sem os professores. Todos aprendemos como viver sem o auxílio

da escola. Aprendemos a falar, pensar, sentir, brincar sem a interferência de professor algum (Illich, 1985:43).

Illich sugeriu diversos tipos de enquadramento educacional em substituição das escolas tais como os recursos materiais para a aprendizagem formal seriam depositados em bibliotecas, laboratórios, ficando acessíveis a qualquer estudante, seriam estabelecidas “redes de comunicação” que disponibilizassem informações tanto sobre o conhecimento e aptidões de diferentes indivíduos, como sobre a disponibilidade destes para transmitir e envolverem-se em atividades de aprendizagens mútuas e aos estudantes seriam fornecidos passes permitindo o acesso aos serviços educativos quando o desejassem (Giddens, 2013:950).

Um bom sistema educacional deve ter os seguintes propósitos: dar a todos os que queiram aprender acesso aos recursos disponíveis, em qualquer época da sua vida, capacitar a todos os que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles (Illich, 1985:86).

A UNESCO tem desempenhado um papel fundamental no domínio da educação de adultos. A educação de adultos tem sido um foco da UNESCO desde a sua criação, sobretudo na alfabetização e na educação básica de adultos. (Finger e Asún, 2003:30).

“A expressão educação de adultos designa a totalidade dos processos organizados de Educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prologuem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e Universidades e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspetiva de um desenvolvimento integral da pessoa e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural equilibrado e independente” (GEP, 2007:11).

A educação de adultos, para a UNESCO, é considerada como um movimento social: deve fazer-se uma educação permanente para o desenvolvimento da sociedade, de modo a que o progresso técnico e a cultura beneficiem todos os seres humanos (Finger, 2005:18).

A educação e formação de adultos é considerada como o “conjunto de processos de aprendizagem, formal e não formal, graças ao qual as pessoas consideradas adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas capacidades, enriquecem os seus

conhecimentos e melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou as orientam de modo a satisfazerem as suas próprias necessidades e as da sociedade”. A educação e formação de adultos “refere-se ao fenómeno derivado da integração de teorias, estratégias, orientações e modelos organizacionais com o objetivo de interpretar, dirigir e administrar os processos de instrução individuais e coletivos ao longo de toda a vida” (Quintas, 2008: 20).

Segundo Canário (1999:11-23), a educação de adultos é um fenómeno que pode ser considerado como existindo desde sempre e não é propriamente falando, uma novidade. É um processo permanente. Condorcet, conhecido como o “profeta” da educação permanente afirma que não existe idade para aprender.

Finger e Asun (2003:22-23), afirmam que na educação de adultos, o conhecimento é criado pelas pessoas, não para as pessoas e supõe uma participação livre e descomprometida.

Este tipo de educação está associado a dois processos sociais. O primeiro tem a ver com o desenvolvimento de movimentos sociais de massas (educação popular) e o segundo são os processos de formação e consolidação dos sistemas escolares nacionais que conduziu à emergência de modalidades do ensino de segundas oportunidades.

Segundo Finger e Asun (2003:39), o pragmatismo é a base intelectual da educação de adultos, John Dewey é considerado o “pai” da educação de adultos. A teoria da educação de Dewey tem três diferentes funções. A educação como preparação que tem como propósito atualizar as pessoas e tornar as pessoas membros da comunidade; a educação como potencial, isto é, inserir inovação, criatividade e imaginação na realidade; a educação como ação onde a função é aumentar a capacidade de agir ou resolver problemas.

Para Dewey, a educação é que tem de garantir que a todos os membros da comunidade é dada a oportunidade de ter experiências, de atribuir significado às suas experiências e de aprender com elas. Deve também proporcionar a todas as pessoas iguais oportunidades, incorporar e explorar a criatividade e a curiosidade para que todos possam ter experiências com que aprender.

Os humanos têm uma capacidade de plasticidade, isto é, têm a dupla capacidade de primeiro aprender com a experiência e depois construir sobre esta aprendizagem e ao fazê-lo, aumentar a própria capacidade de aprendizagem.

As culturas abertas aumentam a possibilidade de aprender com a experiência enquanto as culturas de hábitos fixos impedem o desenvolvimento e o crescimento. Quanto mais a

cultura for aberta maior o potencial de crescimento e mais humanizado o ambiente, o que significa mais liberdade para os indivíduos (Finger e Asun, 2003:37-39).

Para Peter Jarvis, a educação de adultos situa-se no contexto do pragmatismo e mais precisamente no interacionismo simbólico. Preocupa-se principalmente com a aprendizagem do adulto no contexto social. A interação simbólica que um indivíduo tem com os outros incita a reação desses outros que provoca a experiência do indivíduo. Esta experiência é um feedback (Finger e Asun, 2003:52-54).

Jack Mezirow, afirma que a educação de adultos facilita o que ele chama de transformação de perspectiva, isto é, o desenvolvimento do adulto. Vê a aprendizagem do adulto situada igualmente em aspetos simbólicos, mas vai mais longe do que Jarvis. Tenta dar uma orientação real a esta evolução que ele vê como uma espécie de emancipação individual e societal. A verdadeira aprendizagem do adulto ocorre quando a transformação de perspectiva acontece (Finger e Asun, 2003:55-57).

Federighi e Melo entendem que existem dois paradigmas nas orientações e nas práticas educativas, um paradigma neoliberal e um paradigma crítico liberal. No paradigma neoliberal, a educação e formação de adultos é vista como um meio que oferece condições ao indivíduo para que participe no seu progresso e tem como fim complementar conhecimentos e competências em referência a fins pré determinados. No paradigma crítico liberal, os objetivos cruzam-se com os aspetos económicos, políticos e sociais que fazem parte da vida individual e comunitária (Quintas, 2008:21).

A “educação de adultos” conotada como “educação permanente” tem tido uma evolução negativa no nosso país. Esta evolução parece exprimir de forma significativa o caminho percorrido desde uma conceção próxima da educação permanente à prática de um ensino escolar de segunda oportunidade (Canário, 1999:35).

Sem tradição, sempre adiada e à procura de um lugar no sistema educativo, a educação de adultos transformou-se no setor mais crítico e problemático de um sistema de educação ao longo da vida em Portugal (Lima, 2005:32).

A educação de adultos é essencial nas dinâmicas de desenvolvimento local, em que se procura desenvolver a autonomia das populações, a capacidade de decisão e o espírito de iniciativa (Cavaco, 2001:15).

Segundo Quintas (2008:20), a diversificação de propostas educativas e formativas na educação de adultos, é visível em três planos distintos: no plano das práticas educativas tais

como a alfabetização, a formação profissional, o desenvolvimento local e a animação socio cultural; no plano dos contextos educativos destaca-se o carácter educativo da experiência vivida e o plano do perfil de formador que questiona o conceito de profissionalização, que limitava a prática de educação de adultos aos professores.

O Sociólogo Nikolas Rose afirma que ficamos todos obrigados a um trabalho contínuo de formação, de atualização e de reciclagem, de aquisição de novas competências e de preparação para uma vida de procura permanente de trabalho. É necessário o direito à educação permanente (Canário e Cabrito, 2005:12).

A educação de adultos humanista procura facilitar o processo de aprendizagem, o crescimento pessoal e o desenvolvimento do adulto que irá resultar em auto realização. A pessoa não cresce e não aprende se a experiência de aprendizagem não for significativa (Finger e Asun, 2003:64).

António Novoa expõe princípios de orientação a qualquer projeto de formação de adultos. No 1º princípio, o adulto em situação de formação é portador de uma história de vida e de uma experiência profissional, no 2º princípio, a formação é sempre um processo de transformação individual, no 3º princípio, a formação é sempre um processo de mudança institucional e no 4º princípio, formar não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar coletivamente em torno da resolução de problemas.

Para Stephen Brookfield, os princípios essenciais da educação de adultos são o carácter de participação voluntária, o respeito mútuo (entre professor e aluno), o espírito colaborativo entre aprendente e facilitador, a ação e a reflexão, o pensamento crítico e a aprendizagem autodirigida (Finger e Asun, 2003:69).

Lima (2005:42) defende que vários estudos realizados nos últimos anos têm identificado iniciativas populares de educação de adultos, levados a cabo por associações de diferente tipo, a maioria dos casos enquadrados em programas de financiamento, de desenvolvimento rural, de formação profissional e de solidariedade social.

Finger e Asun (2003:88) afirmam que a educação de adultos na Europa tem duas ideias fulcrais, a emancipação e a compensação. As práticas de educação de adultos foram respostas variadas e contrastantes às lutas de grupos sociais que aspiravam à emancipação na espera de uma sociedade melhor, mais justa, mais livre e mais democrática.

A educação de adultos deveria fornecer ao aprendente individual as respostas aos desafios e problemas que enfrentam na sociedade. Deveriam ajudar os indivíduos a

comunicar, a aprender a aprender, a desenvolver a sua personalidade, a funcionar como cidadãos e a relacionar-se com os outros (Finger e Asun, 2003:113).

A educação de adultos tornou-se mais do que um direito. É um seguimento da cidadania ativa e uma condição para a total participação na sociedade. Compreende todo o conjunto de processos de aprendizagem em curso, sejam formais ou não, através dos quais pessoas que a própria sociedade considera como adultos desenvolvem as suas capacidades, desenvolvem conhecimentos, aperfeiçoam qualificações técnicas e profissionais (Melo et al, 1998:20).

Segundo Finger (2005:19), a educação de adultos adaptou-se à evolução do mundo do trabalho, à evolução das profissões, da indústria.

Le Goff (1996) afirma que no contexto atual a formação de adultos passou a ser um elemento central das políticas de gestão social do desemprego, integrando-se de forma perfeitamente harmoniosa nos objetivos das empresas, com o objetivo de aumentar a produtividade e criar emprego.

### **Da Educação Permanente à aprendizagem ao longo da vida**

O movimento da educação permanente teve início nos anos 70 e surgiu num contexto de rutura e de crítica com o modelo escolar. Foi encarado como um processo contínuo que desde o nascimento à morte se confunde com a existência e a “construção da pessoa”. Este movimento tem três pressupostos, a continuidade do processo educativo, o da sua diversidade e o da sua globalidade.

O conceito de educação permanente acaba com as certezas que a escolarização é o único meio de aquisição de conhecimentos. Foi a partir dos anos 70 que existiu a rutura com o modelo escolar e que se defende a continuidade do processo educativo ao longo da vida (Cavaco, 2001:47).

O mais importante da educação permanente é a chamada “sociedade de aprendizagem”, isto não significa uma sociedade aprendente, mas sim uma sociedade de pessoas aprendentes ao longo da vida. É importante para uma sociedade que todos os seus

membros tenham direito à educação. Este direito tem de ser garantido e a aprendizagem tem de ser ao longo da vida (Finger e Asun, 2003:33).

O principal é dar ao projeto de educação permanente capacidade e autonomia para responder aos novos processos de educação com o objetivo da constituição de sujeitos críticos e cidadãos ativos.

A educação permanente difere da educação tradicional em três aspetos, considera que a educação tradicional é teórica, é afastada da experiência e a educação permanente propõe a “educação para todos”. A educação tradicional é também criticada pelo seu conservadorismo, que coloca em evidência as desigualdades da relação autoritária entre professor e aluno. As ideias fundamentais da educação permanente são a educação ser permanente, a educação estar em todo o lado, a vida é a principal fonte de aprendizagem, a educação é para todos e a educação permanente tem como objetivo melhorar a qualidade de vida (Finger e Asun, 2003:31).

Segundo a UNESCO, é necessário a criação de uma sociedade em que todos estejam sempre a aprender. Mas a educação permanente tem de ser entendida como um movimento institucional. A educação permanente foi concebida pela UNESCO como uma resposta a 4 desafios sociais. A reprodução cultural transmite que é a partir da educação que a sociedade consegue enfrentar a aceleração do desenvolvimento e da mudança crescente. A ciência e a tecnologia são os motores da mudança, para integrá-las na sociedade e tirar proveito delas é necessária mais educação para a sociedade poder dominar este progresso. Com o crescimento da informação, é necessário assegurar que as pessoas controlam tal quantidade de informação e integrá-la na sociedade e isso requer mais educação e aprendizagem para ajudar a “humanizar” essa informação. Tanto as pessoas como as sociedades inteiras precisam de mais educação que as capacitem a serem atores em vez de vítimas da mudança e do desenvolvimento (Finger e Asun, 2003:30-31).

A UNESCO Guidelines identifica os seguintes princípios: i) assegurar a equidade e a inclusão no acesso às oportunidades de aprendizagem. Cada indivíduo deve ter o direito de aceder e de se envolver em qualquer forma de aprendizagem que se adeque às suas necessidades e de ver reconhecidos e valorizados os seus resultados de aprendizagem; ii) promover a equidade entre os resultados das aprendizagens formais, não formais e informais. As competências que cada indivíduo acumulou através da aprendizagem não formal e informal devem ser tratadas em igualdade com aquelas que se obtém através da aprendizagem formal; iii) aumentar a flexibilidade e a abertura dos sistemas formais de educação e

formação. Os sistemas de educação e formação devem considerar diferentes formas de aprendizagem, tendo em conta as necessidades e as experiências dos aprendentes (Aníbal, 2013:10).

A educação ocorre ao longo do ciclo de vida da pessoa, num processo permanente, onde ocorrem aprendizagens e reaprendizagens contínuas e constantes em que aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver juntos e instruir fazem parte do trajeto de cada pessoa através de ações de educação formal, não formal ou informal, ou seja, o ser humano está constantemente a educar-se. O acesso à educação está reconhecido como um direito comum a todas as pessoas, pois é considerada uma condição essencial para uma inclusão e participação social (Oliveira, 2013:59).

“A educação é assim considerada como algo permanente, que ocorre ao longo da vida, de uma forma interativa e cumulativa, para acompanhar as mudanças rápidas e contínuas da sociedade moderna” (Dal Rio, 2009 citado por Oliveira, 2013:60).

Finger e Asun (2003:33-34) fazem quatro críticas fundamentais à educação permanente. A primeira crítica feita é o facto de a educação permanente partir para o desenvolvimento sem o questionar, em segundo lugar, a educação permanente não critica as instituições (escolas), em terceiro lugar, não está inserida na psicologia, nem na pedagogia, nem em qualquer outra ciência social, por fim, a educação permanente confunde educação e aprendizagem individual e coletiva.

O Livro Branco procura identificar desafios emergentes no domínio da educação/formação, no contexto europeu, delinear orientações e linhas de ação que ajudem o desenvolvimento da qualidade destes sistemas. Promove a igualdade de oportunidades e destaca ainda o papel que a educação e a formação desempenham na “identificação, integração, promoção social e realização social” dos cidadãos europeus procurando conciliar a perspectiva de inserção social, da empregabilidade e da realização pessoal (Pires, 2005:77).

A educação e formação são compreendidas como um meio para a competitividade económica e para o emprego e como um auxílio importante para o combate à exclusão social (Pires, 2005:80).

A educação e a formação não podem restringir-se a etapas delimitadas da vida de cada pessoa, mas sim um processo que se desenrola ao longo de toda a existência. A educação entendida como algo permanente e ao longo da vida deve desenvolver outros valores que não

apenas competição e lucro, deve criar novas formas de articular o aprender, o viver e trabalhar (Canário, 1999).

A estratégia de desenvolvimento da aprendizagem ao longo da vida para todos, do berço à cova, foi acordada em 1996 pelos ministros da Educação, Trabalho e Assuntos Sociais dos países que compõem a OCDE (Aníbal, 2013:12-15).

Segundo o Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida (2000), a aprendizagem ao longo da vida reforça a necessidade de adotar uma ação face às atuais mudanças económicas e sociais, através de uma nova abordagem da educação e da formação (Pires, 2005:81).

O conceito de aprendizagem ao longo da vida procura “cobrir todas as formas de educação pós obrigatória, incluindo a educação familiar, a educação comunitária, a educação e formação de adultos tradicional, a educação pós escolar e superior e a formação profissional e continua”. Propõe uma mudança de significado da educação concedida por um organismo e dá grande relevo à experiência de aprendizagem individual (Quintas, 2008:17).

“A aprendizagem ao longo da vida não pode ser confundida com a educação de adultos pois o próprio princípio “ao longo da vida” indica que a educação ocorre em todas as idades e não só na idade adulta. Por outro lado, se a educação ao longo da vida se dá em espaços formais e informais, reduzir esse conceito à educação formal seria, também, privá-lo de uma das grandes potencialidades. Por isso não devemos confundir educação ao longo da vida com a educação formal” (Gadotti, 2006:3).

A aprendizagem ao longo da vida é entendida como toda e qualquer atividade de aprendizagem visando melhorar conhecimentos, aptidões e competências, no quadro de uma perspetiva pessoal, e os seus principais objetivos são a promoção da cidadania e o incentivo da empregabilidade. Manifesta a preocupação de obter um crescimento económico dinâmico reforçando a coesão social.

Os dois objetivos da aprendizagem ao longo da vida são a cidadania ativa, isto é, a participação em todas as esferas da vida social e económica e a empregabilidade, ou seja, a capacidade de assegurar um emprego e de o manter (Pires, 2005:81).

Qualquer pessoa tem de aprender durante toda a sua vida, pois só em interação com os outros e com o mundo físico, que está sempre em evolução, conseguirá adaptar-se às

mudanças e assegurar a sua sobrevivência e até a melhoria da sua qualidade de vida (GEP e MTSS, 2007:9).

“A aprendizagem ao longo da vida pode ser definida como “toda a atividade de aprendizagem em qualquer momento da vida, com o objetivo de melhorar os conhecimentos, as aptidões e competências no quadro de uma perspectiva pessoal, cívica, social e/ou racional com o emprego” (Gonçalves, 2015:22).

A aprendizagem ao longo da vida, segundo Lima (2005:43), parte do princípio que os cidadãos adultos aprendem permanentemente e naturalmente por sua iniciativa sem necessidade de políticas de educação de adultos pois iriam impedir a criatividade e a capacidade de inovação, substituindo a livre iniciativa da sociedade civil.

Com a necessidade do indivíduo pós moderno estar preparado para a mudança, o conceito de aprendizagem ao longo da vida torna-se numa importante estratégia não só de adaptabilidade, mas também de produção de conhecimento e de poder.

Uma das capacidades que a aprendizagem ao longo da vida tem é quebrar a visão da educação dividida por modalidades, ciclos e níveis. A aprendizagem ao longo da vida articula a educação como um todo, independentemente da idade. A educação deve estender-se por toda a vida, desde o nascimento até à morte, isto significa que a aprendizagem não se reduz apenas à aprendida na escola e no ensino formal. A educação ao longo da vida tem como pilar da educação o tema da “vida”, entende a educação não como um processo formal, mas sim ligado ao quotidiano, ao trabalho e à cultura. Trata-se de uma educação ligada à vida, ao bem viver das pessoas e à cidadania (Gadotti, 2016:3 e 7).

A aprendizagem ao longo da vida é necessária para a integração social e para o equilíbrio e coerência interna dos estados e das comunidades, é fundamental para a qualidade de vida dos sujeitos e para que este consigam gerir melhor o seu quotidiano (Quintas, 2008:17).

A aprendizagem ao longo da vida unifica-se nas oportunidades de educação e de formação facultadas a uma pessoa ao longo da vida que lhes permite a aquisição, atualização e adaptação permanentes dos seus conhecimentos, qualificações e competências. É também importante para a competitividade, empregabilidade e a inclusão social, mas também para as dimensões mais gerais da cidadania e do desenvolvimento pessoal (GEP e MTSS, 2007:93).

A estratégia global e coerente de aprendizagem ao longo da vida para a Europa pretende garantir o acesso universal e contínuo à aprendizagem, com vista à aquisição e renovação das competências necessárias à participação sustentada na sociedade do conhecimento; desenvolver significativamente a forma como são entendidos e avaliados a participação e os resultados da aprendizagem, em especial, da aprendizagem não formal e informal; assegurar o acesso facilitado de todos à informação e aconselhamento de qualidade sobre oportunidades de aprendizagem em toda a Europa e durante toda a vida; providenciar oportunidades de aprendizagem ao longo da vida tão próximas quanto possível dos aprendentes, nas suas próprias comunidades apoiadas, se necessário, em estruturas TIC (GEP e MTSS, 2007:13).

Melo et al (1998:21) reconhece que é essencial o direito à educação ao longo da vida, não só o direito como um dever e uma responsabilidade, tanto para os outros como para a sociedade no seu todo.

Estamos de acordo com Pires (2007:38) quando nos diz que:

“A construção de uma sociedade de educação e formação ao longo da vida baseia-se no desenvolvimento de uma verdadeira cultura de aprendizagem, em que o sistema educativo, o mundo do trabalho, os contextos organizacionais e a sociedade no seu todo desempenham um papel imprescindível. A redistribuição e a partilha de responsabilidades ao nível coletivo, entre diferentes instâncias, instituições e agentes, parece-nos ainda um longo caminho a percorrer”.

O memorando sobre a aprendizagem ao longo da vida reforça as ideias do Livro Branco, mas introduz uma nova perspetiva de aprendizagem mais complexa e alargada, diluindo as fronteiras entre educação e formação, reconhecendo a importância dos contextos não formais e informais na aprendizagem dos adultos. A valorização dos saberes adquiridos ao longo da vida permite a potenciação do indivíduo e constitui-se como um ponto de partida para a aquisição de novos saberes, impulsionando uma nova dinâmica para a aprendizagem (Pires, 2005:91-92).

Segundo Pires (2005: 92-98) existem críticas feitas ao conceito de aprendizagem ao longo da vida tais como a responsabilização individual, a visão instrumental da aprendizagem, a perspetiva determinista e as contradições e paradoxos no discurso sobre as aprendizagens.

Crítica-se o facto de se atribuir uma grande responsabilidade aos cidadãos, sob o plano individual, colocando ênfase na sua capacidade de aprendizagem e de aquisição dos conhecimentos considerados necessários para acompanhar a evolução social.

A visão instrumental da aprendizagem é outra crítica feita ao conceito de aprendizagem ao longo da vida. O enfoque colocado nas competências tem sido alvo de críticas pois traduz uma visão da educação/formação orientada para a satisfação das necessidades do mercado. Existe um discurso económico da mudança que põe ênfase na “relevância” da formação em função da sua adequabilidade para o mundo do trabalho e para a competência (Pires, 2005: 92-98).

Segundo Kovacs (1998), o Livro Branco transmite um discurso de determinismo tecnológico pois defende “uma única tendência de evolução, imposta pelas tecnologias da informação e da comunicação que exige a adaptação das pessoas, das organizações, das formas e das relações sociais e institucionais.

Segundo esta linha de pensamento “as pessoas têm de se adaptar às mudanças produzidas pelas tecnologias da informação e da comunicação que são consideradas grandes forças que moldam as relações sociais, económicas e políticas dando origem a um novo tipo de sociedade: a sociedade de informação.

Para a autora este discurso não tem em conta a “coexistência de tendências diferentes e até contraditórias”. Defende uma perspectiva não determinista do futuro, construída com a participação dos atores e refletindo os seus valores e interesses, numa perspectiva democrática.

A última crítica feita foram as contradições e paradoxos no discurso sobre as aprendizagens, ou seja, a existência de um “objetivo” na aprendizagem utilizado nos contextos educativos formais, na tradição da “pedagogia por objetivos” em que se procuram identificar metas (mais ou menos) precisas, alvos a atingir em termos de aquisição de conhecimentos, atitudes e comportamentos: a definição dos objetivos é uma ação prévia ao processo de aprendizagem orientando-o num determinado sentido, com vista à obtenção de determinados resultados.

A aprendizagem como “melhoramento dos conhecimentos, aptidões e competências” é criticada a partir da ideia de que os conhecimentos, as aptidões e as competências não se “melhoram”, antes desenvolvem-se, constroem-se ativamente.

A aquisição dos conhecimentos e a construção das competências são processos para os quais é fundamental a existência de um quadro de referência e de um projeto que lhes dê

sentido, que implique e mobilize a pessoa numa dinâmica de aprendizagem que se pretende manter ao longo da vida.

O “aprender a aprender” e “adaptar-se à mudança” são identificados como as competências que permitem a aprendizagem ao longo da vida e como uma necessidade dos mercados de trabalho e dos empregadores (Kovacs, 1998).

### **Formas de Educação de adultos nas sociedades modernas e contemporâneas**

A aprendizagem e a formação experiencial são processos de aquisição de saberes que têm origem na globalidade de vida das pessoas, isto é, estão associados à educação informal.

A Educação informal é uma modalidade educativa que dura desde a existência do Homem, tal como a aprendizagem de saberes pela experiência, pois os homens das cavernas aprendiam a sobreviver com a experiência que ganhavam. É um processo que ocorre ao longo da vida, através do qual cada pessoa adquire conhecimentos, capacidades, atitudes, a partir das experiências quotidianas como em casa, no trabalho e nas situações de lazer. Esta educação não é organizada nem sistemática (Cavaco, 2001:46-50).

John Dewey, segundo Cavaco (2001:45), contribuiu muito para a promoção da aprendizagem experiencial na educação e defendeu a importância da experiência prática como método educativo.

Os desenvolvimentos das formações dirigidas ao público adulto fazem parte da tendência das sociedades escolarizadas que são incapazes de pensar na educação de outra maneira que não seja a partir do paradigma escolar (Canário, 1999).

Para que a educação de adultos se possa libertar da sua condição de “refém” da forma escolar é necessário serem criadas condições para concretizar o princípio segundo o qual o adulto constitui o principal recurso para a sua formação.

A “Nova arte da formação” exposta por Knowles é fundada na andragogia. Só a partir desta nova arte de formação se pode superar a situação de os adultos serem educados como se fossem crianças (Canário, 1999).

Os adultos não escolarizados são portadores de saberes, que adquirem ao longo do seu percurso de vida e lhes garantiram a inserção no contexto familiar, profissional e social. Estas pessoas possuem um conjunto de conhecimentos que foram adquiridos ao longo da sua vida e que lhes permitiram fazer face aos desafios e exigências familiares, profissionais e sociais (Cavaco, 2001:7-10).

A andragogia defende a existência de indicadores de diferenciação dos adultos perante os processos de aprendizagem e sugere um novo quadro de intervenção educativa.

São seis os indicadores: a necessidade de saber (saber quais os interesses dos adultos que estão a aprender), o conceito de si (a capacidade que o adulto possui para auto direccionar a sua aprendizagem), o papel da experiência (considerar a experiência de vida dos adultos), a vontade de aprender (a motivação que os adultos possuem), a orientação da aprendizagem (aplicação prática e imediata do que aprenderam) e a motivação (Quintas, 2008: 22-23).

Cavaco (2001:48) explicita a aprendizagem experiencial e a formação experiencial como duas conceções distintas da experiência. Na primeira conceção, a experiência é vista como uma experimentação enquanto na segunda conceção, a experiência representa a ligação entre a pessoa e a cultura. A formação experiencial inscreve-se no movimento da educação permanente reforçando que na educação de adultos, a pessoa assume um papel ativo na formação. A aprendizagem experiencial tem como finalidade a adaptação social e o desenvolvimento da sociedade moderna.

A formação experiencial é a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou involuntária em termos de competências existenciais. É a descoberta do sujeito da sua capacidade de pensar e de produzir a realidade a partir de cada experiência. Na aquisição de conhecimentos por via experiencial não se adquire unicamente saber fazer, mas também saber e saber ser, isto é, efetuam-se aprendizagens nos domínios psicomotores, cognitivo, afetivo e social. Mas este tipo de formação tem as suas limitações, tais como não ser solução para todas as lacunas formativas dos indivíduos.

Cavaco (2001-56-57) cita Kolb que descreve quatro etapas do processo de formação experiencial. Essas etapas são a ação, a experiência, a reflexão e a concetualização. A ação acontece quando a pessoa se sujeita a um contacto direto com vários conhecimentos, em seguida analisa os elementos da situação que vivenciou e compara-os às experiências anteriores, ou seja, faz uma reflexão, o que dá lugar à descoberta de conceitos e essa experiência permitirá uma aprendizagem no futuro.

Esta formação apresenta-se como estratégia de sobrevivência dos indivíduos no funcionamento das organizações onde estão introduzidos. As experiências vividas pelos indivíduos e o como elas as vivem é fundamental na aprendizagem pois as pessoas aprendem no contacto com os que fazem parte do seu dia-a-dia e das suas relações, ou até dos que se cruzam consigo ao longo da vida (Cavaco, 2001:53-61).

A experiência depende daquilo que cada um fez com as vivências que teve ao longo da vida, embora nem toda a experiência resulte obrigatoriamente numa aprendizagem, mas a experiência constitui, ela própria, um potencial de aprendizagem (GEP e MTSS, 2007:47).

O meio familiar apresenta-se como um contexto privilegiado para a aquisição de competências na socialização, assim como o local de trabalho devido ao indivíduo passar lá maior parte do seu tempo, registando-se uma relação de proximidade com outras pessoas que têm os seus saberes e partilham com os outros (Cavaco, 2001:61).

As ações de formação são socializações que resultam de interações quotidianas nos meios onde se desenrola a vida profissional e social (Canário, 1999: 126).

A capacidade de aprender dos indivíduos emerge da necessidade de responder aos desafios da vida quotidiana e decorre ao longo da vida e, principalmente, numa sociedade em permanente mudança onde as pessoas precisam de estar sempre a aprender para poderem responder às dificuldades e exigências. É essencial perceber o sentido das experiências e transformar os conhecimentos existentes em novos, criando assim novas aprendizagens.

Leitão (2007:100) menciona que cada vez mais a pessoa e as empresas estão sujeitas a processos contínuos de mudança e que, cada vez mais, terão de ser preparados para a autonomia, dada a diversidade de situações de trabalho e de formação que vão conhecer ao longo da vida. O fenómeno de desaparecimento de profissões e o aparecimento de novas profissões obriga ao desenvolvimento de novas competências e capacidades, mesmo nas profissões que se mantêm.

A qualificação da população portuguesa ganhou novos contornos com a iniciativa “Novas Oportunidades”, em setembro de 2005, quando foi apresentada na Assembleia da República. O principal objetivo era promover o nível secundário como qualificação mínima da população, elevar a formação de base da população ativa, gerar as competências necessárias ao desenvolvimento pessoal e ao desenvolvimento das empresas e da economia, assim como proporcionar o progresso escolar e profissional dos cidadãos e ainda disponibilizar ofertas de qualificação estruturadas a partir das competências de cada um (Capucha, 2013:37). Atualmente, o Programa Qualifica procura dar seguimento ao desafio de elevar a qualificação dos adultos em Portugal.

Para muitos adultos conciliar as exigências e as responsabilidades que já possuem na sua vida com um processo de aprendizagem é uma dificuldade que os impede, muitas vezes, de prosseguirem o seu processo de formação. É necessário, assim, facilitar o acesso à

formação, flexibilizar os tempos e os espaços de aprendizagem e proporcionar verdadeiras oportunidades para que os adultos possam integrar e continuar a sua aprendizagem (Quintas, 2008:23).

### **Educação de adultos nas fases avançadas da vida**

Numa perspetiva de educação permanente, os processos de aprendizagem aparecem como a estruturação articulada de diferentes momentos experienciais do sujeito. Esta valorização da experiência é o ponto de chegada dos processos de aprendizagem. Conduz também a valorizar a heterogeneidade e a adequação contextualizada dos processos e ofertas formativas (Canário, 1999).

O reconhecimento da importância da experiência nos processos de aprendizagem supõe que esta é encarada como um processo interno ao sujeito e que corresponde, ao longo da sua vida, ao processo da sua autoconstrução como pessoa.

A experiência de vida do aprendente identifica contextos, vivências, capacidades e saberes adquiridos na ação e que apelam a processos de formalização.

O reconhecimento das experiências permite encarar o adulto como principal recurso da sua formação e evitar o erro de pretender ensinar às pessoas o que elas já sabem. É pretendido também a capacidade de o sujeito tirar algo das suas experiências vividas e reelaborar, transferindo-as no processo de autoconstrução da pessoa.

Chega-se à conclusão de que para aprender, além da via da formação, existe a via da experiência. Consegue-se com a validação das competências adquiridas através das experiências das pessoas adultas (Fernandez, 2005:74).

Pimentel et al (2016:165-166) expõe que atualmente é necessário que se promova uma cultura que valorize a experiência, os saberes e os contributos dos mais velhos. É fundamental oferecer as condições económicas e sociais que possibilitem às pessoas de todas as idades uma inclusão plena na sociedade.

As experiências de vida e os valores interiorizados pelas diferentes gerações são muito distintas, criando a imagem de que não têm nada em comum. Os encontros e as atividades intergeracionais têm como objetivo aproximar as pessoas, partindo do princípio que há um potencial de informação e de conhecimento em cada geração que deve ser aproveitado e partilhado. O envolvimento das pessoas mais velhas promove as interações e constitui-se como uma mais-valia extraordinariamente importante para as gerações mais

jovens, uma vez que o amadurecimento e a experiência de vida dos mais velhos lhes permite transmitir saberes que dificilmente os mais jovens obtêm por outras vias.

“A obtenção contínua de conhecimento e a valorização pessoal pela aprendizagem ao longo da vida e, em particular, pela aprendizagem intergeracional, tornam-se imprescindíveis para que as pessoas idosas beneficiem de oportunidades de participação ativa na sociedade. As iniciativas de aprendizagem ao longo da vida e a aprendizagem em idade avançada visam “preparar” as pessoas de todas as idades para a cidadania plena nas suas famílias e comunidades, permitindo-lhes dar o seu contributo para o desenvolvimento e responsabilizarem-se por ele” (Pimentel et al, 2016:166).

Na educação e formação ao longo da vida as pessoas podem procurar formação profissional, inicial, contínua, de reciclagem, reconversão ou aperfeiçoamento e frequentar universidades abertas e outros meios de ensino à distância. Existe a crescente necessidade de projetos de formação, independentemente se a pessoa tem a escolaridade obrigatória ou para além desta, dado que estamos numa sociedade que aprende (Melo et al, 1998:45).

Fernandez (2005:76-83) aponta que a aprendizagem de adulto é algo contínuo que começa nas relações sociais e não nas relações académicas e que continua ao longo da vida. As pessoas adultas aprendem com a vida, com a experiência, aprendem com as relações em que se envolvem.

“A pedagogia e a educação deveriam estar muito atentos a estas transformações tão profundas do ser humano para o conduzirem à sabedoria humana (...) nunca se deveria descuidar os processos educativos de pessoas adultas e inclusivamente idosas, uma vez que qualquer ser humano, independentemente da sua idade está submetido a profundas transformações” (Fernandez, 2005:92-93).

A aprendizagem e o crescimento ao longo da vida levam a que os seniores se sintam cativados pela probabilidade de voltar a estudar e a que haja uma procura crescente pelas Universidades de terceira idade ou Universidades Seniores. Estas surgem com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos seniores, evitar o seu isolamento e exclusão, incentivá-los à participação cívica, divulgação dos seus direitos e reduzir o risco de dependência, constituindo-se como Polos de convívio e ajudando-os a construir os projetos de vida (Pimentel, 2016:167).

As Universidades da terceira idade tiveram início na França em 1973 na Universidade de Toulouse com o principal objetivo de ocupar o tempo livre dos aposentados e só a partir de 1975 se estenderam à Suíça, Bélgica, Canada e depois ao resto do mundo. Estas Universidades vão para além do projeto educativo, são também um projeto social e de saúde contribuindo para o combate à exclusão social e ao isolamento (Gonçalves, 2015:21-22).

As Universidades Seniores ou Universidades da Terceira Idade (UTIs) passaram de 15 em 2001 para 180 em 2011, tendo em 2007 sido criada a Rede de Universidades para a Terceira Idade (RUTIS). As UTIs apresentam-se como solução para as pessoas reformadas ou idosas continuarem a aprender, para estarem socialmente inseridas, ocupando o seu tempo com ofertas educativas, artísticas e de lazer que lhes ofereçam realização pessoal, bem-estar físico e emocional e onde estas pessoas podem partilhar os seus conhecimentos, obter competências e experienciar coisas novas (Oliveira, 2013:53).

Vemos neste momento o aparecimento de Universidades Seniores em que existe formação em várias áreas que vão desde a música até às TIC (Tecnologias de Informação e Comunicações), com o auxílio de professores voluntários pois só assim este movimento das universidades seniores consegue a sua força e subsistência (Silva, 2011:18).

A educação ao longo da vida desempenha um papel crucial na promoção de um envelhecimento ativo. A primeira Universidade Sénior em Portugal acontece com o objetivo de se tornar numa instituição educativa que pretende valorizar a imagem do idoso como alguém útil para a sociedade e assim contribuir para o desenvolvimento da mesma. É também uma resposta socioeducativa que aponta para uma dinamização de atividades sociais, culturais, educacionais e de convívio principalmente para pessoas com mais de 50 anos e que assim poderão estudar as matérias abordadas e ainda desenvolver outras capacidades cognitivas enquanto estão socialmente ativos (Gonçalves, 2015: 21-22).

Neste contexto, parece ser praticável pensar numa maior oferta de programas educativos ao longo da vida, que sejam multidisciplinares, ou seja, que abranjam conteúdos, públicos e educadores/animadores de áreas diversificadas, o que poderá levar a melhores condições de vida quando se chega à idade da velhice, tanto para as pessoas idosas como para aquelas que lhes são próximas (Oliveira, 2013:66).

## **Capítulo III - Elementos de caracterização territorial e institucional**

### **Breve descrição do concelho de Silves**

No enquadramento geográfico, localizado no centro do distrito de Faro, o concelho de Silves tem uma área total de 680 Km<sup>2</sup>. A Norte está limitado pelos concelhos de Odemira e Almodôvar, a Leste por Loulé e Albufeira e a Oeste por Lagoa, Portimão e Monchique, confrontando a Sul com o Atlântico.

A cidade de Silves é uma cidade no distrito de Faro com cerca de 6 300 habitantes, o seu município tem seis freguesias com 37 126 habitantes. Fazem parte deste concelho 6 freguesias, Silves, Armação de Pera, Algoz e Tunes, S.B. Messines, São Marcos da Serra, Alcantarilha e Pera. Silves foi em séculos passados a capital do Algarve pois é uma das cidades mais antigas de Portugal.

Segundo Santos (2016:44), este concelho é extenso com uma área que vai do Alentejo até ao litoral Algarvio com muitas potencialidades patrimoniais, históricas e paisagísticas. Tem como pontos fortes, a qualidade de vida, a facilidade no acesso aos serviços, a localização face a outros centros urbanos, o conhecimento de várias realidades (Serra, Barrocal e Litoral) e tem como pontos fracos, a sazonalidade que carrega consigo e fenómenos como a precariedade ao nível do emprego, as dificuldades habitacionais e as dificuldades socioeconómicas, a desertificação e o envelhecimento das Serras.

É um concelho com cerca de 34 mil habitantes, distribuídos de forma desigual pelo território, em grande parte devido às suas características físicas determinantes na dinâmica socioeconómica dos diferentes locais.

O crescimento populacional registado em Armação, Pêra e Tunes foi motivado provavelmente por algum fator importante de atração. Este crescimento poderá estar relacionado com a maior oferta de equipamentos e infraestruturas. Poderá ser influenciado pela posição geográfica destes locais, proximidade ao litoral no caso de Pêra e Armação de Pêra e a Albufeira no caso de Tunes, assim como a proximidade do transporte ferroviário. O decréscimo populacional registado na freguesia de São Marcos da Serra poderá estar relacionado com o fator interiorização que se reflete na reduzida oferta de postos de trabalho bem como na escassa diversidade de bens e serviços (Santos, 2016).

Nas últimas décadas, o crescimento efetivo da população foi positivo na maior parte das freguesias do concelho em virtude de o saldo migratório apresentar valores suficientemente positivos para compensar o crescimento natural negativo. O saldo migratório apresenta os valores mais elevados nas freguesias de Armação de Pêra, Pêra e Tunes, provavelmente relacionado com o maior dinamismo do mercado de trabalho ligado ao turismo e construção, atividades que absorvem um número considerável de mão-de-obra vinda de países estrangeiros, nomeadamente dos PALOP'S, Brasil e leste Europeu.

Santos (2016) faz uma análise geral do concelho, o comportamento demográfico diferencia-se entre as diversas freguesias do concelho, sobretudo no eixo Silves - S. Bartolomeu de Messines. O Sul apresenta uma maior concentração populacional, mais jovem e com uma taxa de crescimento populacional superior ao Norte do concelho. Em São Marcos da Serra, a população é envelhecida, não existe uma atração, a empregabilidade é menor, o que poderá condicionar a localização da população, sobretudo dos mais jovens.

A agricultura e a indústria apresentam valores mais expressivos em São Marcos da Serra do que nas restantes freguesias do concelho, demonstrando o seu carácter menos terciário voltado para um modo de vida mais tradicional e rural que resulta da sua interiorização.

O sector da construção é liderado por Armação de Pêra. O crescimento urbano que se verificou nas últimas décadas e que se mantém atualmente, relacionado com a sua localização junto da linha da costa, é um indicador evidente do peso que a atividade da construção tem nesta freguesia.

No sector do comércio, alojamento, restauração, transportes e comunicações é a freguesia de Tunes que apresenta o valor mais elevado devido a “transportes e comunicações” uma vez que apresenta ligação direta à linha do Algarve e também a Lisboa, concedendo-lhe uma maior centralidade e dinamismo que se traduz num elevado fluxo diário de bens e pessoas. Seguido por Pêra/Alcantarilha e Armação de Pêra devido à atividade turística.

A condição de sede de concelho concede a Silves um estatuto importante enquanto centro administrativo e financeiro, pelo que as atividades financeiras, serviços prestados às empresas entre outras atividades ligadas aos serviços se destacam na freguesia de Silves em relação a todas as outras. O facto de concentrar de forma exclusiva alguns serviços poderá conduzir à instalação de novas atividades e serviços (Santos, 2016).

Ao nível das freguesias é possível verificar que Tunes apresenta o valor mais elevado de desemprego, assim como S. Marcos da Serra poderá registar alguma dificuldade de oportunidades ao nível do emprego devido à sua posição geográfica e à ruralidade que apresenta. Em oposição a esta situação, Silves tem a menor taxa de desemprego no concelho devido à maior oferta de oportunidades proporcionada pela sede de freguesia relativa às restantes freguesias.

Santos (2016) afirma que em termos de património, este município tem como principais atrações: o Castelo de Silves, o Castelo de Alcantarilha, a Sé de Silves e a Ponte de Silves. No campo da cultura, o Museu Municipal de Arqueologia de Silves, a Casa Museu João de Deus e a Biblioteca de Silves destacam-se.

Na educação, Silves tem escolas básicas, uma secundária, jardins de infância e uma Escola Superior de Saúde.

Em termos turísticos, este município contribuí para o desenvolvimento turístico sustentável do concelho de Silves, resultando em benefícios económicos para a população local e para a valorização da identidade cultural, com impactos mínimos no ambiente. O concelho de Silves apresenta um clima mediterrâneo e é caracterizado por um Inverno tépido e um Verão quente, com máximos que podem ultrapassar os 35°C, seco e longo com uma média do ar sempre superior a 22°C.

A realização de eventos culturais como a Feira Medieval em Silves e a Fiesa em Pêra promove a visibilidade, a atratividade, o dinamismo e a animação do concelho.

No que diz respeito às infra estruturas no concelho de Silves, a rede rodoviária apresenta uma rede bastante densa e a acessibilidade interfreguesias é boa, estando asseguradas através de estradas nacionais, a rede ferroviária tem duas escalas, uma que efetua as ligações do Algarve ao resto do país e uma escala regional que pode ser feita em Tunes e a partir daí distribuída para o barlavento e sotavento algarvio (Santos, 2016).

## **Descrição da Câmara Municipal de Silves**

<sup>1</sup>A Câmara Municipal é o órgão executivo do município, diretamente eleito pelos cidadãos, e tem por missão definir e executar políticas tendo em vista o desenvolvimento do

---

<sup>1</sup> [www.cm-silves.pt/pt/menu/31/camara-municipal.aspx](http://www.cm-silves.pt/pt/menu/31/camara-municipal.aspx)

concelho em diversas áreas. São sete os elementos que compõem o executivo municipal de Silves (Presidente, Vice-Presidente e cinco Vereadores).

As competências da Câmara Municipal estão consagradas na Lei das Autarquias Locais que estabelece o regime jurídico das autarquias locais, aprova o estatuto das entidades intermunicipais, estabelece o regime jurídico da transferência de competências do Estado para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais e aprova o regime jurídico do associativismo autárquico.

O Município tem a obrigatoriedade, devido às suas competências, de intervir a vários níveis, com no equipamento rural e urbano, energia, transportes e comunicações, educação, património, cultura e ciência, tempos livres e desporto, saúde, ação social, habitação, proteção civil, ambiente e saneamento básico, defesa do consumidor, promoção do desenvolvimento, ordenamento do território e urbanismo, cooperação externa, agindo de acordo com o Regulamento da Estrutura e Organização dos Serviços Municipais, que prevê ao nível da DEDJAS (Divisão de Educação, Desporto, Juventude e Ação Social) que pretende promover toda a intervenção social no Concelho (Santos, 2016:46).

No setor da ação social, a Câmara Municipal de Silves, quer através das entidades locais quer através dos Programas e Projetos implementados no Concelho, pretende atenuar fenómenos de pobreza e exclusão social.

## **Diagnostico Social de Silves**

<sup>2</sup>O Diagnóstico Social de Silves feito em 2016, fez a caracterização física do concelho assim como a sua caracterização sociodemográfica.

Na caracterização física podemos verificar que o concelho ocupa 14% da superfície do Algarve e 0,74% da superfície total do país. O concelho subdivide-se entre serra com 50% da superfície regional e apresenta solos pobres e reduzida utilização agrícola, o que provoca uma crescente desertificação ecológica e tem apenas 1.352 residentes. O barrocal constitui cerca de 25% da área regional, tem elevada capacidade agrícola com 25.935 residentes e o litoral que corresponde a uma estreita faixa junto à costa onde se encontra a maior parte da atividade

---

<sup>2</sup> [www.cm-silves.pt/pt/773/rede-social.aspx](http://www.cm-silves.pt/pt/773/rede-social.aspx)

económica regional e os principais centros urbanos e conta com 9.839 residentes (Diagnóstico de Silves, 2016: 14-15).

Na caracterização socio demográfica, a faixa etária entre os 15-24 sofreu a maior quebra de número de habitantes no concelho e a faixa etária com maior expressão no concelho é a 25-64. A evolução da estrutura etária da população do concelho na última década tem manifestado uma tendência progressiva para o envelhecimento e para uma diminuição do número de jovens, logo o envelhecimento da população é um dos maiores desafios do concelho pois existem problemas como a dependência, maior necessidade quer de cuidados de saúde quer de âmbito social. Silves e Messines surgem como as freguesias com maior número de habitantes no concelho e São Marcos da Serra a freguesia com menos habitantes. Em termos de taxa de crescimento populacional, Messines, Silves e São Marcos apresentam os níveis mais baixos nas últimas décadas, sendo Armação de Pêra, Pêra e Tunes, as freguesias que apresentam a maior variação positiva (Diagnóstico de Silves, 2016:17-20).

O envelhecimento registado nas freguesias do concelho é fruto de taxas de natalidade que apresentam valores abaixo das de mortalidade. Em termos gerais, e apesar de se tratar de um concelho com tendência para o envelhecimento populacional, é possível verificar diferenças na estrutura etária da população segundo a distribuição geográfica da população.

No concelho residem 23% dos idosos (8343) com maior concentração em São Marcos da Serra e São Bartolomeu de Messines e residem no concelho 8% de crianças estando mais concentradas em Pêra / Alcantarilha e Armação de Pêra (Diagnóstico de Silves, 2016:21).

Nos anos 70, em Portugal, surgiram novas políticas de apoio ao idoso e estas políticas traduziram-se numa melhoria das condições de vida nomeadamente na saúde aumentando a esperança média de vida.

No que respeita ao nível de instrução da população nas diferentes freguesias do concelho verifica-se a predominância da população com o ensino primário concluído, seguido da população sem qualquer nível de instrução que não sabe ler nem escrever e que representa um quarto da realidade do concelho. A idade média da população sem qualquer nível de ensino é de 70 anos e a do 1.º ciclo é de cerca 56 anos para o concelho. Estes valores poderão ser reflexo do investimento educativo tardio, evidenciando a problemática da educação de adultos. A taxa de analfabetismo é menor no Sul do concelho. Referente à população com o 3ºciclo do ensino básico é possível verificar que São Marcos da Serra apresenta o valor mais baixo do concelho e Armação de Pêra apresenta o valor mais alto. Ao nível do ensino

superior, é possível verificar que Armação de Pêra apresenta, novamente, o valor mais favorável ao nível do concelho e S. Marcos da Serra é de novo o mais baixo valor (Diagnóstico de Silves, 2016:37).

A população caracteriza-se como detentora de um baixo nível académico, cerca de 4615 pessoas são analfabetas, sendo que a taxa de analfabetismo do concelho (6,9%) é superior à da região (5,4%) e do país (5,2%) e é superior no sexo feminino (7,6%) que no sexo masculino (6,2%).

Segundo Santos (2016:24-29), Silves é privilegiado na interação entre os vários atores sociais do concelho, que prestam respostas sociais na comunidade, ao nível da capacitação da população e na promoção do desenvolvimento social local, sendo privilegiadas as intervenções que visam uma atuação preventiva nas situações sociais. Em Silves, a Rede Social surgiu em 2002 como no resto do país e teve como objetivo incentivar os diferentes organismos do Setor Público, instituições de solidariedade social e outras entidades com intervenção na área social a conjugar forças para prevenir, abrandar e até mesmo eliminar fenómenos de pobreza e exclusão social, promovendo dessa forma o desenvolvimento social local.

## **Capítulo IV - Descrição dos objetivos e das atividades desenvolvidas no estágio**

### **Os Polos de Educação ao Longo da Vida**

O Projeto dos “Polos de Educação ao Longo da Vida” insere-se no programa +Proximus e tem como objetivo principal combater o isolamento dos idosos.

O programa +Proximus, é um programa destinado aos idosos, ou seja, pessoas com 65 ou mais anos e foca-se no envelhecimento da estrutura populacional. Tem como objetivo desenvolver projetos que vão de encontro às necessidades dos idosos assim como medidas direcionadas para esta categoria social, contribuindo assim para um envelhecimento com qualidade e autonomia dos idosos.

Os destinatários deste programa são todos os idosos com mais de 65 anos que residem no Concelho de Silves e que se encontrem em situação de risco social, nomeadamente, isolamento social, solidão, marginalização ou maus tratos e cuja situação apresente uma ameaça ao seu bem-estar e segurança. Podem ainda ser abrangidos outros adultos, com idade inferior a 65 anos de idade, desde que se encontrem em situações de dependência mental e psíquica. O Programa +Proximus engloba desporto, educação, intervenção social, lazer, saúde, literacias e segurança como programas de intervenção para os idosos.

Os “Polos de Educação ao Longo da Vida” é um projeto educativo da Câmara Municipal de Silves que assenta essencialmente na educação / formação continua fora do sistema formal de ensino. Este projeto destina-se a pessoas de todas as idades, independente do grau de escolaridade e do sexo e desenvolve-se através de uma troca mútua de saberes entre as diferentes gerações, proporcionando àqueles que os frequentam uma atualização e renovação crescente dos saberes e que se centra sobretudo em atividades de caráter cognitivo, apesar de também constarem nos planos as atividades de caráter lúdico. O reforço e a atualização dos conhecimentos são cada vez mais uma necessidade dos indivíduos, já que a integração social passa por uma constante renovação dos saberes.

Este projeto foi criado em 2001, quando se deu o encerramento de uma Escola Primária no lugar das Fontes da Matosa, um pequeno sítio que pertence à freguesia de Alcantarilha e de forma também a reaproveitar o espaço físico da escola. Desde então e até aos dias de hoje, os Polos de Educação foram surgindo em espaços que o Município dispõe. A Câmara Municipal de Silves pretende estender este projeto a todas as freguesias do concelho, para suscitar a toda a população hábitos de responsabilidade cívica através da participação e organização de atividades.

Neste momento existem sete Polos de Educação ao Longo da Vida no concelho: Silves, São Bartolomeu de Messines, São Marcos da Serra, Tunes, Cumeada, Armação de Pêra e Pêra.

A metodologia aplicada nos vários Polos centra-se em objetivos gerais, como criar processos de autonomia, criatividade e participação combatendo o sedentarismo, incentivar as relações interpessoais e intergrupais a fim de evitar a solidão e o isolamento social, promover a integração social dos participantes valorizando a sua participação no grupo, na família, na comunidade e organizar e dinamizar atividades socioeducativas e socioculturais através de técnicas de intervenção comunitária.

Com a existência de sete Polos, os grupos são muito diferentes pois são freguesias muito distintas, como por exemplo São Marcos da Serra que se localiza tal como diz o próprio nome, na Serra e Armação de Pera no litoral, em que os meios e os recursos que são dispostos pela Câmara a nível local não se encontram tão acessíveis, mas não são as questões geográficas que impedem a realização de uma atividade em ambos os locais.

Apesar do projeto dos Polos de Educação possuir objetivos comuns, as atividades realizadas divergem devido à especificidade de cada Pólo.

As atividades feitas nestes Polos são divididas em atividades semanais, atividades pontuais e projetos anuais. As atividades semanais são o yoga, trabalhos manuais, o grupo de teatro e o grupo de cantares. As atividades pontuais são os saraus de leitura nas escolas e os dias temáticos – dia da árvore, dia da mulher, etc; as atividades anuais são o presépio, a semana gastronómica, as janeiras, visitas a grupos de teatro, os encontros anuais (Natal/Junho) – Desporto Sénior + Polos, os aniversários dos Polos, os mercadinhos de Natal, o Masterchef Sénior que é um concurso de cozinha realizado entre os utentes dos Polos e o Bem me Quero que é um desfile.

Em termos de horário, todos os Polos funcionam de acordo com a disponibilidade dos utentes que os frequentam. Estão abertos de Segunda a Sexta-feira a partir das 14h até às 17h e estão encerrados no período do Verão e durante o Natal também têm férias de acordo com o calendário do ano letivo escolar.

Todo este trabalho desenvolvido com os Polos é realizado em parceria com entidades locais como Associações e Juntas de Freguesia.

É necessário a presença constante de um técnico no meio em que se vai intervir, isto é, em contacto constante com os utentes dos Polos, o que é fundamental para a conquista da confiança da população pois só desta forma se consegue trabalhar com as pessoas e não para elas.

A técnica da Câmara Municipal de Silves que acompanha os Polos de Educação ao Longo da Vida nas suas atividades entende que os Polos foram criados com o propósito das pessoas de mais idade darem continuidade à sua aprendizagem e passar a sua aprendizagem a outros, ou seja à comunidade a que pertencem.

“A principal finalidade dos Polos é manter os seniores ocupados fisicamente e psicologicamente, continuarem ativos na vida. Fazer com que eles saíam de casa e convivam uns com os outros, fazendo atividades”.

Ao ser questionada sobre o feedback que recebe das pessoas que não fazem parte do Polo, mas que vivem na comunidade, sobre o funcionamento dos mesmos, responde que o feedback tem sido sempre positivo e que isso demonstra que o Município de Silves está a prestar um bom serviço aos seniores do concelho.

Diz-nos que as atividades propostas para os Polos realizarem são uma oportunidade para que estejam distraídos e que não se foquem nos seus problemas enquanto estão no Polo ou a fazer algo relacionado com os mesmos:

“Todas as atividades que se propuseram foram com o intuito de despertar nos utentes dos Polos o gosto em fazer algo que nós propomos, ter ideias novas, fazer com que eles se dediquem a uma coisa e que se esqueçam, nem que seja apenas no tempo que estão no Polo, dos seus problemas de saúde e de outras coisas menos positivas.”

Conta também que os objetivos traçados para os Polos têm sido atingidos, mas que há sempre espaço para melhorar:

“O objetivo principal é cativar os grupos dos diferentes Polos e isso temos conseguido. Conseguimos dar-lhes motivação para continuarem a participar nas atividades. Temos tentado atingir sempre os objetivos traçados para os Polos e se corre menos bem é uma aprendizagem também para nós, para que numa próxima atividade não cometamos os mesmos erros e aprendamos com isso. Há sempre espaço para melhorar”.

Focando agora em cada um dos Polos, é relevante falar sobre os fatores que distinguem cada um dos Polos e das suas realidades.

O Polo da Cumeada é um grupo composto por 8 elementos, muito envelhecido, sendo necessário um acompanhamento reforçado, existe uma grande prática religiosa do grupo, há elementos que frequentam o Desporto Sénior na Amorosa, normalmente o grupo reúne-se apenas à quarta-feira, no período da tarde.

O Polo de S.B. Messines é um grupo composto por 12 a 14 elementos, muito envelhecido, sendo necessário um acompanhamento reforçado, o grupo reúne-se de Segunda-feira a Quinta-feira, no período da tarde.

O Polo de São Marcos da Serra é um grupo composto por 12 a 14 elementos, o grupo reúne-se à Quinta-feira e ao Sábado no período da tarde.

O Polo de Pêra é um grupo composto por 16 elementos, mas como é o mais recente, torna-se necessário um acompanhamento reforçado, tem grupo de cantares e um Grupo de Teatro, o grupo reúne-se 2 dias por semana.

O Polo de Silves é um grupo composto por mais de 20 elementos. Este Pólo era composto por um grupo de mulheres, que mesmo antes da existência deste projeto, se juntavam para realizarem trabalhos manuais, que futuramente vendiam e o valor conseguido era doado a favor de famílias carenciadas e também para a compra de material ortopédico que emprestavam quando era necessário. Para além deste grupo, existe um outro grupo que se dedica à pintura em porcelana.

O Polo de Tunes é um grupo composto por 16 elementos. O local é partilhado por várias entidades: Polo, Catequese, Associação Amigos de Tunes, Associação Comunidade de Tunes e o Refood. O Pólo é um local agradável, dinâmico e frequentado por toda a população. Este Pólo está aberto à população diariamente e tem uma forte adesão nas atividades realizadas, quer pelas associações, quer pelos utentes.

O Polo de Armação de Pêra é um grupo composto por 22 elementos, encontra-se num espaço físico muito reduzido, tem um grupo de Teatro e recentemente começou um grupo de cantares.

### **Atividades realizadas nos Polos**

Enquanto estive a estagiar nos Polos de Educação ao Longo da Vida foram efetuadas algumas atividades que tive oportunidade de presenciar e participar.

O projeto “Grupos de Teatro Sénior” é uma iniciativa desenvolvida pelo Município de Silves, através do seu sector de Ação Social, desde 2014, tendo já sido apresentadas diversas obras pelos vários grupos existentes nas freguesias onde existem os Polos de Educação ao Longo da Vida.

Na vertente do teatro, os Polos de Educação de Pêra, Tunes e Silves realizaram os seus teatros no Festival de Teatro IV ACTO, promovido pela Câmara Municipal de Silves em Silves. O grupo de teatro sénior de Pêra interpretou a peça “Corte e Costura” a 6 de novembro de 2018, o grupo de teatro sénior do Polo de Tunes desempenhou a peça “A Viagem de

Finalistas” a 7 de novembro de 2018 e o grupo de teatro sénior do Polo de Silves produziu o teatro em revista chamado “Retalhos da vida” a 11 de novembro de 2018.

O Grupo de Teatro Sénior do Polo de Educação do Longo da Vida de S. Marcos da Serra, dia 15 de novembro de 2018, na Associação Humanitária de São Marcos da Serra, com a sua peça de teatro "Boutique Alcofa".

A visita ao Teatro das Figuras de Faro, dia 17 de novembro, com os Polos para assistir à peça “A Pior Comédia do Mundo” devido ao interesse dos utentes na arte do teatro.

Os presépios tradicionais algarvios feitos pelos utentes dos Polos durante a época festiva, onde receberam a visita das escolas e dos residentes da localidade;

No dia 15 de dezembro de 2018 realizou-se a II Gala Sénior de Natal, no Pavilhão da Casa do Povo de Messines, consistindo num almoço convívio com cerca de 450 seniores inscritos nos projetos Desporto Sénior e Polos de Educação ao Longo da Vida. Foi realizada uma campanha de carácter social, com a recolha de bens alimentares e brinquedos a reverter para instituições do concelho.

O grupo de cantares do Polo de Educação ao Longo da Vida de Silves, as Laranjinhas abriu a animação musical do palco 2 na 3.<sup>a</sup> Mostra Silves Capital da Laranja, dia 15 de fevereiro de 2019.

No dia 15 de fevereiro de 2018 realizou-se na III Amostra Silves Capital da Laranja, o concurso de cozinha Masterchef, onde as utentes dos Polos concorriam entre si com entradas, pratos principais ou sobremesas que contivessem como ingrediente principal a laranja.

Teve lugar na 3.<sup>a</sup> Mostra Silves Capital da Laranja no dia 17 de fevereiro de 2019, o Desfile bem me Quero dos Polos de Educação ao Longo da Vida, com criações únicas, feitas pelas utentes, que tiveram como inspiração a laranja de Silves.

A Exposição “Mulheres da Nossa Terra” alusiva ao Dia Internacional da Mulher, foi feita nas freguesias de Armação de Pêra, Silves e Pêra, com fotografias das utentes quando eram jovens adultas. Estas exposições foram realizadas com o intuito de serem visitadas pela comunidade destas freguesias.

“Bonecas do Mundo” são bonecas feitas pelas utentes dos Polos de Educação para serem entregues às meninas de Moçambique. Antes de terem sido enviadas para Moçambique, as bonecas foram expostas nas respetivas freguesias de cada um dos Polos para que pudessem ser vistas na comunidade.

Estas exposições estão associadas a uma causa solidária, particularmente ao projeto “Little Dresses for Africa - Portugal”, que tem vindo a ser dinamizado a nível nacional e internacional por diferentes entidades, consistindo na criação de bonecas de trapo para enviar para as crianças mais desfavorecidas do continente Africano. Esta exposição dá a conhecer à comunidade o resultado de uma atividade lúdica que envolve a maioria dos utentes dos Pólos de Educação, proporcionando-lhes a ocupação dos tempos livres e incentivando a sua criatividade e o espírito solidário. A entrega das bonecas foi realizada no dia 7 de junho à "Little Dresses For Africa – Portugal", para serem posteriormente encaminhadas através das missões.

## **Teatro Sénior**

É necessário falar mais especificamente da atividade dos grupos de teatro que existem nos Polos pois é algo muito importante para os utentes, existindo neste momento grupos em seis dos sete Polos.

O Teatro Sénior é uma prática realizada por pessoas com mais de 55 anos e à semelhança do teatro tradicional integra todos os tipos de teatro, desde grupos amadores e terapêuticos em lares, centro de dia e igrejas até companhias interdisciplinares, teatro comunitário, teatro universitário e companhias totalmente profissionais (Gonçalves e Anica, 2016:141).

Os propósitos do teatro sénior são oferecer a oportunidade de os idosos representarem, educar o público sobre temas relativos aos seniores, partilhar a experiência de vida dos idosos e por último gerar apoio social para os mesmos. O teatro pretende também estimular o envelhecimento ativo, a valorização do património cultural imaterial, o acesso e a participação cultural dos idosos e o seu envolvimento comunitário.

As peças de teatro feitas nos Polos surgem na sua maior parte a partir de memórias dos participantes, da recolha de tradições e costumes locais, das histórias das suas comunidades e terras. Existindo assim um trabalho de memória contando com a identidade das pessoas participantes, trabalhando aspetos próximos e de interesse dos mesmos, envolvendo os participantes a partir da sua motivação. Este tipo de prática promove a saúde mental a partir

do estímulo da memória, na diminuição da ansiedade, na espontaneidade e autoconfiança (Gonçalves e Anica, 2016).

A sua experiência no teatro teve apreciação e reconhecimento da comunidade local levando a uma maior valorização pessoal dos idosos assim como ao reconhecimento social por parte dos familiares, amigos e dos mais chegados.

## **Capítulo V – Conhecer em profundidade a partir da abordagem biográfica**

### **Entrevistas Biográficas**

Um dos objetivos centrais que traçámos para o nosso relatório de estágio foi o de conhecer de forma exploratória as trajetórias e as experiências de vida dos idosos que frequentam os Polos de Educação ao Longo da Vida no concelho de Silves. Para dar cumprimento a este objetivo recorreremos à abordagem biográfica que nos pareceu pertinente para compreender alguns dos traços fundamentais das suas histórias de vida.

As histórias de vida emergem no final dos anos 70 e início dos anos 80. A pesquisa com as histórias de vida começou por tentar perceber o que é a formação do ponto de vista do sujeito (Josso, 2005:120).

A prática biográfica apreende o adulto na globalidade daquilo que a sua vida lhe permitiu aprender. A prática das histórias de vida é outra forma de pensar o processo educativo (Canário, 1999).

Nas últimas décadas, as ciências sociais têm dado relevo à abordagem biográfica como estratégia de investigação pois a biografia responde a duas finalidades: à investigação e à formação, tornando a biografia num método com grandes potencialidades de desenvolvimento no domínio da formação de adultos. Considera-se a biografia como um método favorável à compreensão da cultura e da história de vida, um método de aceder aos valores culturais (Cavaco, 2001:66).

O recurso ao método biográfico para relatar o percurso de vida é a abordagem mais adaptada para a aquisição de informação junto de determinados grupos da população (Cavaco, 2001:84).

As histórias de vida permitem-nos chegar mais perto das pessoas, compreende-las através de uma sensibilidade, de as ouvir. Compreender como os indivíduos percebem as situações, quais as respostas que dão face aos acontecimentos de vida, como gerem as relações interpessoais e intergrupais, sobre que valores constroem as suas relações com o mundo (Cavaco, 2001:85).

Os relatos de vida permitem evidenciar que todos temos competências presentes ao longo de toda a nossa existência. Se não tivéssemos estas competências não estaríamos vivos (Josso, 2005:124).

Uma pessoa nunca conta realmente o que aconteceu ao longo da vida, altera os acontecimentos, dá-lhe significado e interpreta-os (Cavaco, 2001:77).

As histórias de vida concedem uma visão geral sobre a vida de uma pessoa que está numa certa situação social, cultural e histórica e são construções da identidade nas quais as pessoas contam as suas vivências (Bassit, 2002:176-177).

Como refere Cavaco (2001:76):

“Com o recurso à abordagem biográfica não se pretende conhecer as pessoas em profundidade, mas extrair experiências daqueles que vivem uma parte da sua vida no seio de determinados objetivos sociais, o que permite reunir informações e descrições, que uma vez analisadas ajudam a compreender o funcionamento e as “dinâmicas” estruturais. Ou seja, os testemunhos de vida não visam captar a interioridade do sujeito, mas sim aquilo em que as suas experiências pessoais se articulam com os saberes práticos e os contextos socio-históricos nos quais se inserem”.

Segundo Cavaco (2001:87-92), selecionam-se indivíduos com percursos de vida muito diversificados, à medida que se realizam as entrevistas define-se também o tipo de pessoas a entrevistar. A partir de um determinado número de entrevistas começam a surgir semelhanças visíveis e não se deve continuar a fazer entrevistas. Os testemunhos passados durante as entrevistas biográficas variam conforme o momento de vida em que a pessoa se encontra e o contexto onde a entrevista é realizada. Os testemunhos de vida dependem da reflexão que a

pessoa faz sobre o seu percurso e essa reflexão evolui ao longo da vida devido às situações do presente e do futuro.

A autora afirma que a entrevista se tornou um instrumento de preferência dos sociólogos, pois a interação que se estabelece entre o entrevistado e o entrevistador é uma relação social. Quando se faz a primeira abordagem no sentido de se realizar a entrevista deve-se explicitar quais são os objetivos do estudo, estabelecer uma relação social entre o entrevistador e o entrevistado e exige-se por parte do entrevistador empatia e sensibilidade para que a conversa seja agradável para o entrevistado (Cavaco, 2001:93-94).

Na nossa atividade de pesquisa recorreremos também à construção dos retratos sociológicos das nossas entrevistadas. O retrato sociológico consiste numa entrevista biográfica de cariz semi diretivo. A sua grande especificidade reside no guião, onde se procura, como objetivo inicial, perceber a forma como as disposições individuais se formam e encarnam nos diferentes papéis sociais do ator, nos múltiplos “mundos da vida” tais como onde habita, no mosaico das situações e quadros de interação em que se move e compreender que dessa circulação resultam várias disposições diferentes.

Segundo Gomes et al (2014:8-9), são as seguintes as etapas de construção de um retrato sociológico tal como proposto por Bernard Lahire:

1. Primeiro formula-se um guião de entrevista semi diretiva de cariz biográfico, adequado aos objetivos da pesquisa, contendo questionamentos sobre o posicionamento do ator em vários setores da vida, domínios de atividade, papéis sociais, contextos e quadros de interação.

2. Realização das entrevistas

3. Transcrever as entrevistas, seguindo as regras clássicas para o efeito.

4. Editar as entrevistas, transformando-as num discurso na 1ª pessoa do entrevistado, fluido e corrente, como se tratasse de uma narrativa, sem considerar silêncios, interjeições, etc.

5. Entre recursos teóricos e material empírico, constrói-se o retrato. Este retrato não é meramente descritivo, ganhando um peso interpretativo, embora sem a análise “pesada” que será remetida para outra instância.

6. Cada retrato deverá conter um conjunto de parágrafos capaz de funcionar como resumo do percurso e, por fim, um corpo mais detalhado.

Foi tendo em conta este conjunto de orientações procedimentais que produzimos o retrato das nossas entrevistadas.

## **Os Procedimentos de recolha de dados**

Realizaram-se entrevistas biográficas a 8 pessoas que fazem parte dos Polos de Educação ao Longo da Vida dinamizados pelo Município de Silves.

A opção por entrevistas biográficas está relacionada com o estágio realizado na Câmara Municipal de Silves onde contactei durante 6 meses com os Polos e pareceu-me pertinente realizar entrevistas para poder compreender as experiências de vida das pessoas que frequentam os mesmos.

A seleção dos indivíduos a entrevistar teve por base a idade, a escolaridade e o local onde residem. Quanto à idade selecionaram-se pessoas reformadas com 65 e mais anos e que residem no concelho de Silves. Quanto à escolaridade procurou-se entrevistar pessoas com diversos níveis escolares. Quanto ao local onde residem, seleccionámos algumas pessoas em meios rurais e outras em meios urbanos.

Com as entrevistas pretende-se perceber como foi a infância de cada indivíduo, o percurso educativo, o casamento, a experiência de emigrar, a maternidade, o percurso profissional, a transição para a reforma e a sua aprendizagem nos Polos.

As entrevistas foram efetuadas durante as visitas aos Polos e foram gravadas com a autorização das pessoas entrevistadas.

Antes de começar as entrevistas, comuniquei a quem entrevistei que as entrevistas faziam parte do meu relatório de estágio do mestrado e que pretendia compreender o seu percurso de vida.

No início, as pessoas entrevistadas não acham que a sua vida é interessante o suficiente para ser objeto de estudo e sentem-se pouco à vontade para partilhar a sua história de vida, mas conforme a entrevista vai avançado sentem-se mais à vontade para partilhar as suas experiências.

Os entrevistados tiveram mais dificuldades em responder às perguntas sobre aprendizagens como nas perguntas “O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?” ou “Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?”, o que complicou um pouco a recolha de dados nesses parâmetros.

As perguntas que os entrevistados responderam com mais facilidade foram aquelas que remetem para o percurso profissional, pois alguns deles sentem muito orgulho da profissão que exerceram ao longo da sua vida. E as perguntas sobre a experiência de ser mãe/pai e a relação que têm com os seus filhos foram também respondidas com orgulho e falaram durante bastante tempo sobre os seus filhos.

O Guião de Entrevista utilizado para as entrevistas de histórias de vida, começa com a caracterização do entrevistado, as entrevistas são anónimas e feitas a pessoas do sexo feminino, devido aos utentes dos Polos serem maioritariamente desse género. O Guião está dividido em 8 partes tentando englobar algumas das etapas importantes da vida, a infância e a relação com a família, o percurso educativo, o casamento, a emigração (se tiver sido caso disso), a maternidade, o percurso profissional, a reforma e por fim as aprendizagens feitas no Polo.

O mais complicado foi fazer com que as entrevistadas tivessem discursos longos, o que fez com que estivesse sempre a lançar perguntas para que o discurso não terminasse e estivesse sempre a fluir.

Dividi os entrevistados em grupos etários, em grupos que residem no meio rural e no meio urbano e por fim, pessoas mais escolarizadas e menos escolarizadas.

O grupo de +65 até aos 70 anos e o grupo de + 70 anos. Insere-se no primeiro grupo os seguintes entrevistados: Isabel, Ana, Lúcia e Mariana e no segundo grupo estão incluídos: Vera, Rita, Joana e Maria.

Os entrevistados que habitam no meio rural são: Ana (São Marcos da Serra), Maria e Joana (Cumeada). No meio urbano residem Isabel (Armação de Pêra), Lúcia (Pêra), Mariana (Tunes), Vera (Silves) e Rita (S.B. Messines).

Insere-se no grupo de pessoas com mais escolaridade: Ana (S. Marcos da Serra), Vera (Silves), Lúcia (Pêra), Mariana (Tunes), Isabel (Armação de Pêra), no grupo de pessoas com menos escolarizadas são Rita (S.B. Messines), Maria e Joana (Cumeada).

Pode-se concluir que as pessoas com menos escolaridade são maioritariamente, exceto uma, pessoas que residem no meio rural. Apenas uma das pessoas que reside no meio rural tem mais escolaridade e uma outra pessoa que reside no meio urbano que tem menos escolaridade.

## **Capítulo VI - Análise Exploratória dos Resultados das Entrevistas**

### **Retratos Sociológicos: Um breve esboço**

Os retratos sociológicos foram construídos a partir das entrevistas feitas a oito seniores que frequentam os Polos de Educação ao Longo da Vida do concelho de Silves com o objetivo de retratar quem são as mulheres que frequentam os Polos e as suas histórias de vida.

Foram dados nomes fictícios às entrevistadas com o intuito de proteger as suas identidades. Sintetizei os retratos sociológicos de acordo com os temas utilizados no guião de entrevista, esses temas foram infância e relações familiares, percurso escolar, casamento e vida familiar, emigração, maternidade, percurso profissional, reforma e Polos de Educação ao Longo da Vida.

Utilizei também citações feitas pelas entrevistadas durante as entrevistas para melhor ilustrar os seus retratos sociológicos.

**Maria tem 75 anos, vive na Cumeada, sítio onde nasceu e passou toda a sua vida. Cumeada é uma aldeia que pertence à vila de São Bartolomeu de Messines e fica no caminho de Messines para Silves, é uma aldeia muito envelhecida e com muito poucos habitantes. Frequentou a escola até ao 4º ano, tem dois filhos e foi dona de uma mercearia até à reforma. Hoje em dia frequenta a ginástica sénior e o Polo de Educação ao Longo da Vida.**

Descreve a sua infância como razoável, é a mais velha de três irmãos por isso tomava conta deles. Conta que a sua experiência mais marcante durante a sua infância foi quando aos 7 anos foi atropelada, partiu a perna e perdeu um ano na escola por não conseguir comparecer.

“Sou mais velha 13 anos que um deles e era eu que cuidava dele quando a minha mãe ia trabalhar. Vivíamos dentro do possível, não passámos fome e a minha avó morava ao nosso lado” (Entrevistada 1, pg. 112).

Frequentou a escola até ao 4º ano com 12 anos, gostava de andar na escola porque brincava com os amigos e gostava de aprender. Contou-nos que não quis ter um percurso educativo mais longo porque na altura só se queria divertir. Aprendeu a fazer bordados e ajudava os pais com os animais.

“Naquela altura não quis estudar porque quando somos mais novos só nos queremos divertir” (Entrevistada 1, pg. 113).

Casou com 21 anos pela Igreja, conheceu o marido na Cumeada num café que costumavam frequentar. A experiência mais marcante que teve no seu casamento foi quando o seu marido esteve emigrado na Alemanha durante 11 anos e a entrevistada ficou cá sozinha a cuidar dos filhos, mas foi com o dinheiro ganho pelo marido na Alemanha que conseguiram comprar casa e carro. Não emigrou, apenas o marido o fez.

Com 22 anos foi mãe e teve dois filhos, uma rapariga e um rapaz. Descreve a sua experiência de ser mãe como boa pois já tinha alguma experiência em cuidar de crianças devido a ter cuidado dos irmãos mais novos durante a infância. Ganhou também uma grande responsabilidade ao ser mãe, pois os filhos dependiam dela.

“Ter filhos é uma grande responsabilidade e dependem de nós, ainda hoje que já são crescidos. Foi isso que aprendi” (Entrevistada 1, pg. 115).

Não teve muitas profissões durante a sua vida profissional, teve uma mercearia durante uns anos na Cumeada. Mas fechou a mercearia devido à concorrência das grandes superfícies que abriram por perto. Aprendeu a fazer contas, a vender e compra dos produtos, a lidar com o dinheiro e com as percentagens do lucro. Conheceu muita gente da localidade pois iam lá fazer as compras.

“Tive a mercearia durante uns anos, mas tivemos que fechar quando abriu o Modelo e o Lidl em Silves porque começou toda a gente a ir lá fazer as compras. Gastava mais do que ganhava” (Entrevistada 1, pg.166).

Quanto à reforma, diz que apenas esperou pela idade da reforma para se reformar. Agora que está reformada tem mais tempo para o lazer, frequentar o Polo e a Ginástica.

Frequenta o Polo desde que abriu e vem para conviver com as outras utentes, para se distrair, fazer amigas. Gostou dos passeios feitos nos Polos e de integrar os grupos de cantares e de teatro. Com o Polo aprendeu a cantar, a fazer teatro e fez aprendizagens com as técnicas que visitam os Polos.

“É uma distração, fiz amigas e conhecimentos com as técnicas que cá vieram” (Entrevistada 1, pg. 117).

**Joana tem 81 anos e vive na Quinta das Cortes na Cumeada. Saiu da escola depois de ter terminado o 4º ano e foi trabalhar para Alcácer do Sal onde conheceu o marido de quem se viria a divorciar mais tarde. Teve uma filha com quem hoje em dia não tem qualquer contacto. Esteve emigrada na França, voltando para Portugal perto da idade da reforma. Atualmente vive com o namorado e frequenta o Polo de Educação ao Longo da Vida.**

Nascida no Sítio da Torre, vivia com os 6 irmãos e os pais. O pai trabalhava no contrabando na altura da Guerra, comprava trigo noutra país para vender em Portugal para se poder fazer pão. Tinha uma boa relação com os pais e os irmãos, como era uma das mais velhas ajudava a cuidar dos irmãos e os pais no campo. A experiência mais marcante da sua infância foi quando a sua professora lhe comprou um vestido para fazer o exame da 3ª classe, pois a sua família não tinha dinheiro.

“Eu e a minha irmã Maria eramos as mais velhas e então fazíamos comida para os outros irmãos todos” (Entrevistada 2, pg. 118).

No seu percurso educativo, frequentou a escola até ao 4º ano, tendo chumbado duas vezes no 1º e 2º ano pois não conseguia aprender a ler. Gostou de andar na escola pois aprendeu a ler e a escrever, mas não teve possibilidades económicas para ir mais longe na escola como preferia.

“Gostava de ter ido mais longe na escola e diziam que eu tinha potencial para ir mais longe, mas os meus pais não podiam pagar então não fui” (Entrevistada 2, pg. 119).

Casou com 22 anos pela Igreja, conheceu o marido em Alcácer do Sal na apanha do arroz, mas teve um casamento muito infeliz pois o marido era ciumento e desconfiado e divorciaram-se.

Emigrou com o marido para França, onde foi a pé até Espanha para lá apanhar o comboio para França. Lá trabalhou como mulher-a-dias a cuidar da casa de outras pessoas e o marido como motorista. Trabalhou na casa de um cantor francês famoso e de um barão. Conseguiu assim comprar uma casa quando voltou a Portugal.

“Fui a pé até Espanha para apanhar o comboio até França com o meu marido para trabalharmos lá” (Entrevistada 2, pg. 122).

Teve uma filha aos 24 anos que descreve como ter sido uma boa experiência. Teve uma boa relação com a filha até aproximadamente 15 anos atrás, agora não se falam devido a influências por parte do ex-marido. Aprendeu o amor incondicional ao ser mãe e vai estar sempre de braços abertos para receber a filha, caso esta queira voltar a ter uma relação com ela.

“Fazia-lhe os vestidos iguais aos que via na montra para ela andar sempre arranjadinha” (Entrevistada 2, pg. 121).

Teve como ocupações profissionais, a apanha do arroz em Alcácer do Sal durante 5 anos, nessa ocupação apenas tinha descanso durante 2 horas ao Sábado para poder ir fazer as compras para casa. Como foi dito acima, trabalhou na França como mulher-a-dias em casa de outras pessoas onde fazia a comida e cuidava das crianças, tendo esta profissão durante 20 anos.

Reformou-se quando chegou a idade para tal. Quando se reformou divorciou-se, ficando sozinha durante 5 anos e depois juntou-se com o novo companheiro há já 12 anos.

Começou a frequentar o Polo porque as amigas vinham. Gostou dos passeios organizados pelos Polos e afirma que aprende sempre alguma coisa com as atividades que são propostas pelas técnicas. Considera o Polo uma distração e uma maneira de conviver.

“É uma distração que nós temos e podemos conviver umas com as outras” (Entrevistada 2, pg. 124).

**Ana tem 70 anos, vive em S. Marcos da Serra, uma vila com perto de 1500 habitantes e que se encontra muito associada (a vila) a práticas agrícolas e florestais. Nasceu em Santa Clara-a-Velha no concelho de Odemira. Onde vivia não havia transportes, os únicos meios de transporte que tinha era de cavalo ou então tinha de ir a pé. Era a mais nova de cinco irmãos e sempre gostou da escola, não só de aprender mas**

**também de ensinar. E foi assim toda a sua vida depois de ter acabado o magistério primário, ensinou tanto adultos como crianças. Teve três filhos rapazes e o companheiro esteve emigrado na Espanha. Quando se reformou continuou a dar explicações e a participar em voluntariado, assim como a frequentar o Polo.**

Considera a sua infância como boa. Sempre teve uma boa relação com os pais e ajudava-os no campo, frequentava bailes e desgarradas com o pai. A experiência que mais a marcou na infância foi ter ajudado a sua professora a ensinar os colegas mas ficava frustrada porque os colegas não aprendiam nada e durante um tempo deixou de querer frequentar a escola. Ajudou também adultos iletrados a fazer o exame da 4ª classe.

“Eu brincava, mas o meu tempo era muito organizado. Tinha de ter tempo para ensinar os outros e tinha de ajudar os meus pais embora as minhas irmãs fossem mais velhas” (Entrevistada 3, pg. 126).

Frequentou a escola até ao 5º ano e tirou o magistério primário. Para esta entrevistada a escola teve a máxima importância pois foi lá que soube o que queria fazer para o resto da vida, descobriu a sua vocação. Adicionalmente tirou um curso de tipografia no Barreiro.

“Foi na escola que soube o que queria fazer para o resto da vida. Foi onde soube que queria ser professora” (Entrevistada 3, pg. 126).

Não casou, mas conheceu o companheiro em São Marcos quando ele foi para lá trabalhar e foi “amor à primeira vista”, começaram a ir a bailes e festas juntos e começaram a namorar. A experiência mais marcante do seu casamento foi quando o seu marido foi trabalhar para Espanha e ficou sozinha com os filhos, atravessou alguns momentos difíceis pois tinha de ir dar aulas a pé e levar os filhos, um no colo, outro no carrinho. Tratava das lidas domésticas sozinha pois não tinha família por perto que a ajudasse.

“ (...) quando o vi entrar e disse para o meu irmão “este é o tal, não me vai escapar” (Entrevistada 3, pg. 127).

Teve três filhos, todos rapazes e foi mãe aos 27 anos. Afirma que a experiência de ser mãe foi o seu maior orgulho mas que houve fases complicadas como quando um dos filhos decidiu ser Ranger mas magoou-se na clavícula e teve de desistir dessa profissão. Neste momento a vida de dois dos filhos passa pela emigração enquanto o outro filho mora perto. Diz serem muito amigos dela e sempre prontos a ajudar. Aprendeu a compreender os filhos, a apoiá-los nas fases mais complicadas da vida e a falar com eles fazendo-os compreender as coisas.

“Andava 13 km a pé com a mala com as coisas que precisava para dar as aulas. Cheguei a fazer esse caminho grávida e com os dois filhos” (Entrevistada 3, pg. 128-129).

A sua única ocupação profissional foi ser professora que foi o que sempre quis fazer e fê-lo durante 33 anos. Durante o dia ensinava crianças e à noite ensinava adultos, duas experiências completamente diferentes segundo a mesma, mas aprendia muito com as experiências e as histórias dos alunos adultos.

“Ensinava crianças durante o dia e à noite trabalhava com adultos. Eram coisas totalmente diferentes, não consigo dizer o que mais gostava, era de extremo a extremo” (Entrevistada 3, pg. 130).

Quando se reformou devido à idade ainda trabalhou durante 2 anos a dar aulas. Hoje em dia, é uma reformada muito ativa pois faz voluntariado na Cruz Vermelha e no Castelo dos Sonhos, faz parte de um partido e continua a dar explicações.

“Acho que já ajudei algumas pessoas, demos casa e mobília para a casa de umas pessoas, fiz rifas para pagar as suas dívidas, essa pessoa vivia num cemitério numa casinha pequena com 4 filhos” (Entrevistada 3, pg. 131).

A motivação que a fez integrar o Polo foi o facto de em São Marcos não haver muita coisa para fazer. O Polo é uma maneira de juntar as pessoas e não as deixar isoladas em suas casas e conviver. As experiências mais marcantes no Polo foram o Presépio que tem a participação das crianças da escola, o teatro também foi algo motivador assim como o desfile de moda que fizeram. As aprendizagens feitas no Polo foram realizadas através da partilha de experiências e histórias de vida, assim como aprender as artes da costura com as outras utentes. O Polo significa uma ocupação, convívio e amizades.

“É uma ocupação e convívio com outras pessoas. Significa amizade também. As pessoas aqui são muito unidas por ser um meio pequeno, conhece-se toda a gente” (Entrevistada 3, pg. 132).

**Rita tem 76 anos e reside na vila de São Bartolomeu de Messines, a maior freguesia do concelho com mais de 8000 habitantes. Não gostava da escola frequentando-a apenas até ao 4º ano. Vinda de uma família abastada, o seu casamento**

**foi arranjado pela sua família devido aos bens que ambos possuíam. O seu marido esteve emigrado antes de casarem. Tem duas filhas e foi doméstica toda a sua vida.**

Considera que a sua infância não foi muito positiva devido aos ataques epiléticos de que sofria e estava sempre a entrar e sair do hospital e por isso faltando às aulas. Tinha uma boa relação com os pais e vivia uma vida abastada, tinha caseiros e criados. Conta que uma das experiências mais marcantes da sua infância foi quando ia cantar com as amigas na altura do Natal e dos Reis e doava o dinheiro ganho aos pobres.

“Tínhamos criados que faziam a comida e cuidavam da casa, ajudavam-nos, levavam-me a passear e cuidavam de mim” (Entrevistada 4, pg. 133).

Frequentou a escola até ao 4º ano, mas não gostava da escola pois os seus ataques aconteciam com mais frequência na escola e tinha dificuldades em aprender, mas durante o Verão ia ter explicações na casa de uma senhora. Saiu da escola pois faltava muitas vezes devido aos seus ataques e porque tinha dificuldades em aprender.

Casou com 21 anos, um casamento arranjado devido às terras que ambos possuíam. Durante 5 anos esperou que o noivo voltasse da Guiné e de Cabo Verde para que se pudessem casar. Casou-se sem qualquer experiência anterior e engravidou. Conta que o marido gostava muito de beber e por vezes ficava sem aparecer em casa por uns dias. Quem tratava das lidas domésticas era uma senhora contratada pois não sabia cozinhar e quem tratava do dinheiro e das contas era o seu marido.

“Mas eu não gostava dele e quando o via ia para outro lado para não estar perto dele, mas acabei por me casar com ele” (Entrevistada 4, pg. 135).

Não emigrou, apenas o marido trabalhou noutros países enquanto estavam noivos.

Teve duas filhas, sendo mãe aos 22 e 27 anos. Relata que foram duas experiências muito diferentes, pois quando foi mãe pela primeira vez não sabia cuidar de um bebé e contratou uma senhora que cuidasse da filha e de tudo o que lhe pertencia, já na segunda vez que foi mãe, foi tudo diferente e foi a entrevistada que cuidou da filha. Atualmente tem uma boa relação com ambas as filhas que moram relativamente perto dela. Ao ser mãe aprendeu a ter responsabilidade, a educar e tentar fazer o que era melhor para elas.

“Houve um tremor de terra e fugi para debaixo das arcadas e deixei a bebe na cama, só me lembrei depois e quando cheguei perto dela estava cheia de coisas que caíam na

cama, mas ela esta bem, podia era ter acontecido algo pior, foi uma irresponsabilidade da minha parte” (Entrevistada 4, pg. 137).

Foi doméstica durante toda a sua vida, mas aprendeu a fazer bordados à máquina, a fazer coisas em papel e a pintar em vidro. Se tivesse tido uma profissão seria qualquer coisa a ver com artes e trabalhos manuais. Ao estar em casa aprendeu a cozinhar e tinha mais tempo para estar presente na vida das filhas.

Diz ter-se reformado depois de ter sido operada ao coração, mas esperou três anos até ter idade para tal. Agora que está reformada tem mais tempo livre para passear e conhecer outros sítios.

“Tenho mais tempo livre. Desde que o meu marido morreu que estou mais livre, fui visitar muitos sítios” (Entrevistada 4, pg. 138).

Veio para o Polo para conviver com as outras utentes. Para si a experiência mais marcante no Polo foi quando vieram ensinar a fazer trabalhos manuais. Gosta dos passeios que faz no Polo e gostou de participar no teatro. Aprende muito com as restantes utentes do Polo e o teatro foi algo que a ajudou a pensar e a desenvolver o raciocínio. O Polo é uma distração para não estar sozinha em casa.

“Significa entreter-me com as outras colegas, falar com elas e jogar à carta. Distrair-me para não estar em casa sozinha” (Entrevistada 4, pg. 139).

**Mariana tem 67 anos e vive na Guia, localidade que não faz parte do concelho de Silves, mas sim de Albufeira, devido à proximidade e a gostar muito desta freguesia, a entrevistada faz parte do Polo de Tunes. Tunes foi agregada à freguesia do Algoz e é o entroncamento ferroviário da linha Sul e da linha do Algarve. Quando era mais nova brincava com os animais e andava de bicicleta. O seu sonho era ser enfermeira, mas não o conseguiu alcançar pois na altura os pais não permitiam que fosse estudar para fora, nem tinham possibilidades económicas para tal. Conheceu o marido em Tunes, daí a sua ligação com a localidade. Viveu no Alentejo, mas agora vive na Guia. Teve várias profissões tais como caixa de supermercado e caixa na Makro. Teve dois filhos. Reformou-se devido a uma lesão na coluna. Começou a frequentar o Polo através do convite de uma utente do mesmo e gosta muito. Além disso cuida dos netos e faz ginástica.**

A sua infância foi passada apenas com os seus pais embora tenha um irmão, mas sendo ele mais velho 17 anos, a sua infância não foi passada com ele e então não tinha ninguém com quem brincar, então brincava com os animais e aprendeu a andar de bicicleta. Tinha uma boa relação com os pais, via filmes e lia livros e depois contava as histórias aos pais.

“Não tinha ninguém por perto com quem pudesse brincar, mas desde criança que sempre tive muita criatividade e brincava com os animais. Treinava os gatos, os cães, os porcos... e domesticava-os e divertia-me com eles, eles deitavam-se quando lhes pedia” (Entrevistada 5, pg. 140).

Frequentou a escola até ao 7º ano e gostava muito de andar na escola. Tinha notas razoáveis e gostava de artes. Quando se tornou uma jovem adulta, foi para Faro para estudar à noite e ficava na casa do irmão onde ajudava a tomar conta dos sobrinhos. Gostava de ter ido mais longe na escola, mas como o irmão saiu de Faro, a entrevistada não conseguiu ficar a morar sozinha pois não era algo permitido pelos pais nem era possível economicamente.

Quando casou tinha 24 anos. Conheceu o marido em Tunes num casamento e existiu logo uma empatia entre os dois, mas o marido era do Alentejo e voltou para lá depois do casamento. Escreveu-lhe dois meses depois a pedir a entrevistada em namoro. Casou pela Igreja, onde esteve presente muita gente e teve um órgão a tocar e uma passadeira vermelha. A experiência mais marcante no seu casamento foi quando sofreu um aborto e quando foi viver para o Alentejo pois foi uma mudança radical e as pessoas eram muito observadoras porque a entrevistada vestia-se e agia de maneira diferente do habitual na região. Comprou a parte da casa dos cunhados no Alentejo e no Algarve ficou com a casa dos pais a qual restaurou. Em casa quem tratava do orçamento familiar era o seu marido devido à sua profissão de contabilista.

“Houve uma química entre nós e dançamos juntos no casamento, mas depois ele voltou para o Alentejo e não combinamos nada. Depois encontrei-o por acaso na praia, e ele depois escreveu-me 2 meses depois. Mas fiquei ainda um mês sem lhe responder à carta, mas quando respondi ele veio cá e pediu-me em namoro” (Entrevistada 5, pg. 142).

Não emigrou. Aos 26 anos foi mãe e teve dois filhos. Considera ter sido mãe uma experiência muito boa, mesmo sendo uma “mãe galinha” tentado sempre dar a maior liberdade possível e tentava sempre fazer o melhor para os seus filhos. Quando eles eram

novos era ela que lhes fazia a roupa. Tem uma relação próxima com ambos os filhos e cuida dos netos. Ao ser mãe ganhou responsabilidade em todos os sentidos e aprendeu com os seus filhos, considera ter sido tudo uma aprendizagem.

“Tornou-me mais mulher e mais responsável em todos os sentidos. Foi uma experiência muito boa. Não tive muitas dificuldades no processo de ser mãe, os meus filhos também foram muito bons para mim. Não foi complicado. Aprendi muito com eles e eles comigo. Foi uma aprendizagem” (Entrevistada 5, pg. 144).

O seu percurso profissional passou por trabalhar num supermercado e na Makro, sendo esta última a atividade profissional que exerceu durante mais tempo, 14 anos. Identificava-se com estas atividades profissionais pois trabalhava na caixa e todos os dias falava com pessoas diferentes. Por sua vontade teria sido enfermeira, mas não concretizou esse sonho pois não havia o curso no Algarve. No seu trabalho na Makro aprendeu muito com os chefes e com os clientes, aprendeu valores e desvalores, considera que se aprende com o bom e com o mau e tornou-se responsável pois passava-lhe muito dinheiro pelas mãos todos os dias.

“Gostava muito de ter sido enfermeira. Mas nessa altura não era possível ter feito o curso aqui no Algarve, tínhamos de ir para Coimbra e os meus pais não tinham dinheiro para isso então esse sonho ficou por terra” (Entrevistada 5, pg. 145).

Reformou-se devido a uma lesão na coluna devido ao esforço que fazia no trabalho, o que resultou em 3 anos de baixa e deram-lhe a reforma devido a essa baixa. Atualmente reformada, tem mais tempo para si, para a casa e para os netos. Faz trabalhos manuais, costura, bordados, malhas e escreve, também gosta de cultivar e de agricultura.

Entrou no Polo convidada por uma utente que já faz parte do Polo a assistir à peça de teatro e entrou na peça seguinte pois gostou muito do que viu e também quis fazer parte e convenceu o marido a integrar o Polo também. Conta que as experiências mais marcantes no Polo foi quando pintou o cenário da peça e escreveu as músicas. As atividades em que mais gostou de participar foram no teatro pois nunca tinha feito algo parecido e foi um desafio, o Masterchef onde teve de cozinhar e ficou em 1º lugar na freguesia e ir cantar às escolas e aos lares. Considera que estamos sempre a aprender alguma coisa seja como for ou com quem seja e no Polo aprendeu com as restantes utentes seja na culinária ou na costura e considera o teatro e os cantares também uma aprendizagem pois tinha sido algo que a entrevistada nunca tinha feito antes. Para si frequentar o Polo significa convívio e participar nas atividades

propostas e pode fazer coisas de que gosta como os trabalhos manuais, o teatro e o grupo de cantares.

“Gosto muito das pessoas que cá estão e de participar nas atividades. Gosto do convívio. Sinto essa necessidade. Posso fazer coisas de que gosto como os trabalhos manuais, o teatro e dos cantares” (Entrevistada 5, pg. 148).

**Lídia tem 65 anos e vive na freguesia de Pêra que foi agregada à freguesia de Alcantarilha e tem aproximadamente 2500 habitantes. Nasceu em casa com a ajuda da sua avó que era parteira, em Lisboa, viveu em Vendas Novas, onde viveu até à idade da reforma. frequentou a escola até ao 9º ano e preferiu ir trabalhar e não prosseguir estudos. Casou com 20 anos depois de conhecer o marido devido à sua avó ter sido parteira de ambos. Apenas teve um filho e trabalhou durante 41 anos na mesma empresa até se reformar. Depois da reforma saiu de Lisboa e foi viver em Pêra.**

Era filha e neta única, sempre teve os pais e os avós por perto que nunca lhe faltaram com nada e sempre teve tudo de bom. Sempre teve uma boa relação com os pais tendo tido, mais tarde, uma depressão, pois a morte dos mesmos foi muito difícil de aceitar e teve de procurar ajuda psicológica para conseguir ultrapassar esta fase.

O pai levava-a muito a passear por parques e museus e também ia muito com a avó em excursões, o que fez com que o bichinho por viajar começasse a crescer, e era assim que ocupava os seus tempos livres.

Frequentou a escola até ao 9º ano. A escola teve muita importância para a entrevistada, mas preferiu não ter um percurso educativo mais longo, como a mesma diz “não era uma prioridade” e ir logo trabalhar na mesma empresa, com 17 anos, onde o pai trabalhava. No seu local de trabalho teve outras formações e cursos de inglês e espanhol e fez o curso geral de comércio.

“Eu se quisesse teria feito, tinha possibilidades para tal, não fiz um curso superior porque não quis. Mas talvez se fosse hoje em dia poderia ter sido diferente, mas tive um bom emprego” (Entrevistada 6, pg. 150).

Casou com 20 anos, conheceu o marido quando a mãe o levou a conhecer a sua parteira, que era a avó da entrevistada e a partir daí o amor entre os dois nasceu, mesmo ela com 15 anos e sendo 5 anos mais nova que ele. Sobre o seu casamento, afirma que sempre

tiveram uma boa relação os dois e sempre aproveitaram o tempo livre para viajar pelo Mundo, conhecendo países da Europa, da América do Norte e do Sul, África, Ásia. As lidas domésticas eram divididas entre os dois assim como as compras maiores como o carro e a casa.

“Tem sido um casamento com uma boa relação, com respeito, tudo de bom. Temos aproveitado da melhor maneira, temos viajado muito” (Entrevistada 6, pg. 150).

Não emigrou. Foi mãe de um menino aos 21 anos, sendo este o seu único filho. Considera ter sido mãe uma boa experiência, embora tendo sido mãe nova, mas teve a ajuda dos seus pais e da sua avó. Considera não ter havido nenhuma experiência menos positiva com o seu filho quando este era criança e que hoje em dia é um bom homem e um bom trabalhador, pai de 2 filhos e embora ele e a sua família morem em Lisboa, fazem visitas mensais um aos outros e falam todos os dias.

“Ser mãe é uma aprendizagem maravilhosa em todos os aspetos, aprende-se a amar incondicionalmente. Como era muito nova quando fui mãe tudo foi aprendizagem, mas acho que fiz o melhor que podia” (Entrevistada 6, pg. 151).

Trabalhou 41 anos na mesma empresa de cabos de energia e telecomunicações na parte administrativa. Era a empresa onde o seu pai trabalhava e foi para lá com 17 anos. Teve 17 anos na medicina do trabalho, teve na parte do pessoal, depois foi secretária do diretor financeiro uns anos e por fim teve na contabilidade. Se pudesse escolher outra profissão teria escolhido algo que lhe desse mais liberdade e não a prendesse tanto a uma secretária. Rodou por muitos departamentos da empresa, o que fez com que adquirisse muitas aprendizagens diferentes e fez com que tivesse um conhecimento geral da empresa onde trabalhava.

Pediu a reforma por invalidez devido à morte repentina dos seus pais e estava com dificuldade em concentrar-se. Quando se reformou trocou Lisboa pelo Algarve e veio com o marido viver para Pêra, onde já tinham casa e consideraram ser mais sossegado e com melhor clima.

“Depois da reforma eu e o meu marido viemos viver para Pêra, já cá tínhamos casa e como é um ambiente mais sossegado e gostamos do clima, decidimos vir para cá viver. Comecei também a frequentar o desporto sénior, continuamos a viajar quando podemos e comecei a vir ao Polo também” (Entrevistada 6, pg. 153).

Integrou o Polo para estar com a mente ocupada e gosta de participar no grupo de cantares. Como a entrevistada não é a da freguesia, integrar o Polo fez com que conhecesse

mais gente da localidade. A experiência que mais gosta é o grupo de cantares, que a satisfaz bastante. Considera o teatro uma das aprendizagens que fez no Polo, pois antes de frequentar nunca tinha feito antes e gostou muito da experiência que quer repetir. O Polo para si significa conviver e partilhar histórias de vida com as outras pessoas que também integram o Polo.

**Isabel tem 64 anos e vive em Armação de Pêra que é uma vila muito visitada pelos turistas no Verão, sendo a única freguesia do concelho com praia e é também conhecida pela sua atividade piscatória. Nasceu na Beira em Moçambique mas teve de emigrar para Portugal para fugir à Guerra Colonial. Foi professora toda a vida, além de ter tirado o Magistério Primário concluiu também a licenciatura. Preferiu não casar nem ter filhos. Desde que se reformou que faz voluntariado e começou a visitar o Polo para fazer vontade à sua mãe.**

Passou a infância a brincar no jardim perto de sua casa com o irmão e os vizinhos, a andar de bicicleta, patins e a brincar na praia. Considera a sua infância uma infância livre. Tinha uma boa relação com os seus pais, mas considera-os muito severos. Uma das experiências que mais a marcou na infância foi os seus ataques de asma, que faziam com que não comesse nem bebesse nada durante três dias e tinha de dormir na cama dos seus pais pois como era maior fazia-a sentir-se melhor.

“Tive uma infância livre, de chinelo no pé e de calções” (Entrevistada 7, pg. 155).

Frequentou um colégio de freiras até ao 9º ano, seguindo para o Liceu, fez depois o Magistério Primário e por fim, concluiu a licenciatura quando já trabalhava. Gostava muito da escola, mas preferiu não tirar o mestrado.

Não casou, preferiu ser solteira. Foi uma opção da entrevistada não casar nem ter filhos. Sempre quis ser independente e não queria ninguém até acabar o seu curso e nunca quis ninguém depois disso. O casamento começou a ficar para trás e quando começou a dar aulas, os alunos eram como filhos para si. Era mãe e professora deles.

“Não casei. Sempre fui solteira. Foi uma opção minha não casar nem ter filhos” (Entrevistada 7, pg. 156).

Saiu de Moçambique para Portugal aos 21 anos, devido à Guerra Colonial. Considera que se tivesse permanecido em Moçambique talvez não tivesse conhecido alguns países que

conheceu na Europa e as aprendizagens que isso lhe trouxe. Para a entrevistada, a adaptação foi difícil, principalmente o clima, as pessoas e o estilo de vida.

Foi Professora toda a sua vida, dando aulas no Ensino Primário, Secundário e na Educação de Adultos à noite. Lia histórias aos mais novos da pré-primária. Praticou esta profissão durante 31 anos. Quando começou a dar aulas foi para um lugar onde não havia casas de banho, luz, água e era tudo muito pobre, mas considera uma aprendizagem, embora difícil, mas conseguiu adaptar-se e ainda fez amizade com as pessoas com quem convivia.

“Os anos que mais gostava de dar aulas eram no 1º ano na primária pois era quando eles aprendiam a ler e era a fase que mais gostava, pois era quando se começava algo do início, do zero e os via crescer. O mesmo acontecia quando dava aulas de Francês ao 7º ano, eles não sabiam nada da língua e era muito bonito vê-los a aprender algo novo. Era o mais desafiante” (Entrevistada 7, pg. 157).

Reformou-se quando atingiu os 55 anos de idade e 31 anos de trabalho, para poder cuidar da mãe que estava com inícios de alzheimer. Faz parte da Junta de Freguesia que está em vigor em Armação de Pêra, pertence a um grupo de oração, fez parte da direção da associação do Castelo de Sonhos em Silves, onde as pessoas podem doar roupas e comida às pessoas que fazem parte desta associação e faz voluntariado no Hospital de Portimão. Identifica muitas mudanças na sua vida desde a reforma, tem mais tempo para fazer coisas de que gosta como de frequentar o Desporto Sénior, as marchas, o Polo, o grupo de cantares e o teatro. Quando faz teatro, imagina o público como os seus alunos quando era professora, cada turma era diferente assim como cada público.

“Identifico muitas mudanças na minha vida, tenho a cabeça livre, tenho mais tempo pois antes vivia para a escola (preparar aulas e corrigir testes) e para os alunos. Não tinha tempo para mais nada e agora tenho tempo para fazer tudo o que não fazia antes” (Entrevistada 7, pg. 159).

Começou a frequentar o Polo com a sua mãe que gostava muito de lá ir e continuou a ir depois da sua mãe ir para o lar. Gosta muito de ir ao Polo porque se sente estimada pelas suas colegas e sente que gostam dela, foram para si grande apoio quando a sua mãe foi para o lar. Recebe muitas aprendizagens da parte das colegas e quer também ensinar-lhes a elas. A atividade que mais gostou foi quando decoraram Armação de Pêra com peças em crochê, onde receberam ajuda da comunidade e puderam contactar com a mesma. Considera aprendizagens o que nunca tinha feito antes e agora já faz e para si o Polo é um projeto muito

interessante, que pretende ocupar as pessoas que já não exercem uma profissão e tem o objetivo de tirar as pessoas de casa para conviverem e aprenderem coisas novas.

“Estar com aquelas senhoras, a maior parte mais velhas que eu, perceber que gostam de me ter lá e de me estimar. Receber aprendizagens da parte delas enquanto também tento ensinar-lhes algo” (Entrevistada 7, pg. 160).

**Vera tem 72 anos e vive em Silves, a freguesia concelho que em séculos passados foi a capital do Algarve e é uma das cidades mais antigas de Portugal. Nasceu na freguesia de Alcantarilha, mais precisamente no campo, tendo mais tarde vindo para Silves morar. Os pais ofereceram-lhe uma máquina de costura pois na altura era o que as meninas faziam, mas depois o pai deu-lhe abertura para ir estudar para Silves e nunca aprendeu a costurar. Tirou um curso geral de comércio e trabalhou num banco. Teve dois filhos e é casada.**

Sempre teve uma boa relação com os pais, principalmente com o pai, que lhe dava a si e ao irmão dinheiro para irem ao cinema ou à feira e levava-os à praia de Armação de Pêra. Passava os seus tempos livres a brincar às escolas com o irmão.

“Apesar de não termos tido uma infância muito abastada, tínhamos sempre o que eu e o meu irmão precisássemos. Tínhamos sempre algo para comer e roupa para vestir, embora não fosse muita” (Entrevistada 8, pg. 161).

Frequentou a escola até ao 9º ano num curso geral de comércio. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo, mas não lhe foi possível pois teria de ir para Lisboa três anos para tirar o curso de Contabilidade e os pais não tinham dinheiro para a continuação de estudos superiores.

Casou com 30 anos pois estava a trabalhar fora e apenas se concentrava no trabalho. Conhecia o marido da escola, mas só quando começaram a trabalhar juntos é que começaram a namorar. Casaram por registo civil primeiro e mais tarde pela Igreja. A experiência mais marcante do seu casamento foram os seus filhos e as férias que fazia só com o marido 15 dias no Verão. A sua vida em casa era muito a correr pois não vivia na mesma localidade onde trabalhava então tinha de andar de transportes públicos que por vezes se atrasavam. A mãe da entrevistada vivia em sua casa e ajudava com os filhos e com as lides da casa, depois arranjou alguém que ajudasse em casa na limpeza e a passar ferro. Não emigrou.

Foi mãe aos 31 anos e teve dois filhos, uma rapariga e um rapaz. Considera a sua experiência como mãe como agradável, mas refere que se deixa de viver para nós próprios para viver para os filhos. Diz preocupar-se cada vez mais com os seus filhos, embora eles não lhe tenham dado preocupações, além do seu filho quando saía à noite. Atualmente tem uma boa relação com ambos, mas vê mais a filha pois esta vive em Silves enquanto o seu filho vive em Portimão e trabalha em Tavira. Aprendeu muita coisa ao ser mãe, quando os filhos eram pequenos aprendeu a tratar deles e quando cresceram e eram jovens tentava manter-se a par com a mentalidade deles e assim aprendia com eles.

“Foi uma experiência muito agradável, muito bom. Deixamos de viver para nós para vivermos para os nossos filhos. Ainda hoje em dia é uma experiência muito boa, sempre me preocupei muito com eles e ainda hoje me preocupo. Dizem que as preocupações vão diminuindo quando eles crescem, mas as minhas preocupações só crescem” (Entrevistada 8, pg. 164).

No campo profissional, o seu primeiro emprego durante dois anos, foi a fazer a contabilidade de um Hotel, onde lançava e fechava as contas, e geria o dinheiro que entrava e saía. Foi depois trabalhar para o Banco, onde ficou 33 anos até à reforma, onde passou por diversas seções tais como no balcão, lançar contas dos clientes e apoio à gerência. Aprendeu a pôr em prática o que aprendeu no curso e a contactar com os clientes.

Reformou-se quando o Banco onde trabalhava, o Banco Nacional Ultramarino (BNU) se juntou à Caixa Geral de Depósitos e porque eles estavam a dispensar pessoas e a entrevistada tinha problemas de visão e pediu ao médico que escrevesse que não podia estar a trabalhar no computador todo o dia. Considera que a sua vida mudou muito depois da reforma e que agora tem o dia muito ocupado principalmente com atividades relacionadas com o Polo. Considera que aquilo que fez durante a sua atividade profissional é-lhe útil para algumas coisas que faz no Polo pois sabe mexer no computador e algumas das suas colegas não.

“A minha vida mudou muito depois da reforma, o que faço agora é totalmente diferente daquilo que fazia na minha atividade profissional” (Entrevistada 8, pg. 166).

Foi para o Polo porque a sua cunhada a convidou a ir. As experiências mais marcantes que teve no Polo foi o livro que fizeram em trabalhos manuais, a atividade de “vestir” as árvores de Silves foi das suas preferidas devido ao feedback da população e dos turistas e uma atividade em que tinham de recolher informação sobre os monumentos de Silves e fizeram uma palestra sobre isso aos alunos da Universidade do Algarve e com essa atividade aprendeu

coisas sobre Silves que antes não sabia. Gosta muito de fazer parte do grupo de cantares e de teatro. Considera como aprendizagens tudo aquilo que fez no Polo até agora, principalmente na parte da costura e as ideias que trocam umas com as outras para a realização das atividades. Para si o Polo significa convívio, conhecer novas pessoas e aprender a lidar com as personalidades diferentes de cada pessoa.

“Significa conviver, conhecer novas pessoas e tem sido muito agradável conhecer novas personalidades e aprender a lidar com elas. Tem sido agradável e estou grata por tudo o que tenho aprendido desde que comecei a frequentar o Polo” (Entrevistada 8, pg. 167).

### **Algumas etapas fundamentais da trajetória de vida dos idosos: resultados da investigação**

A partir da análise de conteúdo podemos verificar que existem algumas etapas fundamentais da trajetória de vida dos idosos surgindo alguns padrões de semelhança e de diferenças sociais. Os temas que emergiram da análise de conteúdo das entrevistas dizem respeito à infância e às relações familiares, ao percurso educativo, à maternidade, a experiência da emigração, o percurso profissional, a reforma e os Polos de Educação ao Longo da Vida.

#### 1.1 - Infância e Relações Familiares

Podemos observar que no tema da Infância e Relações Familiares existem maioritariamente três categorias diferentes entre as entrevistas. A primeira categoria é “Ajudar os pais”, algo que era comum na sociedade que existia na altura, onde existem duas subcategorias que são “ajudavam os pais no campo” ou “cuidavam dos irmãos”. A entrevistada Joana conta como ajudava os pais no campo:

“Trabalhávamos no campo com a minha mãe e vendíamos as amêndoas e as alfarrobas”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 118).

Assim como Ana que descreve que ajudava os pais no campo nos seus tempos livres:

“Foi um pouco cansativa pois tinha de ajudar os meus pais a trabalhar no campo e a tratar dos animais”. – Ana (Entrevistada 3, pg. 124).

Maria que era a irmã mais velha cuidava dos irmãos enquanto os pais trabalhavam:

“Sou mais velha 13 anos que um deles e era eu que cuidava dele quando a minha mãe ia trabalhar”. - Maria. (Entrevistada 1, pg. 112).

Joana falou durante a entrevista que na sua casa eram 9 pessoas a comer à mesa mas que arranjavam sempre algo para comer, mesmo tendo dificuldades financeiras, assim como Maria:

“Tinha 6 irmãos, eu e os meus pais. Em casa eramos 9 pessoas à mesa, mas havia sempre qualquer coisa para comermos”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 118).

“Vivíamos dentro do possível, não passamos fome e a minha avó morava ao nosso lado”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 112).

A segunda categoria observável neste tema é “Brincadeiras de infância” partilhada entre outras três das entrevistadas. Divide-se em duas subcategorias que são “brincar com os irmãos” e “brincar com animais”. Na subcategoria “brincar com os irmãos” encontram-se as entrevistadas Isabel e Vera:

“Brincava com o meu irmão às bonecas ou então fazíamos lanches enquanto brincávamos”. – Isabel (Entrevistada 7, pg. 155).

“Gostava muito de brincar às escolas com o meu irmão ou sozinha. Como vivíamos no campo não tínhamos vizinhos por perto, os montes eram longe uns dos outros”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 161).

Já Mariana não tinha ninguém com quem brincar pois o seu irmão era anos mais velho então brincava com os animais treinando-os para fazerem truques:

“Não tinha ninguém por perto com quem pudesse brincar, mas desde criança que sempre tive muita criatividade e brincava com os animais” – Mariana (Entrevistada 5, pg. 140).

A terceira categoria é “Infância Abastada” que tem duas subcategorias que são “Tinha caseiros e criados” e “Teve tudo de bom durante a infância”. Na primeira subcategoria a entrevistada Rita conta que tinha caseiros e criados que a acompanharam durante a sua infância devido à riqueza da sua família paterna:

“Tínhamos criados que faziam a comida e cuidavam da casa, ajudavam-nos, levavam-me a passear e cuidavam de mim”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 133).

Na segunda subcategoria “Teve tudo de bom durante a infância” a entrevistada Lídia conta que teve todas as atenções para si pois era filha e neta única e viveu sem problemas económicos:

“Tive uma infância feliz graças a Deus, nunca me faltou nada, sempre tive tudo de bom, fui filha única sempre com os meus pais e os avós maternos por perto (...) fui uma menina muito sortuda, filha única e neta única, era o centro das atenções da família (...)”. – Lídia (Entrevistada 6, pg. 149).

Enquanto somos crianças, são transmitidos valores e disposições pelos pais e avós, como foi o exemplo de Lídia que conta na sua entrevista que a sua avó lhe transmitiu a vontade de viajar pois levava-a em excursões quando era criança:

“Também ia a muitas excursões com a minha avó o que me criou o bichinho de viajar”. – Lídia (Entrevistada 6, pg. 149).

Na época era muito comum as crianças ajudarem os pais no campo ou a cuidar dos animais e as raparigas ajudavam a cuidar dos irmãos mais novos e a cozinhar enquanto os pais trabalhavam, exemplo disso foram as entrevistadas Joana, Maria e Ana. O que não era muito comum na época era haver crianças que tinham uma infância abastada, com criados, por isso temos apenas um exemplo dentro das sete entrevistas que foram feitas que é o da entrevistada Rita. Os discursos das entrevistadas induzem para vivências num contexto societal de um Portugal pobre, rural e pouco desenvolvido em que a vida no campo marcava o ritmo familiar e de trabalho e em que as solidariedades familiares eram fundamentais para assegurar os processos de reprodução social e as existências sociais.

## 1.2 – O Percurso Educativo

No tema Percurso Educativo construímos três categorias a partir dos discursos das entrevistadas, essas categorias são “Percurso Educativo Curto”, “Percurso Educativo Intermédio” e “Percurso Educativo Longo”. Os percursos educativos curtos dizem respeito a trajetórias escolares de curta duração que remetem para a escola primária da altura em que se fazia a quarta classe para ir para o mundo do trabalho e não mais voltar à escola. Os percursos educativos intermédios referem-se a trajetórias escolares de média duração que remetem para

uma escolaridade entre o Ensino Básico e o Ensino Secundário e os percursos educativos longos, representados claramente em minoria dizem respeito a trajetórias escolares de nível superior.

A categoria “Percurso Educativo Curto” tem duas subcategorias “Gostava de ter ido mais longe na escola” e “Ficou satisfeita com o seu percurso educativo”. Na primeira subcategoria a entrevistada Joana revela que teve dificuldades em aprender a ler e escrever e até chumbou, mas que gostava de ter tido oportunidade de ter tido um percurso escolar mais longo e que a razão pela qual não foi mais longe foi os pais não terem dinheiro para lhe sustentarem os estudos:

“Gostava de ter ido mais longe na escola e diziam que eu tinha potencial para ir mais longe, mas os meus pais não podiam pagar então não fui”. - Joana (Entrevistada 2, pg. 119).

As entrevistadas Maria e Rita revelam que ficaram satisfeitas com os seus percursos educativos e que não tinham desejos de ter um percurso escolar mais longo. No caso de Maria, a causa do seu insucesso escolar foi a vivência hedonista dos seus tempos de juventude. No caso de Rita, esta assume que não tinha gosto pela escola e sentia dificuldades em aprender.

“Naquela altura não quis estudar porque quando somos mais novos só nos queremos divertir”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 113).

“Mas sinceramente não queria ter ido mais longe na escola porque não gostava daquilo e tinha dificuldades em aprender”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 134).

A experiência escolar mesmo sendo curta, gerou ferramentas que não estavam disponíveis nas gerações anteriores à geração destas senhoras que foram entrevistadas, tais como terem aprendido a ler e a escrever.

A maior parte dos filhos de pais da classe trabalhadora e crianças que viviam em aldeias têm estudos mais curtos. O “*atraso educativo português*” manifesta-se com força de evidência na vida dos nossos entrevistados.

Na categoria “Percurso Educativo Intermédio” engloba as subcategorias “Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo” e “Preferiu não estudar mais e ir trabalhar”.

Na subcategoria “Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo” apenas duas das entrevistadas ficaram insatisfeitas com o seu percurso educativo, ambas devido à impossibilidade financeira dos pais para lhes pagarem os estudos.

Normalmente, os filhos de pais de classes trabalhadoras não podiam ter estudos secundários devido a ser caro pois teriam de ir estudar para as cidades.

“Gostava (de ter tido um percurso educativo mais longo) mas não havia possibilidades nem dinheiro para isso. Quando o meu irmão saiu de Faro era impossível eu ficar lá a estudar sozinha, os meus pais não deixavam e também não tinham condições económicas, então tive de desistir a meio do 8ºano”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 141).

“O meu sonho era ter tirado um curso superior com algo a ver com contabilidade. Para tirar esse curso teria de ir para Lisboa 3 anos, mas não havia essa possibilidade porque a minha mãe não trabalhava, só o meu pai, então era complicado e nós também eramos dois, não podíamos estar os dois a estudar”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 162).

Na última categoria “Percurso Educativo Longo” que tem duas subcategorias “Magistério Primário” e “Licenciatura”. A entrevistada Ana completou o Magistério Primário e dava aulas a crianças na primária e igualmente a adultos que queriam aprender a ler e escrever durante a noite:

“Fiz até ao 5º ano. Que naquela altura era escolaridade obrigatória. Depois tirei o Magistério primário”. – Ana (Entrevistada 3, pg. 126).

Já Isabel fez o Magistério Primário e terminou a Licenciatura já quando dava aulas, embora a mãe quisesse que ela tirasse o Mestrado esta não quis. Dava aulas à Primária e no Secundário:

“Não tirei mais nenhum curso além do Magistério Primário e Licenciatura” “A Licenciatura foi suficiente, a minha mãe ainda me tentou convencer a tirar o mestrado, mas não era algo que queria na altura pois já trabalhava”. – Isabel (Entrevistada 7, pg. 156).

Estes discursos remetem mais uma vez para um Portugal dual em que à época em que estas pessoas estudaram a maior parte da população portuguesa tinha níveis de escolarização estruturalmente muito baixos com excepção da situação das duas últimas entrevistadas que

são relativos a títulos escolares de nível superior, títulos estes raros à época no conjunto da formação social portuguesa para os indivíduos e as famílias de baixa condição social.

### 1.3 – O Casamento

No terceiro tema que é o Casamento, estão presentes três categorias, “Casadas”, “Divorciadas” e “Solteiras”.

Normalmente, as pessoas casavam com pessoas da mesma classe social, pois era com as pessoas da mesma classe social que contactavam mais, seja no trabalho ou na sua vida social.

A primeira categoria deste tema é “Casadas” que engloba duas subcategorias “Tratava de todas as lides domésticas” e “O marido ajudava nas lides domésticas”. Na subcategoria “Tratava de todas as lides domésticas” abrange as entrevistadas que nos afazeres domésticos da relação conjugal tratavam de tudo sozinhas no que havia a fazer em casa, desde o cozinhar, ao limpar e ao cuidar dos filhos.

Mariana conta que cuidava da casa e da sua sogra sozinha enquanto vivia no Alentejo:

“Eu tratava de tudo em casa. Vivia com a minha sogra e depois ela ficou doente e eu é que cuidava dela e da casa. Era doméstica na altura que vivi no Alentejo”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 143).

Vera ocupava-se das lides domésticas enquanto o seu marido cuidava da sua horta:

“As lidas da casa era maior parte eu que as fazia, pois, o meu marido ocupava-se com a horta”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 163).

Na subcategoria “O marido ajudava nas lides domésticas”, as tarefas domésticas do dia a dia são partilhadas entre o casal ou estão apenas a cargo do marido. Tal como partilha Lúcia:

“Era tudo normal, como qualquer casal. Dividíamos as tarefas domésticas entre os dois”. – Lúcia (Entrevistada 6, pg. 150).

Maria conta que enquanto fazia as lides domésticas o seu marido “ajudava” a amassar o pão:

“Era eu que fazia as lides domésticas, mas ele ajudava-me em coisas como amassar pão e lidava com o forno”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 114).

Rita deixava nas mãos do marido todas as lides domésticas até terem arranjado uma empregada doméstica, pois não sabia cozinhar nem limpar quando casou devido a ter passado a sua infância com caseiros e criados em sua casa:

“Ele é que tratava das coisas todas em casa. Ele é que cozinhava e tratava do dinheiro e das contas. Eu naquela altura eu não sabia cozinhar. Tínhamos uma pessoa que ia lá a casa fazer as lides domésticas”. - Rita (Entrevistada 4, pg. 136).

Do conjunto das entrevistas destaca-se o predomínio de uma divisão sexual das tarefas domésticas na vida dos casais em que cabe às mulheres a maior parte das responsabilidades domésticas remetendo para a divisão tradicional de tarefas em que as funções expressivas remetem para as mulheres e aos homens recaem as funções instrumentais e de provedor da família, embora já apareçam referências nos discursos de algumas das entrevistadas em que eles “*ajudam*” nas tarefas domésticas e inclusivamente apareça numa das entrevistas a referência a um modelo igualitário de divisão sexual do trabalho doméstico em que é o homem que assume a maior parte das tarefas assumidas na época no feminino e ainda o recurso ao trabalho doméstico pago, este a cargo de uma mulher.

A segunda categoria é “Divorciadas” e apenas uma das entrevistadas passou por este processo tendo mais tarde encontrado outro companheiro com quem se encontra na atualidade:

“Divorciei-me, fiquei sozinha durante 5 anos e juntei-me com o meu companheiro e já há 12 anos com ele”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 120).

A Categoria “Solteiras” tem duas subcategorias que são “solteira por opção” e “solteira, mas juntou-se com o companheiro”. Na primeira subcategoria está presente apenas uma das entrevistadas que por sua opção preferiu ser solteira:

“Não casei. Sempre fui solteira”. – Isabel (Entrevistada 7, pg. 156).

A segunda subcategoria inclui Ana que não se casou apenas se juntou com o companheiro:

“Não casei, mas juntei me com o meu companheiro aos 26 anos”. - Ana (Entrevistada 3, pg. 127).

#### 1.4 – A Maternidade

O tema seguinte é Maternidade que tem duas categorias “Não foi mãe” e “Ser mãe foi uma aprendizagem”. Apenas uma das entrevistadas não foi mãe, a subcategoria que está associada a esta categoria é “por opção”, ou seja, Isabel diz não ter sido mãe por sua opção e que considerava os seus alunos como seus filhos.

“Foi uma opção minha não casar nem ter filhos (...) os alunos eram como filhos para mim. Era mãe e professora deles”. -Isabel (Entrevistada 7, pg. 156).

A categoria “Ser mãe foi uma aprendizagem” tem três subcategorias associadas à mesma que são “Ganha-se responsabilidade”, “Aprende-se o amor incondicional” e “Aprende-se com os filhos”.

A subcategoria “Ganha-se responsabilidade” está relacionada com as entrevistadas terem ganho uma noção de responsabilidade ao serem mães que antes não tinham e considerarem ter sido a maternidade uma aprendizagem.

“ (Ser mãe) tornou-me mais mulher e mais responsável em todos os sentidos. (...) Foi uma aprendizagem”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 144).

Rita teve duas experiências diferentes com as suas filhas. Na primeira filha não sabia fazer nada relacionado com crianças e tudo foi uma aprendizagem, ganhando assim uma outra responsabilidade. Na segunda filha já estava mais à vontade, conseguindo cuidar melhor da mesma. E sendo doméstica conseguiu ter mais tempo para as suas filhas.

“Aprende-se tudo (ao ser mãe). Aprendi a ter responsabilidade, aprendi a educá-las, a tentar que elas fizessem sempre tudo o que era melhor para elas”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 137).

Maria considera que ter filhos é uma grande responsabilidade pois estes dependem das mães para se construírem como pessoas.

“Ter filhos é uma grande responsabilidade e dependem de nós, ainda hoje que já são crescidos. Foi isso que aprendi”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 115).

Na subcategoria “Aprende-se o amor incondicional”, as entrevistadas partilham que nunca sentiram um amor tão poderoso como pelos seus filhos.

“Ser mãe é uma aprendizagem maravilhosa em todos os aspetos, aprende-se a amar incondicionalmente”. – Lídia (Entrevistada 6, pg. 151).

Joana atualmente não tem uma relação com a sua filha devido ao divórcio com o seu marido, pai da sua filha.

“ (Ser mãe) Fez me aprender o amor incondicional”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 121).

A última subcategoria “Aprende-se com os filhos”, as mães dizem nas entrevistas que aprendem com os seus filhos, seja tentar acompanhar as suas mentalidades ou a tentar compreender as suas ideias e comportamentos.

Vera considera importante manter-se a par das mentalidades dos jovens que diz estarem sempre a mudar, pois assim aprende coisas novas com os seus filhos mesmo que já adultos.

“Quando eram mais pequeninos era aprender a tratar deles e o que fazer e quando crescem aprendemos nós com eles porque eles têm uma mentalidade diferente e são jovens e mesmo que nós queiramos acompanhar é difícil, então temos de aprender o mais que podemos com eles. E estou sempre a aprender com eles ainda hoje”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 164).

Ana julga importante compreender os seus filhos, vendo o lado deles e ajudando-os a ultrapassar fases mais complicadas.

“Aprendi tudo, nem dá para explicar. Aprendi que temos de ver o lado deles para os compreender, pois há fases mais complicadas e precisam de muito apoio e de falarmos com eles e fazê-los compreender as coisas”. - Ana (Entrevistada 3, pg. 130).

A maternidade está assim associada às aprendizagens inerentes à “*responsabilidade*” de educar os filhos, ao amor incondicional e às aprendizagens intergeracionais no interior da família em que não só os mais velhos educam os mais novos, numa conceção Durkheimiana de educação, entendida como a socialização metódica das jovens gerações, mas em que também os mais velhos são obrigados a aprender com os mais novos para que a mútua compreensão e a vivência conjunta possam acontecer.

### 1.5 – A Experiência da Emigração

No tema da Emigração constituíram-se também três categorias, sendo elas “Emigrou”, “Não emigrou” e “Apenas o marido emigrou”.

Na categoria “Emigrou” estão presentes duas subcategorias “Emigrou para Portugal” e “Emigrou para fora de Portugal”, em ambas as subcategorias estão presentes apenas uma das entrevistadas.

Na subcategoria “Emigrou para Portugal”, Isabel, a única das entrevistadas que veio de outro país para Portugal conta que deixou Moçambique devido à Guerra Colonial:

“Emigrei para Portugal aos 21 anos, pois fui nascida e criada em Moçambique. Emigramos para cá devido à Guerra Colonial em 1974”. - Isabel (Entrevistada 7, pg. 156).

Na subcategoria “Emigrou para fora de Portugal”, Joana conta que foi com o marido trabalhar como mulher a dias em França:

“Emigrei com o meu marido para França”. - Joana. (Entrevistada 2, pg. 120).

Na categoria “Não emigrou” estão inseridas as entrevistadas Mariana, Lídia e Vera.

Na última categoria deste tema “Apenas o marido emigrou” tem apenas uma subcategoria “O marido emigrou para trabalhar” que compreende três das entrevistadas.

Maria conta que o seu marido esteve emigrado 11 anos na Alemanha para conseguirem comprar uma casa em Portugal:

“Ele (marido)” teve na Alemanha emigrado durante 11 anos e nunca me levou lá”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 114).

Ana partilha que teve de cuidar dos três filhos sozinha enquanto o seu marido teve a trabalhar na Espanha:

“Tive de cuidar dos meus filhos sozinha porque onde dava aulas era muito longe e o meu marido estava a trabalhar em Espanha”. – Ana (Entrevistada 3, pg. 127).

O marido de Rita teve emigrado na Guiné e em Cabo Verde enquanto estavam noivos e esperou cinco anos para que se pudessem casar:

“Aos 18 anos ficamos noivos, a minha sogra ofereceu-me um anel de noivado, mas ele foi chamado para a Guiné e para Cabo Verde, esteve lá 5 anos”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 135).

Podemos constatar que a maior parte das nossas entrevistadas passou directa ou indirectamente pela experiência da emigração. Quando não foram as próprias a emigrar foram os seus maridos a passar pela experiência de uma vida “*lá fora*”. A guerra e a debilidade das condições económicas aparecem como razões explicativas da emigração. Por vezes as famílias eram separadas por um tempo longo com os maridos a partirem e as mulheres a ficarem como suportes fundamentais da vida familiar em Portugal. As remessas amealhadas no estrangeiro permitiram por vezes a construção de habitação própria no nosso país.

## 1.6 – O Percurso Profissional

O tema Percurso Profissional tem duas categorias, “Atividade Profissional” e “Aprendizagens”.

O Percurso Profissional é mais que uma fonte de recursos materiais. É uma forma importante de integração social e um constante desenvolvimento da identidade pessoal, social e profissional e permite ainda a aquisição de competências através do trabalho.

A categoria “Atividade Profissional” tem como subcategorias “Identifica-se com a sua ocupação profissional” e “Preferia ter tido uma outra ocupação profissional”. Isabel foi professora toda a sua vida e não teria escolhido outra ocupação profissional.

“Não teria feito outra coisa (sem ser Professora)”. – Isabel (Entrevistada 7, pg. 157).

Ana desde criança que ajudava os seus colegas com mais dificuldades de aprendizagem e a sua Professora foi muito importante para que escolhesse a mesma profissão.

“Ser Professora foi o que sempre quis fazer desde criança” – Ana (Entrevistada 3, pg. 130).

Vera sempre gostou de contabilidade e tirou esse curso, trabalhando num banco até à sua reforma.

“Sim gostava muito de trabalhar no banco e na contabilidade. Gostei da minha profissão”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 165).

Na subcategoria “Preferia ter tido outra ocupação profissional”, as três entrevistadas que se encaixam nesta subcategoria são Joana, Rita e Maria.

Joana foi mulher a dias até se reformar e até emigrou para França para ter uma vida melhor, mas por sua vontade teria sido professora.

“Não pensei muito sobre esse assunto (se preferia ter tido outra profissão) só queria ser feliz, mas foi o contrário. Mas talvez professora fosse uma boa profissão”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 122).

Rita foi doméstica e aprendeu a cozinhar, mas a sua paixão eram as artes e os trabalhos manuais.

“Fui doméstica (...) gostava de ter feito algo a ver com artes. Trabalhos manuais”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 137).

Maria teve uma mercearia, mas não conseguiu suportar os custos da mesma devido à abertura das grandes superfícies, mas não foi algo que gostasse particularmente e gostaria de ter tido uma outra ocupação profissional mas não pensou em nenhuma em particular.

“Foi por acaso que abri a mercearia, não foi algo que sempre quis fazer”. - Maria (Entrevistada 1, pg. 116).

A segunda categoria “Aprendizagens” tem como subcategoria “aprendizagens a partir de formações”, ou seja, as entrevistadas que se inserem nestas subcategorias contam que aprenderam algo na sua profissão com formações feitas pela empresa.

Mariana partilha que as formações que a empresa onde trabalhou lhe proporcionou foram muito importantes para que melhorasse o seu trabalho e fizesse novas aprendizagens.

“Tive também muitas formações e aprendi muito com elas para depois poder desempenhar melhor as minhas funções, no atendimento ao cliente e como gerir a loja”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 146).

Tal como Mariana, Lídia também frequentou formações da sua empresa que considerou importantes para o seu desenvolvimento profissional.

“Teoricamente aprendi muito com as formações que foram feitas na empresa”. – Lídia (Entrevistada 6, pg. 152).

Os relatos das nossas entrevistadas permitem perceber que os trabalhos em profissões mais qualificadas e no sector dos serviços geram uma maior identificação com o trabalho realizado ao longo da vida, é o caso da professora e do trabalho no banco e na contabilidade e que pelo contrário as profissões menos prestigiadas socialmente geram nas nossas entrevistadas uma menor identificação com o trabalho. Outro aspecto que podemos destacar é a aprendizagem no local de trabalho e as organizações de trabalho entendidas como formadoras, o que reforça a importância das aprendizagens fora da escola, por via não-formal e informal, e neste caso, participando activamente os locais de trabalho na aprendizagem ao longo da vida.

## 1.7 – A Reforma

O tema da Reforma tem apenas uma única categoria que é “Mudanças na vida depois da reforma” que pretende saber quais foram as principais mudanças apontadas pelas entrevistadas.

Esta categoria tem como subcategorias “Voluntariado/Associações”, “Mais tempo livre/lazer” e “Relações familiares”.

Na subcategoria “Voluntariado/Associações” estão inseridas as entrevistadas que foram Professoras, Isabel e Ana, ambas fizeram voluntariado e participaram em associações quando se reformaram.

“Faço parte da Junta de Freguesia que está agora em Armação de Pêra, pertenço a um grupo de oração, fiz parte do Castelo de Sonhos mas na altura não consegui lá ficar pois não conseguia dar o acompanhamento necessário devido ao grande crescimento da associação, faço voluntariado no Hospital de Portimão”. – Isabel (Entrevistada 7, pg. 159).

“Faço voluntariado na Cruz Vermelha e no Castelo dos Sonhos estou lá dois dias. Tenho uma loja onde as pessoas vão buscar roupas e outras doam. Faço parte da lista do PSD que é a lista da Junta que está agora e faço parte das mesas de voto”. – Ana (Entrevistada 3, pg. 131).

A subcategoria “Mais tempo livre/lazer” inclui as entrevistadas que consideram que têm mais tempo livre para lazer desde que deixaram as suas profissões e se reformaram.

Mariana desde que se reformou que tem mais tempo para os netos, para fazer trabalhos manuais e para praticar a agricultura.

“Tenho mais tempo para mim, para a casa e para os netos. Faço trabalhos manuais, costura, malhas, bordados e escrevo algumas coisas. Gosto pelo campo e de cultivar e agricultura”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 147).

Maria também revela que tem mais tempo livre depois da reforma.

“Agora tenho mais tempo livre que antes, venho ao Polo e vou à ginástica”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 117).

Rita confia que após a morte do marido e após a reforma teve mais tempo para passear e visitar sítios que nunca tinha antes visitado.

“Tenho mais tempo livre. Desde que o meu marido morreu que estou mais livre, passei mais e fui visitar mais sítios”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 138).

Vera após a reforma ficou em casa por uns tempos até a sua cunhada a ter convidado para visitar o Polo. Confessa também que já não tem os dias programados como tinha enquanto trabalhava, fazendo com que tenha mais tempo livre.

“Quando me reformei fiquei em casa ainda uns tempos, mas depois fui para o Polo e comecei a ocupar mais o meu tempo”. – Vera (Entrevistada 8, pg. 166).

Na terceira subcategoria “Relações Familiares”, as entrevistadas revelam que após a reforma mudaram as suas relações familiares.

Lídia mudou-se de Lisboa para Pêra depois da reforma pois gostava do clima e consideraram que teriam uma vida mais calma no Algarve.

“Depois da reforma eu e o meu marido viemos viver para Pêra, já cá tínhamos casa e como é um ambiente mais sossegado e gostamos do clima, decidimos vir para cá viver. Comecei também a frequentar o desporto sénior e comecei a vir ao Polo”. – Lídia (Entrevistada 6, pg. 153).

Joana divorciou-se quando deixou a França para voltar a Portugal e considera que essa foi a maior mudança que a reforma lhe trouxe.

“Divorciei-me, fiquei sozinha durante 5 anos e juntei-me com o meu companheiro e já há 12 anos que estou com ele”. – Joana (Entrevistada 2, pg. 123).

Os discursos das nossas entrevistadas permitem-nos perceber que a transição para a reforma foi uma fase que significou ganhos em “tempo livre”. Passou-se a fazer coisas que anteriormente não eram possíveis como o trabalho de voluntariado, a participação política ou a participação nas actividades dos Polos de Educação ao longo da vida. A passagem à reforma pode implicar também mudanças importantes na vida familiar quando se associa a esta fase da vida a mobilidade residencial ou até uma situação de divórcio.

### 1.8 – Os Polos de Educação ao Longo da Vida: da aprendizagem ao convívio

O último tema desta análise designa-se de Polos de Educação ao Longo da Vida e pretende perceber as funções que os Polos têm na vida destas entrevistadas. O Polo tem uma função de convívio, isto é, muitas das entrevistadas vêm a este espaço para socializar. Estes grupos de sociabilidade constituem-se como espaços centrais da “escola da vida”.

As categorias deste tema são “Função Convivial” e “Função de Aprendizagem”. A “Função Convivial” tem como subcategorias “Distrain” e “Fazer amizades”.

Muitas das entrevistadas consideram que os Polos são fonte de convívio e que começaram a frequentar o Polo para conviver e não se isolarem em casa. Vão ao Polo para se distraírem com as restantes utentes e para fazerem atividades.

“É uma distração que nós temos e podemos conviver umas com as outras”. - “Joana” (Entrevistada 2, pg. 124).

Rita se não frequentasse o Polo estaria sozinha em casa.

“Significa entreter-me com as minhas colegas, falar com elas e jogar à carta. Distrain-me para não estar em casa sozinha”. – Rita (Entrevistada 4, pg. 139).

O Polo também proporciona amizades às utentes que frequentam o mesmo. No exemplo de Lídia, que se mudou para Pêra de Lisboa, chegou e não conhecia ninguém e admitiu que o Polo lhe proporcionou amizades e conhecimentos com as pessoas de Pêra, pois o Polo também funciona muito com a comunidade.

“Como não sou de cá, o Polo ajudou-me a conhecer novas pessoas”. - Lídia (Entrevistada 6, pg. 154).

Maria confessa também que o Polo a ajudou a criar amizades com as restantes frequentadoras do Polo da sua aldeia, assim como com as técnicas do Polo.

“Fiz amigas e conhecimentos com as técnicas que cá vieram”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 117).

A categoria “Aprendizagens” é outra característica inerente à vida dos Polos, muitas das entrevistadas revelaram aprender com o Polo, a partir daí surge as subcategorias “Aprender umas com as outras” e “Aprender a fazer teatro/cantares/trabalhos manuais”.

Ana admite que não é boa a costurar e aprendeu com as colegas mais experientes em costura, partilhando assim conhecimentos entre as frequentadoras do Polo.

“Não sou boa em costura, mas aprendi algumas coisas com as senhoras que frequentam o Polo”. – Ana (Entrevistada 3, pg. 132).

Isabel considera que o Polo lhe proporcionou muitas aprendizagens assim como novas coisas e que o mais importante é a colaboração entre todas as frequentadoras do Polo.

“(O Polo) proporcionou fazer tudo aquilo que nunca antes tinha feito e agora já fiz, foi tudo uma aprendizagem e colaboração entre todas”. - Isabel (Entrevistada 7, pg. 160).

As atividades mais populares entre as frequentadoras dos Polos são o teatro, o grupo de cantares e os trabalhos manuais. Algumas delas nunca tinham feito teatro nem cantado antes de frequentarem o Polo e depois de experimentarem nunca mais deixaram de o fazer.

“Aprendi a cantar e a fazer teatro e outras coisas que fizemos em atividades”. – Maria (Entrevistada 1, pg. 117).

Mariana revela que o teatro foi uma aprendizagem muito positiva tal como fazer parte do grupo de cantares.

“O teatro foi também uma aprendizagem pois foi algo que nunca tinha feito antes assim como cantar”. – Mariana (Entrevistada 5, pg. 148).

## **Capítulo VII - Uma Socióloga nos Polos de Educação Ao Longo da Vida: Uma breve reflexão crítica**

O estágio na Câmara Municipal de Silves correspondeu às expectativas iniciais, proporcionando-me a hipótese de ter a minha primeira experiência profissional na área da Sociologia.

Este estágio de seis meses, permitiu-me colocar em prática os conhecimentos obtidos e as competências desenvolvidas durante a Licenciatura e o Mestrado e permitiu-me adquirir novos conhecimentos decorrentes dos desafios colocados pelo exercício da prática profissional quer ainda pela incursão teórica e empírica que resultou do enfoque desenvolvido com o trabalho no âmbito do relatório de estágio. Foi bastante produtivo e enriquecedor, quer a nível pessoal, quer a nível profissional.

Embora tenham ocorrido algumas dificuldades tais como a morte repentina do meu orientador de estágio na Câmara, o que implicou que outra técnica superior assumisse essa função, as técnicas com quem trabalhei procuraram-me incluir e manter a par de tudo o que estava a acontecer no projeto onde trabalhei, Polos de Educação ao Longo da Vida, fazendo-me sentir útil e empenhada nas atividades dos mesmos.

Foi bastante satisfatório visitar os Polos de Educação ao Longo da Vida todas as semanas e conviver com os idosos que os frequentam, que foram sempre amáveis comigo e que me ensinaram muita coisa através das suas experiências de vida.

Pude entender as relações humanas que os Polos de Educação proporcionam aos idosos, fazendo com que estes saiam de casa, numa lógica de combate ao isolamento e à exclusão social, permitindo assim que estes convivam com outras pessoas e possam aprender coisas novas. Nas entrevistas questionou-se as seniores do Polo sobre o porquê de frequentarem o mesmo, muitas responderam que iam para conviver com outras pessoas da mesma faixa etária, ou seja, para se manterem integradas na vida social, pois quando os idosos se reformam e deixam o seu trabalho pode ocorrer a tendência de se isolarem em casa.

O envelhecimento ativo não é apenas ter o físico ativo, embora muitas das seniores do Polo pratiquem desporto, é também bastante importante ter a parte cognitiva ativa e essa é uma das funções principais do Polo. Ter um envelhecimento ativo é aumentar a probabilidade de ter um envelhecimento saudável e positivo, participando nas questões sociais, políticas, económicas e culturais da comunidade de que se faz parte.

É necessário também salientar a importância da Educação, quer a educação formal como a não-formal e a informal e de como esta é importante na vida das pessoas que frequentam os Polos. A educação formal foi o que aprenderam nos seus tempos de escola, algumas tiveram um percurso educativo mais longo que outras trazendo para o Polo diferentes aprendizagens e histórias de vida que partilham entre si. A educação não formal resulta de aprendizagens estruturadas nos Polos, mas que não passam pela certificação escolar. A educação informal ocorre de forma espontânea no quotidiano através de conversas e vivências com amigos e colegas, o que acontece também no Polo através das relações de sociabilidade daí resultantes.

Estes seniores têm hipótese de voltar a aprender coisas fora do ensino escolar, através de actividades como o teatro, a música e os trabalhos manuais, actividades nunca antes aprendidas no ensino formal. O Polo de Educação ao Longo da Vida, tal como diz o nome, permite às pessoas que o frequentam a aquisição, a atualização e a adaptação permanente dos seus conhecimentos e o seu desenvolvimento pessoal e faz com que assim consigam partilhar com a comunidade as suas sabedorias, experiências e aprendizagens através das atividades realizadas.

Considero que a existência de uma Socióloga a trabalhar nos Polos de Educação ao Longo da Vida poderia trazer a mais valia da realização de um trabalho de mediadora entre os idosos e as técnicas, fazendo acontecer novas atividades no Polo em que a comunidade pudesse ter uma participação mais ativa que atualmente. A aprendizagem ao longo da vida nas fases mais avançadas da vida pode ser pensada reflexivamente não só numa lógica de desenvolvimento individual de cada idoso, mas também no contributo decisivo que os idosos podem dar ao desenvolvimento territorial das suas comunidades de pertença.

A Sociologia pode contribuir para uma maior reflexividade social e com isso ajudar a pensar as políticas públicas de integração social da população idosa, num contexto societal em que o envelhecimento da população portuguesa é um dos maiores desafios que se colocam à nossa sociedade.

## Referências Bibliográficas

Abrantes, Pedro (2013) *A Escola da Vida: Socialização e Biografias da classe trabalhadora*, Mundos Sociais, Lisboa

Alves et al (2015) *Aprender sempre: educação dos adultos*, Grupo economia e sociedade, Pensar na sociedade, Portugal 2015.

Amorim et al (2014) *Envelhecimento positivo na região do Ave: a perspetiva dos seniores*, relatório de investigação

Anica, Anica (2018). *Envelhecer no Algarve. Perceções, perfis e qualidade de vida no envelhecimento*. Em A. Anica (Ed.), *Envelhecer no Algarve* (pp. 62-84). Faro: Universidade do Algarve.

Aníbal, Alexandra (2013) *Da Educação Permanente à Aprendizagem ao Longo da Vida e à Validação das Aprendizagens Informais e não Formais: Recomendações e Práticas*, CIES, Instituto Universitário de Lisboa

Azevedo, Marta (2015) *O Envelhecimento Ativo e a Qualidade de Vida: Uma Revisão Integrativa*, Dissertação de Mestrado em Enfermagem Comunitária, Escola Superior de Enfermagem do Porto

Bassit, AZ (2002) *Histórias de mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice*, Antropologia, saúde e envelhecimento, Editora Fiocruz, Rio de Janeiro

Bergano, Sofia (2002) *Filosofias da Educação de Adultos*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

Bruno, Ana (2014) *Educação formal, não formal e informal: da trilogia aos cruzamentos, dos hibridismos a outros contributos*, Mediações Revista Online, Instituto Politécnico de Setúbal

Cabral e Ferreira (2013) *Envelhecimento ativo em Portugal: Trabalho, reforma, lazer e redes sociais*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Largo Monterroio Mascarenhas nº1 1099-081, Lisboa

Câmara Municipal de Lagos <https://www.cm-lagos.pt/municipio/camara-municipal/demografia> (visitado dia 25-01-2020)

Câmara Municipal de Silves <https://www.cm-silves.pt/pt/Default.aspx> (visitado dia 25-01-2020)

Canário, Rui (1999) *Educação de Adultos: Um Campo e uma Problemática*, Educa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa

Canário e Cabrito (2005) *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*, Educa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa

Canário, Rui (2013) *Novos (des)caminhos da Educação de Adultos?*, Perspetiva, Florianópolis, v. 31, n. 2, 555-570 maio/ago. 2013

Castro, Gisela (2017) *Precisamos discutir sobre o idadismo*, Estudos sobre o envelhecimento, volume 28, numero 67, Maio de 2017

- Cavaco, Carmen (2001) *Processo de formação de adultos não escolarizados: a educação informal e a informação experiencial*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa
- Champagne et al (1998) *Iniciação à Prática Sociológica*, Editora Vozes
- Conselho Nacional de Educação (2007) *Aprendizagem ao Longo da Vida no Debate Nacional sobre Educação*, Biblioteca Nacional de Portugal, 1ª edição
- Capucha, Luís (2013) *Em defesa da Iniciativa Novas Oportunidades: a qualificação de adultos é uma prioridade*, Aprender, Escola Superior de Educação de Portalegre
- Daniel et al (2016) *Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado*, *Análise Psicológica*, 4 (XXXIV): 353-364
- Delgado, Carla (2016) *Um projeto de animação em centro de dia*, Mestrado em Gerontologia Social, Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve
- Diagnostico Social – Rede Social de Silves 2016 [www.cm-silves.pt/pt/773/rede-social.aspx](http://www.cm-silves.pt/pt/773/rede-social.aspx) (visitado dia 25-01-2020)
- Estratégia Nacional para o Envelhecimento Ativo e Saudável 2017-2025 (2017) Serviço Nacional de Saúde
- Feixa e Leccardi (2010) *O conceito de geração nas teorias sobre juventude*, *Revista Sociedade e Estado - Volume 25, Número 2, Maio / Agosto 2010*
- Finger, Matthias e Asun, José Manuel (2003) *A Educação de Adultos numa encruzilhada: Aprender a nossa saída*, Porto Editora, Porto, Portugal
- Fralda, Lúcia (2014) *Envelhecimento ativo e serviço social: práticas do envelhecimento ativo e o seu reflexo na qualidade de vida e bem-estar psicológico de idosos*, Mestrado em Serviço Social, Universidade Lusíadas, Lisboa
- Gabinete de estratégia e planeamento (GEP), Ministério do trabalho e da Solidariedade Social (MTSS) (2007) *Cadernos Sociedade e Trabalho: Aprendizagem ao Longo da Vida*, 10, Centro de Informação e Documentação, Lisboa
- Giddens, Anthony (2013) *Sociologia*, 9ª Edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- Gadotti, Moacir (2016) *Educação Popular e Educação ao Longo da Vida*, Instituto Paulo Freire
- Gomes et al (2014) *Working Paper 5 – Retratos Sociológicos: Orientações Gerais*, Coleção Working Papers Bradramo, Fundação para a Ciência e Tecnologia
- Gonçalves, Maria (2015) *O Contributo da Universidade Sénior para o envelhecimento ativo das pessoas idosas*, Mestrado Psicogerontologia, Instituto Politécnico de Beja
- Gonçalves e Anica (2016) *Contributos do Teatro para o Envelhecimento (Cri)Ativo*, Mestrado em Gerontologia Social, Universidade do Algarve
- Guimarães, Paula (2016) *A Utilidade da educação de adultos: a aprendizagem ao longo da vida na União Europeia e a política pública de educação e formação de adultos em Portugal*, *Laplage em Revista (Sorocaba)*, vol. 02, n. 04, Jan-Abr 2016, p. 36-50
- Illich, Ivan (1985) *Sociedade sem Escola*, 7ª Edição, Petrópolis

- José, S.J e Teixeira Ana (2013) *As Políticas de Envelhecimento Ativo: Contributos para uma análise crítica*, Universidade do Algarve
- José, S.J e Teixeira Ana (2014) *Envelhecimento Ativo: Contributo para uma discussão crítica*, *Análise Social*, 210, XLIX (1º), ISSN Online, 2182-2999, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 1600-189, Lisboa, Portugal
- Lima, Licínio (2009) *A Educação no contexto da crise múltipla: Rumo FISC e Confintea VI*, Outubro 15 al 30, 2009, ICAE, Debate sobre a educação
- Lima, Licínio (2014) *Políticas de educação permanente: qualificacionismo adaptativo ou educação de adultos?*, *Sensos* 7, vol. IV nº1
- Martins, João (2015) *O Estado social ativo: Um novo paradigma legitimador das políticas públicas em Portugal*, *Revista crítica de ciências sociais*, 108, 2015
- Oliveira, Ricardo (2013) *Viver com o Envelhecimento: das políticas às práticas*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra
- OMS (2002) *Relatório Mundial de Saúde: Saúde mental, nova conceção, nova esperança*, Ministério da Saúde, Direção-Geral da Saúde, 1ª edição, Lisboa, Abril 2002
- Pordata: <https://www.pordata.pt/Tema/Portugal/População-1> (visitado dia 25-01-2020)
- Pimentel et al (2016) *Envelhecendo e aprendendo: A aprendizagem ao longo da vida no processo de envelhecimento ativo*, Coisas de ler, lda, 1ª edição, Lisboa
- Pires, Ana Luísa de Oliveira (2005) *Educação e Formação ao Longo da Vida: Análise Crítica dos Sistemas e Dispositivos de Reconhecimento e Validação de Aprendizagens e de Competências*, Textos Universitário de Ciências Sociais e Humanas, Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e do Ensino Superior
- Quintas, Helena (2008) *Educação de adultos: vida no currículo e currículo na vida*, Perspetivas e Reflexões, Agência Nacional para a qualificação, Lisboa
- Ribeiro, Óscar (2012) *O Envelhecimento “Ativo” e os constrangimentos da sua definição*, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*
- Santos, Rute (2016) *Intervenção Social em Parceria: Rede Social de Silves*, Mestrado em Educação Social, Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve
- Schneider e Irigaray (2008) *O envelhecimento na atualidade: aspetos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*, Estudos de Psicologia, Campinas, Outubro - Dezembro 2008
- Serafim, Filomena (2007) *Promoção do bem estar global na população sénior – práticas de intervenção e desenvolvimento de atividades físicas*, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade do Algarve
- Silva, Válter (2011) *O papel do formador no centro novas oportunidades no âmbito das formações complementares*, Instituto de educação da Universidade de Lisboa
- Sousa, André (2013) *Ser idoso e viver sozinho: estudo exploratório no concelho de Silves*, Dissertação de Mestrado em Educação Social, Universidade do Algarve

# **Anexos**

## **Guia de Entrevista aos Utentes dos Polos de Educação ao Longo da Vida**

### **Caracterização do entrevistado:**

Idade:

Local de residência:

### **I Parte – Infância e relação familiar**

1. Em que local nasceu?
2. Como foi a sua infância?
3. Como era a sua relação com os seus pais?
4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?
5. Como ocupava os seus tempos livres?

### **II Parte – Percorso Educativo**

1. Frequentou a escola?
2. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?
3. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.
4. Que importância teve a escola para si?
5. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?
6. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

### **III Parte – Casamento**

1. Com que idade casou?

2. Como conheceu o seu marido?
3. Casou por a Igreja ou por registo civil?
4. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?
5. Como era a sua vida em casa?
6. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

#### **IV Parte – Emigração**

1. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?
2. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?
3. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?
4. Como foi a sua adaptação?
5. Porque regressou a Portugal?

#### **V Parte – Maternidade**

1. Quantos filhos teve?
2. Com que idade foi mãe?
3. Como foi a experiência de ser mãe?
4. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?
5. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?
6. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

#### **VI Parte – Percurso profissional**

1. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

2. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?
3. Identificava-se com as profissões que desempenhou?
4. Durante quanto tempo praticou essa profissão?
5. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?
6. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.
7. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

### **VII Parte – Reforma**

2. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?
3. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?
4. Que mudança identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?
5. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?
6. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

### **VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida**

1. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo? Que experiência teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?
2. Que atividade fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?
3. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

4. O que significa para si frequentar o Polo?

### **Guião de Entrevista para as técnicas que trabalham nos Polos**

1. O que são os Polos de Educação ao Longo da Vida e qual a sua origem?
2. Qual a principal finalidade dos Polos?
3. Que atividades já foram realizadas nos Polos?
4. Que feedback recebe das pessoas que fazem ou não parte dos Polos, no que diz respeito ao que é feito e ao funcionamento dos Polos?
5. Na sua opinião, que objetivos, antes traçados ou não, já foram atingidos?
6. Que dificuldades já encontrou no funcionamento dos Polos?
7. Descreva o seu percurso nos Polos de Educação até este momento.

### **Entrevista 1**

#### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 75 Anos

Local de residência: Cumeada

#### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

1. Em que local nasceu?

Cumeada

2. Como foi a sua infância?

“Foi razoável, tenho 2 irmãos, brincávamos uns com os outros. Sou mais velha 13 anos que um deles e era eu que cuidava dele quando a minha mãe ia trabalhar. Vivíamos dentro do possível, não passamos fome e a minha avó morava ao nosso lado”.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Tinha uma boa relação com os meus pais e a minha avó”.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Ir para escola sem meias com o frio. Quando tinha 7 anos fui atropelada e parti a perna, por isso perdi um ano na escola pois não conseguia ir. Pela positiva, o acontecimento que mais me marcou foi o nascimento do meu irmão quando tinha 13 anos”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Brincava na rua com os meninos que viviam aqui perto e passava o tempo assim, mas o tempo era escasso pois ficávamos na escola até á noite”.

## **II Parte – Percurso Educativo**

1. Frequentou a escola?

Sim

2. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Frequentei até á 4ª classe com 12 anos”

6. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

7. Que importância teve a escola para si?

“Gostei muito de andar na escola, porque me juntava com os meus amigos. Mas também gostava de aprender”.

8. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Naquela altura não quis estudar porque quando somos mais novos só nos queremos divertir”.

9. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Não, mas fui aprender a fazer bordados quando sai da escola. Também ajudava os meus pais a tratar dos animais e a fazer comida em casa”.

### **III Parte – Casamento**

10. Com que idade casou?

21 Anos

11. Como conheceu o seu marido?

“Conheci-o aqui na Cumeada, ele era de cá, mas eu não o conhecia. Ele foi para a Índia e quando voltou conhecemo-nos num café que ele costumava frequentar e ele engraçou logo comigo e uns tempos depois ele apareceu na minha casa para conhecer o meu pai. Foi tudo por acaso”.

12. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Por Igreja em Messines num dia chuvoso de outubro. Chamamos um táxi para nos levar á Igreja porque não tínhamos carro e depois fizemos uma festa na casa da minha mãe e uma senhora para fazer a comida”.

13. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Não tenho experiências muito marcantes. Não passeamos muito porque ele não gosta muito de passear. Ele teve na Alemanha emigrado durante 11 anos e nunca me levou lá. Até agora o casamento tem sido bom. Mas agora que chega a velhice ficamos mais cansados principalmente o meu marido que é 6 anos mais velho que eu”.

14. Como era a sua vida em casa?

“Era normal, a tratar dos filhos e a fazer as coisas de casa. Quando o meu marido voltou da Alemanha tinha mais coisas para fazer em casa, mas ele fazia me companhia”.

15. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Quando o meu marido esteve na Alemanha ganhou dinheiro para comprarmos um terreno e construirmos a nossa casa. Antes vivíamos numa casa alugada. Também compramos o carro. Era eu que fazia as lides domésticas, mas ele ajudava-me em coisas como amassar pão e lidava com o forno”.

#### **IV Parte – Emigração**

16. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?
17. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?
18. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?
19. Como foi a sua adaptação?
20. Porque regressou a Portugal?

#### **V Parte – Maternidade**

21. Quantos filhos teve?

“2 Filhos. Uma rapariga e um rapaz”.

22. Com que idade foi mãe?

“Fui mãe com 22 Anos”.

23. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foi boa, quando somos mães vamos ganhando experiência. Antes já cuidava dos meus irmãos por isso já sabia fazer algumas coisas. Fazia roupinhas para eles. Mas só 9 anos depois da minha filha nascer é que nasceu o meu filho”.

24. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Graças a Deus nunca tive fases más com os meus filhos”.

25. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Sim, eles veem visitar me muitas vezes”.

26. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Ter filhos é uma grande responsabilidade e dependem de nós, ainda hoje que já são crescidos. Foi isso que aprendi”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

### 27. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Não tive muitas profissões. Quando era mais nova andava na alfarroba”.

### 28. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Tive uma mercearia”.

### 29. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Foi por acaso que abri a mercearia, não foi algo que sempre quis fazer”.

### 30. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“Tive a mercearia durante uns anos, mas tivemos que fechar quando abriu o Modelo e o Lidl em Silves porque começou toda agente a ir lá fazer as compras. Gastava mais do que ganhava”.

### 31. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Professora talvez, mas nunca pensei muito nisso”.

### 32. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Fazia contas, vendia as coisas”.

### 33. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Aprendi a fazer contas, aprendi sobre a compra e venda das coisas que vendíamos, passava cheques, a lidar com o dinheiro, fazia as percentagens dos produtos partir do preço a que comprávamos aos fornecedores para saber qual era o preço a que vendíamos e o lucro que ganhávamos”.

## VII Parte – Reforma

34. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Quando fechei a mercearia esperei até á idade da reforma para me reformar”.

35. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Participava em grupos religiosos quando ia á missa, quando era mais nova”.

36. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“A reforma muda tudo, chegamos a esta idade e as coisas mudam, não fazemos as mesmas coisas que fazíamos antes. Agora tenho mais tempo livre que antes, venho ao Polo e vou á ginástica”.

37. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Descontava para a reforma enquanto trabalhava”.

38. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Conheci muita gente e isso foi importante. Mas nada que fosse assim tão importante para os dias de hoje”.

## VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida

39. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“A menina Ivone (Técnica) é que me encontrou, quando o Polo abriu ela foi de porta a porta convidar pessoas para integrar o Polo e foi assim, ela desafiou-me e eu vim. Vínhamos todos os dias conviver umas com as outras”.

40. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Os passeios que fizemos, fomos a Mafra ao convento e foi onde mais gostei de ir”.

41. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Gostei de integrar o grupo de teatro e o grupo de cantares”.

42. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Aprendi a cantar e a fazer teatro e outras coisas que fizemos em atividades”.

43. O que significa para si frequentar o Polo?

“É uma distração, fiz amigas e conhecimentos com as técnicas que cá vieram”.

## **Entrevista 2**

### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 81 Anos

Local de residência: Quinta das Cortes, Cumeada

### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

1. Em que local nasceu?

Sítio da Torre, S.B. Messines

2. Como foi a sua infância?

“Tinha 6 irmãos, eu e os meus pais. Em casa eramos 9 pessoas á mesa, mas havia sempre qualquer coisa para comermos. O meu pai era muito trabalhador, ia para o Alentejo. Comprava no contrabando, no tempo da Guerra onde não se podia comprar coisas em Portugal, então o meu pai comprava trigo noutro país para vender para as pessoas fazerem o pão.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Sempre tive uma boa relação com os meus pais e os meus irmãos, fomos sempre amigos. A minha trabalhava no campo e nós ficávamos em casa. Eu e a minha irmã Maria eramos as mais velhas e então fazíamos comida para os outros irmãos todos”.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Trabalhávamos no campo com a minha mãe e vendíamos as amêndoas e as alfarrobas para comprarmos vestidos bonitos para ir á feira de Messines. A minha professora comprou-me um vestido para fazer o exame da 3ª classe, porque a minha família não tinha dinheiro”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Nos tempos livres trabalhava no campo e ajudava em casa”

## **II Parte – Percurso Educativo**

6. Frequentou a escola?

“Sim, mas fiz o 1º ano e o 2º ano duas vezes porque não conseguia aprender a ler. Ia todos os dias a pé da Cumeada à Amorosa para ir para a escola.”

7. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Fiz até ao 4º ano com 12 anos”.

8. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

9. Que importância teve a escola para si?

“Foi muito bom andar na escola porque aprendi a ler e a escrever”

10. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Gostava de ter ido mais longe na escola e diziam que eu tinha potencial para ir mais longe, mas os meus pais não podiam pagar então não fui”.

11. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Não tirei formação nenhuma, mas aprendi a costurar durante 2 anos”.

### III Parte – Casamento

12. Com que idade casou?

“Casei com 22 anos”

13. Como conheceu o seu marido?

“Fui para Alcácer do Sal trabalhar no arroz e conheci-o lá, mas ele vivia aqui na Cumeada mas só nos conhecemos melhor lá. E passado 1 ano casámos”.

14. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Casei por a Igreja, naquele tempo era assim”.

15. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Tive um casamento muito infeliz. Ele emigrou para a França, mas não aguentava trabalho nenhum porque não gostava de trabalhar. Voltou para cá para me levar para a França, para eu trabalhar lá porque sabia que eu trabalhava”.

Fui a pé até Espanha para apanhar o comboio até França com o meu marido para trabalharmos lá. O meu marido era mau para mim, era ciumento e desconfiado de todos os homens, achava que todos os homens eram meus amantes. Mas ele é que tinha amantes e trocou-me por outra”.

16. Como era a sua vida em casa?

“Era o normal, fazia as lides domésticas”.

17. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Compramos a casa aqui na Cumeada com o dinheiro que ganhamos em França, assim como o carro”.

### IV Parte – Emigração

18. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?

Sim

19. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?

França

20. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?

“Nem por isso, pouco melhorou, mas conseguimos comprar uma casa”.

21. Como foi a sua adaptação?

“Trabalhávamos na casa de outras pessoas ricas, trabalhei para um cantor famoso e para uma mulher de um barão. Era mulher a dias e o meu marido motorista e ficávamos a viver na casa delas. Só uns meses depois consegui vir buscar a minha filha. As pessoas gostavam muito de mim, mas o meu marido não gostava de emprego nenhum”.

22. Porque regressou a Portugal?

## **V Parte – Maternidade**

23. Quantos filhos teve?

“Uma filha”

24. Com que idade foi mãe?

24 Anos

25. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foi uma boa experiência, fazia-lhe os vestidos iguais aos que via na montra para ela andar sempre arranjadinha”.

26. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Quando ela estava em Portugal com a avó e eu estava emigrada na França”.

27. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Tive uma boa relação com a minha filha até há aproximadamente 15 anos. Ela agora não me fala. O pai influenciou-a quando nos divorciámos e disse-lhe que eu era amante do marido dela, o que era mentira”

28. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Fez me aprender o amor incondicional. Se ela me quiser voltar a falar estarei de braços abertos para a receber”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

29. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Comecei a trabalhar no arroz em Alcácer do Sal, trabalhava desde que o sol nascia até ao pôr do sol dentro de água e só tínhamos descanso 2 horas ao Sábado para fazermos as compras de comida para a semana, fiz isto durante 5 anos. Fui empregada a dias em casa de pessoas na França”.

30. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Foi a de empregada de pessoas na França”.

31. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Sim, identificava-me”

32. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“Durante 20 anos fui empregada na casa de pessoas”.

33. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Não pensei muito sobre esse assunto só queria ser feliz, mas foi o contrário. Mas talvez professora que era uma boa profissão”

34. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Cozinhava e cuidava da casa e das crianças”.

35. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Aprendi a cozinhar muitas comidas e doces”

## VII Parte – Reforma

36. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Quando voltei para Portugal fui para o fundo do desemprego e reformei-me quando chegou a idade”.

37. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

Nada

38. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Divorciei-me, fiquei sozinha durante 5 anos e juntei-me com o meu companheiro e já há 12 anos com ele”.

39. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Fazia os descontos na França”.

40. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Aprendi a cozinhar e a fazer as lides domésticas”.

## VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida

41. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“As minhas amigas vieram e eu vim com elas”.

42. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Passear é sempre bom”

43. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Passear”.

44. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Quando as técnicas apresentam atividades novas aprendo sempre qualquer coisa nova”.

45. O que significa para si frequentar o Polo?

“É uma distração que nós temos e podemos conviver umas com as outras”.

### **Entrevista 3**

#### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 70 Anos

Local de residência: São Marcos da Serra

#### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

1. Em que local nasceu?

“Santa Clara-a-Velha, Concelho de Odemira. Para vir a da minha casa a São Marcos tinha de ser a cavalo ou a pé porque não havia transportes e era só campo”.

2. Como foi a sua infância?

“Foi boa. Foi um pouco cansativa pois tinha de ajudar os meus pais a trabalhar no campo e a tratar dos animais. Eu era a mais nova de 5 irmãos. Era um pouco duro, não no sentido de nos obrigarem a fazer seja o que fosse, porque os meus pais nunca fizeram tal coisa, era no sentido de os ajudar”.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Sempre foi boa com os dois. O meu pai era uma pessoa com quem eu passava horas e até noites. Quando ele vinha a São Marcos trazia-me sempre. Ele vinha cá para cantar a despique, picavam-se uns aos outros a cantar, mas no bom sentido, que agora se

chama cantar a desgarrada. E eu gostava de ir a bailes e de o ouvir cantar e ficava noites inteiras com ele e até adormecia por vezes no colo dele. E no dia seguinte de manhã voltávamos a casa. Os meus irmãos por vezes queriam ir aos bailes e pediam-me para pedir autorização ao pai porque ele me fazia as vontades todas e íamos todos. Também tinha uma relação muito boa com a minha mãe”.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Tive muitas experiências marcantes na minha infância, principalmente quando entrei na escola. Quando entrei no 1º ano, era boa aluna e a minha professora gostava muito de mim, então na parte da tarde ela punha-me a ensinar 2 colegas meus que estavam com mais dificuldades em aprender. E eu trabalhava muito com esses colegas, mas frustrava-me porque eles não aprendiam nada, e um dia amuei e disse aos meus pais que não queria ir á escola e chorava para não ir. Os meus pais achavam estranho não querer ir porque eu gostava muito de ir para a escola e o meu pai disse para a minha mãe ir á escola saber qual o motivo de não querer ir para a escola. A minha mãe contou á minha professora que eu chorava e que não queria ir á escola, ela depois chamou-me e contei o que me preocupava. O que me preocupava era não conseguir que os meus colegas aprendessem. A professora depois acordou comigo que a ajudaria quando ela tivesse mais trabalho e faríamos turnos a ensinar esses colegas. A professora naquela altura tinha as 4 turmas, tinha muito trabalho e tínhamos exames muito restritos, não podíamos dar mais de 3 erros no exame. Ajudava a fazer o almoço para as crianças, descascava as batatas enquanto ela dava as aulas e ela depois ia por tudo ao lume e eu ia ajudar nas aulas. Tínhamos uma relação muito boa. O marido da professora era comerciante e só vinha ao fim de semana, então ás sextas ela deixava escrito no quadro o que queria que fizesse nas aulas com as crianças, no fim fechava a sala e levava a chave e segunda vens abrir a porta e eu vinha. Havia crianças que vinham ter comigo muito cedo, tinham de andar cerca de 6 km por dia a pé, para eu as ajudar nos trabalhos antes de irmos para a escola. E ainda, com 10 anos preparei dois adultos iliterários para o exame do 4ºano”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Eu brincava, mas o meu tempo era muito organizado. Tinha de ter tempo para ensinar os outros e tinha de ajudar os meus pais embora as minhas irmãs fossem mais velhas.

Até preparei o afilhado do meu pai para o exame do 4º ano. Tinha de perder muito tempo com o ensino”.

## II Parte – Percurso Educativo

6. Frequentou a escola?

Sim.

7. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Até ao 5º ano. Que naquela altura era a escolaridade obrigatória. Depois tirei o magistério primário”.

8. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

9. Que importância teve a escola para si?

“Teve toda a importância. Foi na escola que soube o que queria fazer para o resto da vida. Foi onde soube que queria ser professora”.

10. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

11. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Tirei o curso de tipografia, aprender a escrever na máquina, no Barreiro”.

## III Parte – Casamento

12. Com que idade casou?

“Não casei, mas juntei-me com o meu companheiro aos 26 anos”.

13. Como conheceu o seu marido?

“Conheci aqui em São Marcos, ele veio trabalhar para aqui. Foi amor à primeira vista. Eu estava a trabalhar num café com o meu irmão e fazíamos almoços e jantares, naquela altura havia aqui uma padaria e o meu marido foi trabalhar para lá. O dono da padaria foi busca-lo à estação e levou-o ao café para ele jantar, eu estava á porta da cozinha quando o vi entrar e disse para o meu irmão “este é o tal, não me vai escapar”, disse aquilo na brincadeira porque sempre foi um pensamento meu que não iria casar

com alguém que não conhecesse a sua família, no fim foi tudo ao contrario porque não conhecia ninguém da família dele porque ele não era de cá. Mas ele tinha muito boa aparência e foi amor á primeira vista. Começamos a namorar porque estávamos todos os dias juntos, ele frequentava muitas vezes o café e ele ficou hospedado na casa de uma senhora que era muito próxima de mim e frequentávamos a casa uma da outra, então tornamo-nos uma família. Começamos a ir a bailes e festas juntos e aconteceu”.

14. Casou por a Igreja ou por registo civil?

15. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Quando tive de cuidar dos meus filhos sozinha porque onde dava aulas era muito longe e o meu marido estava a trabalhar em Espanha”.

16. Como era a sua vida em casa?

“Tinha de fazer tudo, não tinha a ajuda de ninguém, os meus pais e os meus sogros não moravam perto. Tinha de tratar dos filhos, da roupa, da comida tudo sozinha. Só quando o meu pai morreu é que a minha mãe veio para cá e ajudou-me com o meu filho mais novo. Nessa altura já trabalhava numa escola aqui perto e apanhava o autocarro ou ia de carro quando o comprei”.

17. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Compramos a casa quando o meu sogro faleceu e o meu marido vendeu a sua parte da herança ao irmão. O carro já eu tinha comprado antes de comprar a casa”.

#### **IV Parte – Emigração**

18. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?

19. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?

20. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?

21. Como foi a sua adaptação?

22. Porque regressou a Portugal?

## V Parte – Maternidade

### 23. Quantos filhos teve?

“Tive 3 filhos, todos rapazes. Tive o segundo filho 11 meses depois do primeiro”.

### 24. Com que idade foi mãe?

“Com 27 anos, logo a seguir a ter me juntado”.

### 25. Como foi a experiência de ser mãe?

“Ser mãe é o maior orgulho que uma pessoa sente”.

### 26. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Quando ainda só tinha dois filhos e dava aulas, tinha de andar com um no colo e outro no carrinho porque não tinha ninguém com quem os deixar. Andava 13 km a pé com a mala com as coisas que precisava para dar as aulas. Cheguei a fazer esse caminho grávida e com os dois filhos, mas depois a minha cunhada começou a ficar com o mais velho e o do meio ficou com uma senhora que cuidava dele. Optei por ficar numa casa ao pé da escola durante 3 meses e ficava lá com os meus filhos para não fazer aquele caminho, enquanto o meu marido estava a trabalhar em Espanha. Os meus filhos pediam-me coisas para comer (Bolachas, etc...) que naquele sítio não havia onde comprar. O meu filho mais novo esteve nos fuzileiros, deixou a escola, na primeira semana a clavícula saiu do sítio e fez a recruta mesmo assim. Ficou lá dois anos. Depois foi para os Rangers na França, foi muito duro e com a clavícula foi complicado, mas não contou a ninguém que estava assim. Quando se atirou de uma prancha para água o embate fez com que o osso da clavícula saísse e aí não teve hipótese, teve de sair e foi operado. O meu filho mais velho no 12º ano quis mudar de curso porque os amigos queriam mudar também, queria mudar para História, perguntei-lhe se ele queria dar aulas, porque com esse curso era a única coisa que poderia fazer, não havia muitas saídas profissionais. Ele estava no curso de línguas e o alemão era muito difícil para ele e eu disse-lhe que ele era muito novo, se não passasse num ano passava em dois e ia fazendo. Mas todos os dias vinha com a mesma conversa, então perguntei-lhe o que tinha de fazer para ele mudar de curso e ele disse que era a minha assinatura num relatório com as razões que ele tinha para mudar de curso, então dei-lhe uma folha em branco assinada por mim e dei-lhe para ele poder fazer o que quisesse. No dia seguinte entregou-me a folha exatamente igual e disse

que não iria mudar de curso pois os professores aconselharam-no a não o fazer e teve 12 a alemão. Nunca disse aos meus filhos o que tinham de ser na vida, foram para os cursos que quiseram, a escolha era deles. No fim, ele foi para hotelaria e eu disse-lhe que se era disso que ele gostava para ele ir e esteve em faro 3 anos e tirou o curso”.

27. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Sim, muito próxima. Um dos meus filhos mora perto de mim, o outro mora na Inglaterra e outro na Suíça. Eles reconhecem tudo o que fiz por eles durante toda a vida e são muito meus amigos, são preocupados comigo e amigos uns dos outros”.

28. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Aprendi tudo, nem dá para explicar. Aprendi que temos de ver o lado deles para os compreender, pois há fases mais complicadas e precisam de muito apoio e de falarmos com eles e fazê-los compreender as coisas”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

29. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Fui professora”.

30. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

31. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Claro, foi o que sempre quis fazer”.

32. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“33 Anos”.

33. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

34. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Ensinava crianças durante o dia e á noite trabalhava com adultos. Eram coisas totalmente diferentes, não consigo dizer o que mais gostava, era de extremo a extremo. Lidamos com as crianças de maneira diferente que lidamos com os adultos. Com as crianças podemos reprende-las e chama-las á atenção enquanto com os adultos não

pode ser igual senão levam a mal. Eram adultos iliterários que queriam aprender a ler e escrever e saiam de lá a saber”.

35. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Aprendia todos os dias, com as histórias e experiências que eles partilhavam”.

## **VII Parte – Reforma**

36. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Foi a idade. Quando chegou a idade de pedir reformei-me, mas ainda trabalhei dois anos a ensinar na escola mesmo já reformada”.

37. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Faço voluntariado na cruz vermelha e no castelo dos sonhos estou lá dois dias. Tenho uma loja onde as pessoas vão buscar roupas e outras doam. Faço parte da lista do PSD que é a lista da Junta que está agora e faço parte das mesas de voto. Acho que já ajudei algumas pessoas, demos casa e mobília para a casa de uma pessoa, fiz rifas para pagar as suas dívidas, essa pessoa vivia num cemitério numa casinha pequena com 4 filhos”.

38. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Não mudou nada, continuo ocupada com muitas coisas, às vezes não tenho tempo para mim, mas sinto-me realizada assim. Continuo a dar explicações aos miúdos”.

39. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Não fiz nada de especial”.

40. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

## VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida

41. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“Aqui em São Marcos não existe muita coisa para fazer, foi uma maneira de juntar aqui as pessoas para conviver pois as pessoas têm tendência a ficar isoladas em casa”.

42. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“O presépio que fazemos todos anos é algo marcante pois é enorme e as crianças da terra participam, fazem algumas coisas e depois veem cá ver e ficam muito felizes de ver as coisas que fizeram. Temos uma boa relação com a escola”.

43. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear).

“O grupo de teatro deu muita “pica” a todas. Foi algo que gostamos muito, assim como o desfile de moda que fizemos”.

44. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Aprendi algumas coisas com as pessoas do Polo. Temos vidas diferentes e experiências diferentes, ao partilharmos umas com as outras é sempre uma aprendizagem. Gosto de fazer os trabalhos manuais. Não sou boa em costura, mas aprendi algumas coisas com as senhoras que frequentam o Polo”.

45. O que significa para si frequentar o Polo?

“É uma ocupação e convívio com outras pessoas. Significa amizade também. As pessoas aqui são muito unidas por ser um meio pequeno, conhece-se toda agente”.

### Entrevista 4

#### Caracterização do entrevistado:

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 76 Anos

Local de residência: S.B. Messines

## **I Parte – Família**

1. Em que local nasceu?

“Nasci no Monte Boi que pertence á freguesia de Messines”.

2. Como foi a sua infância?

“A minha infância não foi muito boa. Lembro-me de ter 4 ou 5 anos e dava me ataques epiléticos e nasci com um sopro no coração e mais tarde fui operada. Depois dos 15 anos deixou de me dar ataques quando me veio o período. Estava sempre a faltar á escola porque estava sempre a entrar e sair do hospital devido aos ataques”.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Tinha uma boa relação com eles, mas era mais próxima da minha mãe porque deu um AVC ao meu pai e ele ficou muito afetado. Nós eramos abastados e tínhamos caseiros e criados que cuidavam das vacas para depois vender o leite de porta em porta, apanhavam a amêndoa, a alfarroba e o trigo para depois vender para fora. Isto foi tudo herdado da minha avó da parte do meu pai porque ele era o único filho sem deficiências que os meus avós tiveram porque eram primos irmãos. Fizemos uma casinha para ele e tínhamos de trancar para ele não ir embora e depois não sabíamos dele. Tínhamos criados que faziam a comida e cuidavam da casa, ajudavam-nos, levavam-me a passear e cuidavam de mim”.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Uma das experiências mais marcantes foi uma criada muda que nós tínhamos em casa, tínhamos de falar com ela por gestos, mas ela percebia tudo. Outra experiência foi quando era altura do Natal e dos Reis, eu e um grupo de amigas minhas íamos cantar músicas de Natal e as Janeiras de porta em porta e dava-nos chouriça e dinheiro, e nós doávamos esse dinheiro aos mais pobres e fazíamos um lanchinho para nós com a comida que nos davam no fim. Más experiências tive quando a minha avó veio viver para Messines porque lhe assaltavam e roubavam as coisas de valor que ela tinha, comprou uma casa enorme cá, tinha horta, poço e tanque. Mas ela vivia ao pé de

um barranco e as pessoas jogavam para lá as fezes porque não tinham casa de banho, era muito nojento. Mas quando chovia os animais iam lá beber e as pessoas iam lavar as suas coisas lá. Nós tínhamos um poço e as pessoas iam lá pedir-nos água”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Brincava com as outras crianças, tinha uma varanda. Jogávamos ao lencinho da botica, ao Maneca, á corda...”.

## **II Parte – Percurso Educativo**

6. Frequentou a escola?

“Sim”.

7. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Até á 4ª classe”.

8. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

9. Que importância teve a escola para si?

“Não gostava muito da escola porque tinha mais os ataques enquanto lá estava. Mas mesmo tendo dificuldades em aprender, mas no verão ia para a casa de uma senhora que dava explicações para os alunos não se esquecerem das coisas que já tinham aprendido durante os 3 meses de férias. Os meninos e as meninas estavam em salas separadas, não tínhamos aulas juntos e era uma escola privada”.

10. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Saí da escola na altura porque passava muito tempo sem ir á escola devido aos ataques que tinha. Mas sinceramente não queria ter ido mais longe na escola porque não gostava daquilo e tinha dificuldades em aprender”.

11. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Não”.

## **III Parte – Casamento**

12. Com que idade casou?

“Casei com 21 anos”

13. Como conheceu o seu marido?

“Comecei a namorar com ele aos 16 anos e ele tinha 22 anos, mas naquela altura os casamentos eram feitos, a madrinha dele falou com os meus pais para me casar com ele devido às terras. Ele era sargento. Aos 18 anos ficamos noivos, a minha sogra ofereceu-me um anel de noivado, mas ele foi chamado para a Guiné e para Cabo Verde, esteve lá 5 anos. Esperei por ele esses 5 anos como uma viúva, sem olhar para outro homem. Quando ele voltou, a minha mãe estava muito doente e disse-lhe que tínhamos de casar já porque estive á espera dele aquele tempo todo, mas ele queria gozar mais um pouco a vida de solteiro. Mas eu não gostava dele e quando o via ia para outro lado para não estar perto dele, mas acabei por me casar com ele”.

14. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Por igreja, mas só estavam presentes os padrinhos e foi perto de Faro. Tudo porque a minha mãe estava doente. Fui vestida de branco com umas luvas que cobriam o braço todo, uma coroa e o bouquet de flores”.

15. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Um dia, uma freira pediu para ficar em minha casa e estivermos a conversar e disse-me “acha que o casamento é só rosas? Não é. Um casamento também tem espinhos” e fiquei muito desiludida porque pensei que o casamento era sempre feliz e coisas boas. Quando casei não tinha experiências nenhuma, ninguém me ensinou nada e tinha muita vergonha. E passado 9 meses do casamento tive uma criança. Durante o casamento tive de cuidar da minha mãe que estava muito doente. Ele era uma pessoa que nunca saía comigo, habituou-se a sair sozinho porque enquanto tive de tomar conta da minha mãe e ele foi viver para a casa da mãe dele.

16. Como era a sua vida em casa?

“Ele gostava muito de beber, ficava 2 dias sem aparecer e não sabia dele, mas não me preocupava muito. Era ele que tinha sempre o dinheiro e sem ele por perto ficava sem dinheiro para comprar as coisas para casa. No dia de aniversário dele, prometeu vir

buscar-me a mim e às minhas filhas para irmos á feira em Messines mas nunca chegou a aparecer e só apareceu no dia seguinte mas ia longo embora de seguida, novamente”.

17. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Ele é que tratava das coisas todas em casa. Ele é que cozinhava e tratava do dinheiro e das contas. Eu naquela altura eu não sabia cozinhar. Tínhamos uma pessoa que ia lá a casa fazer as lides domésticas. A casa foi a minha avó que me deu e os carros eram dele e estava sempre a trocar.”.

#### **IV Parte – Emigração**

18. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?

19. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?

20. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?

21. Como foi a sua adaptação?

22. Porque regressou a Portugal?

#### **V Parte – Maternidade**

23. Quantos filhos teve?

“Tive 2 filhas”.

24. Com que idade foi mãe?

“Uma tive com 22 anos e a outra com 27 anos”.

25. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foram duas experiências completamente diferentes. Na primeira vez que fui mãe, não sabia nada e tinha uma pessoa que cuidava da minha filha e de tudo o que lhe pertencia, as roupas e tudo o resto. Houve um tremor de terra e fugi para debaixo das arcadas e deixei a bebe na cama, só me lembrei depois e quando cheguei perto dela estava cheia de coisas que caíam na cama, mas ela esta bem, podia era ter acontecido

algo pior, foi uma irresponsabilidade da minha parte. Mas aprendi muito da primeira filha para a segunda, também passaram 5 anos de uma para a outra. Foi tudo diferente. Fui eu que cuidei dela”.

26. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Quando eram mais novas eram más uma para a outra e não conseguiam estar juntas no mesmo sítio. Tive de mete-las a dormir separadas. Quando eram adolescentes gostavam de ir aos bailes, mas o meu marido não queria que elas fossem mas eu sempre lhes motivei a ir, porque era algo de que elas gostavam”.

27. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Tenho uma boa relação com as duas, moram perto de mim”.

28. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Aprende-se tudo. Aprendi a ter responsabilidade, aprendi a educa-las, a tentar que elas fizessem sempre o que era melhor para elas”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

29. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Sempre fui doméstica. Mas aprendi muitas coisas. Aprendi a fazer bordados á máquina, aprendi a fazer coisas em papel, aprendi a pintar em vidro”.

30. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

31. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

32. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

33. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Qualquer coisa a ver com artes. Trabalhos manuais”.

34. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

35. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Aprendi a educar as minhas filhas, tinha mais tempo para elas e era muito presente na vida delas. Aprendi a cozinhar com as senhoras que iam cozinhar lá em casa e agora cozinho muito”.

## **VII Parte – Reforma**

36. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Reformei-me depois de ter sido operada ao coração e depois eles chamaram-me na junta médica e deram me baixa durante 6 meses e tive uma senhora lá em casa para cuidar de mim. Disseram-me que podia ficar com a meia reforma, mas a minha filha disse para não aceitar pois dentro de pouco tempo, cerca de 3 anos, iria ficar com a reforma completa. Então só me reformei quando tive idade”.

37. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Não participei em nada”.

38. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Tenho mais tempo livre. Desde que o meu marido morreu que estou mais livre, passei mais e fui visitar muitos sítios”.

39. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Recebi um papel a dizer que já era reformada e fui buscar o dinheiro. Decidi comprar uma pulseira de ouro para recordação da primeira reforma que recebi”.

40. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

## **VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida**

41. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“Vim para conviver para não estar sozinha. Já venho para cá há mais de 10 anos. Somos muito amigas aqui no Polo e somos sempre sinceras umas com as outras”.

42. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Quando vieram cá ensinar-nos a fazer trabalhos manuais, como gosto dessas coisas foi muito bom”.

43. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Passear é sempre bom, mas gostei muito do teatro e dos trabalhos manuais”.

44. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Aprendemos sempre umas com as outras. Seja uma saber mais de uma coisa que de outra e a outra ajuda com o que sabe. O teatro também foi uma aprendizagem pois faz-nos pensar e decorar. Ajuda no raciocínio”.

45. O que significa para si frequentar o Polo?

“Significa entreter-me com as outras colegas, falar com elas e jogar á carta. Distrair-me para não estar em casa sozinha”.

## **Entrevista 5**

### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 67 Anos

Local de residência: Guia

### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

1. Em que local nasceu?

“Nasci no Poço das Canas, freguesia da Guia e concelho de Albufeira”.

2. Como foi a sua infância?

“A minha infância foi com os meus pais, tenho um irmão que tem mais 17 anos que eu. Não tinha ninguém por perto com quem pudesse brincar, mas desde criança que sempre tive muita criatividade e brincava com os animais. Treinava os gatos, os cães, os porcos... e domesticava-os e divertia-me com eles, eles deitavam-se quando lhes pedia. Depois aprendi a andar na bicicleta do meu pai sozinha. Naquela altura, uma menina andar de bicicleta era considerada maria rapaz, mas nunca me importei com a opinião das outras pessoas. Ia a Tunes e a Ferreiras”.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Sempre foi muito boa. Eles achavam tudo o que eu fazia muito engraçado. Eu costumava ler livros e ver filmes e depois contava a eles o que lia e via. Fiz um acordo com o meu pai, ele deixava-me andar na bicicleta dele se eu depois a reparasse.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Não tive nenhuma experiência má. Foi uma infância feliz. Sempre fui muito autónoma. Ia às compras a Faro, a Loulé e a Portimão sozinha no autocarro”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Com os animais e a passear de bicicleta”.

## **II Parte – Percurso Educativo**

6. Frequentou a escola?

“Sim”.

7. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Fiz até ao 7º ano”.

8. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

9. Que importância teve a escola para si?

“Gostava muito de andar na escola. Era uma aluna com notas razoáveis. Gostava de artes. Era boa a história e a caligrafia. Quando era mais velha, fui para Faro para a casa do meu irmão para estudar á noite. Ajudava a minha cunhada a cuidar dos meus sobrinhos e da casa. Mas quando o meu irmão saiu de Faro era impossível eu ficar lá a estudar sozinha, os meus pais não deixavam e também não tinham condições económicas, então tive de desistir a meio do 8ºano”.

10. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Gostava sim, mas não havia possibilidades nem dinheiro para isso”.

11. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Não”.

### **III Parte – Casamento**

12. Com que idade casou?

“Tinha 24 anos”.

13. Como conheceu o seu marido?

“Conheci o meu marido aqui em Tunes, daí a minha afinidade com a localidade, já que não sou de cá. Conheci-o no casamento de uma prima dele, essa prima era minha colega nos bordados. Mas ela nunca me falou dele. Fui com ela, busca-lo á estação dos comboios para ele vir ao casamento. E achei-o muito jeitoso. Almocei com eles na casa dela, mas eu só me queria ir embora porque tinha vindo de bicicleta e não queria que me vissem a andar. O tio dele metia-se muito com ele a dizer que ele tinha vindo para o Algarve arranjar uma namorada e olharam para mim, eu ficava muito envergonhada. Houve uma química entre nós e dançamos juntos no casamento, mas depois ele voltou para o Alentejo e não combinamos nada. Depois encontrei-o por acaso na praia, e ele depois escreveu-me 2 meses depois. Mas fiquei ainda um mês sem lhe responder à carta, mas quando respondi ele veio cá e pediu-me em namoro.

14. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Casei por igreja na Guia. Foi muito bonito para altura. O padre que nos casou eu já o conhecia antes de ele ser padre, quando ele andava no seminário em Faro e eu estudava lá. Tinha uma passadeira vermelha do altar até ao carro, tínhamos órgão a tocar e música de fundo. Toda agente que veio ao nosso casamento vinha em carros de praça que era carros alugados, foram 21 carros ao meu casamento”.

15. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Quando tive um aborto. Foi muito difícil e doloroso. Foi depois de ter tido a minha filha que isso aconteceu. Quando fui morar com o meu marido no Alentejo também foi difícil. Foi uma mudança muito radical. As pessoas lá observavam-me muito e apontavam-me muito o dedo porque eu era muito moderna, usava a saia curta acima do joelho e maquilhava-me. Mas consegui dar a volta por cima com o apoio do meu marido e no fim ainda me vinham pedir ajuda para coisas que precisavam e vinham-me pedir conselhos, viram que eu afinal não era o que elas pensavam. Morei lá 14 anos. O meu relacionamento com o meu marido sempre foi maravilhoso e ainda é”.

16. Como era a sua vida em casa?

“Eu tratava de tudo em casa. Vivia com a minha sogra e depois ela ficou doente e eu é que cuidava dela e da casa. Era doméstica nessa altura que vivi no Alentejo”.

17. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“No Alentejo nós comprámos a parte dos meus cunhados e ficamos com a casa e aqui no Algarve a casa era dos meus pais e depois eu restaurei e é onde vivemos agora. O meu marido é que tratava do orçamento familiar. Ele era contabilista então ele é que geria o dinheiro e tratava das contas”.

#### **IV Parte – Emigração**

18. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?

19. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?

20. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?

21. Como foi a sua adaptação?

22. Porque regressou a Portugal?

## **V Parte – Maternidade**

23. Quantos filhos teve?

“Tive dois filhos, um casal”.

24. Com que idade foi mãe?

“Fui mãe aos 26 anos”.

25. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foi uma experiência muito boa. Fui uma mãe um bocado galinha, protegia-os muito, mas sempre lhes dei liberdade. Chamava-os sempre á atenção se estivessem a fazer algo mal e dizia-lhes sempre o que achava melhor para eles. Sempre disse que se eles fizessem alguma coisa de errado eram eles que sofriam as consequências, embora também fosse uma grande desilusão para mim também. Quando eles eram pequenos fazia a roupinha deles porque era tudo muito caro. Então comprava os tecidos e fazia, porque também era algo de que gostava muito. E hoje em dia são pessoas que estão bem integradas na sociedade”.

26. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Nunca tive problemas nenhuns com eles, sempre confiei neles e eles em mim. Nunca traíram a minha confiança”.

27. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Tenho sim. Eles moram perto de mim, mas não muito perto porque tem de haver uma distância para que eles possam ser independentes. Cuido da minha neta, vou busca-la á escola e fico com ela durante a tarde enquanto eles trabalham”.

28. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Tornou-me mais mulher e mais responsável em todos os sentidos. Foi uma experiência muito boa. Não tive muitas dificuldades no processo de ser mãe, os meus filhos também foram muito bons para mim. Não foi complicado. Aprendi muito com eles e eles comigo. Foi uma aprendizagem”.

## VI Parte – Percurso profissional

29. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Aprendi a fazer malhas, costura e vendia para fora quando me encomendavam. Trabalhei também num supermercado e na Makro.

30. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Foi na Makro, 14 anos”.

31. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Identificava-me quando estive na caixa porque estava sempre a falar com pessoas novas e diferentes. Fazia aquilo com muita satisfação”.

32. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“No supermercado estive lá 3 ou 4 anos e na Makro estive 14 anos”.

33. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Gostava muito de ter sido enfermeira. Mas nessa altura não era possível ter feito o curso aqui no Algarve, tínhamos de ir para Coimbra e os meus pais não tinham dinheiro para isso então esse sonho ficou por terra. Depois gostava de ter sido cabeleireira, mas também era necessário ir para Lisboa para tirar esse curso e também não consegui concretizar esse sonho. Quando estava na Makro usava uma bata branca e fiquei muito feliz porque finalmente poderia usar a bata que sempre foi um sonho. Marcou-me”.

34. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“No Supermercado, estive na parte do PLS, dos frios, mas não me adaptei então colocaram-me nos têxteis, na roupa. Depois disso fui para a caixa. Na Makro também estive na caixa. Enquanto lá estive recebi prémios monetários e outros materiais de apresentação, de faturação e de atendimento ao cliente, foram os meus chefes e os clientes que me escolheram para receber esses prémios. Ganhei empregada do mês, mas era chato porque as colegas não gostavam muito”.

35. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Na Makro fui logo trabalhar quando abriu em 1992 e a inauguração foi horrível, foi uma loucura porque era a primeira grande superfície que abriu por cá. Vinham de outros sítios do país para assistir á inauguração. Foi muito doloroso e trabalhoso. Cheguei a entrar às 9h da manha e sair de lá às 2h da manhã, porque havia muitos enganos, coisas que não batiam certo e o sistema não era muito bom. Foi uma grande aprendizagem tanto com os colegas, como com os clientes e com as chefias. Aprendi valores e desvalores. Aprendi o bom e vi o mau. Aproveitei o que era bom. Tive também muitas formações e aprendi muito com elas para depois poder desempenhar melhor as minhas funções, no atendimento ao cliente e como gerir a loja. Quando não tinha ninguém na caixa ajudava as minhas colegas na reposição. Durante o trabalho tinha de estar sempre em pé na caixa e tínhamos apenas duas pausas de 15 minutos, uma de manha e outra á tarde e só podíamos beber água nessa altura. Era complicado. Passava-me muito dinheiro por as mãos, era muita responsabilidade”.

## **VII Parte – Reforma**

36. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“A razão que me levou á reforma foi a lesão que tive na coluna devido ao esforço que fazia, a mercadoria era pesada quando a carregava na caixa na altura dos pagamentos. Um dia desmaiei com as dores que sentia e tive internada 22 dias. Tive 3 anos de baixa e deram-me a reforma antes que eu pedisse. É pouco mas teve de ser. Mas tive de fazer vários tratamentos e agora já me sinto melhor”.

37. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Não faço parto de nada”.

38. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Tenho mais tempo para mim, para a casa e para os netos. Faço trabalhos manuais, costura, malhas, bordados e escrevo algumas coisas. Gosto do campo e de cultivar e agricultura”.

39. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Não fiz preparação como me deram a reforma devido á minha baixa. Ia ás convocatórias médicas e ela foi me dando baixa até recuperar”.

40. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Praticamente nada, porque trabalhava muito com dinheiro e agora não faço nada relacionado com isso”.

### **VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida**

41. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“Foi engraçado, porque foi uma senhora aqui do Polo que me falou da peça de teatro que estavam a fazer aqui e ligou-me para eu vir assistir e então vim. Gostei muito e a senhora convidou-me para integrar o Polo e a peça nova que iam fazer. Então fiquei curiosa e experimentei. O meu marido ficava á minha espera enquanto fazia o ensaio e incentivei o meu marido a participar também”.

42. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Pintei o cenário da peça que estávamos a fazer e escrevi umas músicas que cantávamos na peça. Fiz a introdução da peça também. Tudo me marcou pela positiva”.

43. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“O teatro é o que mais me realizou, no início tinha dúvidas se me ia adaptar porque nunca tinha feito nada parecido, mas tem sido muito bom e superou as expectativas. O Masterchef foi também uma experiência e fiquei em primeiro lugar aqui na localidade e fui á final. Ir cantar aos lares e fazer as peças de teatro nas escolas foram também experiências boas”.

44. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Estamos sempre a aprender, nunca sabemos tudo. Seja com o que for ou com quem seja, aprendemos sempre alguma coisa. Morrendo e aprendendo. Até morrermos

aprendemos sempre. Aprendemos umas com as outras. Seja culinária seja na costura. O teatro foi também uma aprendizagem pois foi algo que nunca tinha feito antes assim como cantar”.

45. O que significa para si frequentar o Polo?

“Gosto muito das pessoas que cá estão e de participar nas atividades. Gosto do convívio. Sinto essa necessidade. Posso fazer coisas de que gosto como os trabalhos manuais, o teatro e dos cantares”.

## **Entrevista 6**

### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 65 anos

Local de residência: Pêra

### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

6. Em que local nasceu?

“Nasci em casa por as mãos da minha avó que era parteira e fui registada em Campo de Ourique, Lisboa”.

7. Como foi a sua infância?

“Vivi em Vendas Novas que pertencia á Amadora, tive uma infância feliz graças a Deus, nunca me faltou nada, sempre tive tudo de bom, fui filha única sempre com os meus pais e os avós maternos por perto”.

8. Como era a sua relação com os seus pais?

“Tinha uma boa relação com os meus pais, muito boa. Mais tarde tive uma depressão porque foi difícil aceitar a morte deles, principalmente da minha mãe que foi muito repentina, a do meu pai já era mais esperada pois estava doente há algum tempo antes de morrer”.

9. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Não tive nenhuma experiência que me marcasse, tive de tudo um pouco, fui uma menina muito sortuda, filha única e neta única, era o centro das atenções da família. Passeava muito com os meus pais”.

10. Como ocupava os seus tempos livres?

“O meu pai levava-me muitas vezes a museus, parques, sítios culturais, jardins zoológicos, sítios para crianças, enquanto a minha mãe ficava em casa a fazer a lida doméstica. Também ia a muitas excursões com a minha avó o que me criou o bichinho de viajar”.

## **II Parte – Percurso Educativo**

7. Frequentou a escola?

Sim

8. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Até ao 9º ano”.

9. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

10. Que importância teve a escola para si?

“Teve bastante importância, mas realmente poderia ter feito um curso superior mas na altura não era algo que queria ou pensava, não era uma prioridade minha e preferi ir trabalhar”.

11. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Eu se quisesse teria feito, tinha possibilidades para tal, não fiz um curso superior porque não quis. Mas talvez se fosse hoje em dia poderia ter sido diferente, mas tive um bom emprego”.

12. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Tive várias formações na empresa onde trabalhei, tive cursos de inglês, de espanhol, de Excel e Word. Fiz também o curso geral de comércio”.

### **III Parte – Casamento**

7. Com que idade casou?

“Casei com 20 anos”.

8. Como conheceu o seu marido?

“Conheci-o numa visita que ele fez á minha avó que também foi parteira dele. A mãe dele quis mostrá-lo á minha avó. Eles não moravam em Portugal, moravam em África. E a partir daí o nosso amor nasceu e namoramos durante cinco anos. Eu tinha 15 e ele tinha 20 quando começamos a namorar”.

9. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Por Igreja”.

10. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Tem sido um casamento com uma boa relação, com respeito, tudo de bom. Temos aproveitado da melhor maneira, temos viajado muito. O meu marido era diretor do grupo desportivo do banco onde era gerente, o que proporcionou que pudéssemos viajar uma ou duas vezes por ano conforme as possibilidades. Viajamos por a Europa, América do Norte e do Sul, Ásia, África. Conhecemos novas culturas e novos povos, foi uma grande aprendizagem. Cada cidade e cada país têm o seu encanto, são todas diferentes”.

11. Como era a sua vida em casa?

“Era tudo normal, como qualquer casal. Dividíamos as tarefas domésticas entre os dois”.

12. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Compramos tudo em comum, tanto a casa como o carro. Ambos tínhamos bons empregos”.

#### **IV Parte – Emigração**

6. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?
7. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?
8. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?
9. Como foi a sua adaptação?
10. Porque regressou a Portugal?

#### **V Parte – Maternidade**

7. Quantos filhos teve?

“Só tive um filho”.

8. Com que idade foi mãe?

“Com 21 anos”

9. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foi uma boa experiência, fui mãe cedo, o que já não acontece muito atualmente, as mulheres são mães cada vez mais tarde. Tive a ajuda dos meus pais e da minha avó pois era muito nova e não sabia como cuidar de uma criança”.

10. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Tem sido muito bom filho desde que era criança e hoje em dia é um bom homem, um bom trabalhador e um bom pai de 2 filhos. Tem o seu curso, licenciou-se em Gestão de Empresas e atualmente é Gestor Comercial”.

11. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Temos uma relação muito próxima sim. Ele vive em Lisboa, mas falamos por telefone todos os dias e fazemos visitas um ao outro mensalmente, eu vou lá ou ele vem cá”.

12. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Ser mãe é uma aprendizagem maravilhosa em todos os aspetos, aprende-se a amar incondicionalmente. Como era muito nova quando fui mãe tudo foi aprendizagem, mas acho que fiz o melhor que podia”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

8. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Trabalhei 41 anos na mesma empresa de cabos de energia e telecomunicações na parte administrativa. Era a empresa onde o meu pai trabalhava e fui para lá com 17 anos. Tive 17 anos na medicina do trabalho, tive na parte do pessoal, depois fui secretária do diretor financeiro uns anos e por fim tive na contabilidade”.

9. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Os 17 anos que estive na medicina do trabalho”.

10. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Talvez se fosse hoje teria escolhido outra profissão. Não gostei do facto de estar presa a uma secretária todos os dias”.

11. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“Trabalhei sempre lá até á reforma, foram 41 anos”.

12. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Algo que implicasse viajar ou conhecer sítios novos e que não me prendesse a uma secretária. Pensei em hospedeira de bordo ou guia turística. Mas não aconteceu”.

13. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Sempre foi a parte de escritório que eu fazia. Na medicina do trabalho era as inspeções periódicas ao pessoal e obedecia a uma contas, na parte do pessoal tinha a ver com o recrutamento dos trabalhadores e gerir os trabalhadores, quando fui secretária do diretor financeiro tinha as responsabilidades que uma secretária costuma ter como cuidar da agenda do diretor e a ultima função foi a contabilidade, onde tratava da faturação que dava bastante trabalho. De todas as funções que tive na empresa a que mais gostei de trabalhar foi na medicina do trabalho porque tinha mais liberdade, não estava tão presa á secretária”.

14. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Como rodei por muitos locais na empresa aprendi de tudo um pouco porque temos uma noção do que se passa na empresa e como funciona a mesma. Teoricamente aprendi muito com as formações que foram feitas na empresa”.

## VII Parte – Reforma

7. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Tive uma depressão devido ao falecimento dos meus pais porque me afetou muito e como já tinha 41 anos de trabalho decidi pedir a reforma por invalidez. Mas já há muitos anos que visitava psicólogos. Não estava a conseguir concentrar-me e estava difícil ter aquelas responsabilidades todas. Tive de tomar medicação para conseguir aguentar a pressão”.

8. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Não tive participações nenhuma desse género, nem antes nem depois da reforma”.

9. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Depois da reforma eu e o meu marido viemos viver para Pêra, já cá tínhamos casa e como é um ambiente mais sossegado e gostamos do clima, decidimos vir para cá viver. Comecei também a frequentar o desporto sénior, continuamos a viajar quando podemos e comecei a vir ao Polo também”.

10. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Não programei nada, mas tentei a reforma por invalidez e consegui. E agora tenho mais tempo livre”.

11. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Não trouxe nada do trabalho para a minha vida depois da reforma, quando acabou o trabalho deixei para trás tudo o que era relacionado com isso”.

## VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida

### 5. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“Integrei o Polo para estar com a minha mente ocupada, venho às Terças e Sextas. Às sextas temos ensaios do grupo de cantares de que gosto muito e como não sou de cá, o Polo ajudou-me a conhecer novas pessoas e venho conviver”.

### 6. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Gosto muito do teatro, algo que nunca fiz, nem na escola e fiz aqui no Polo pela primeira vez e gostava muito de repetir. Também gosto muito dos cantares, já fizemos umas atuações, tem sido muito giro!”.

### 7. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Os cantares são algo que me satisfaz bastante, é tudo muito interessante”.

### 8. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Aprender a fazer teatro foi algo que aprendi no Polo, logo que nunca tinha feito antes e provavelmente nunca faria se não tivesse vindo para o Polo. Ainda só fizemos uma peça, mas se iniciarmos outra participarei com certeza pois ainda há muito para aprender”.

### 9. O que significa para si frequentar o Polo?

“Conviver, significa conviver. E aprende-se sempre algo novo no Polo e conhece-se novas pessoas e existe uma partilha de histórias de vida entre as pessoas que frequentam o Polo”.

## Entrevista 7

### Caracterização do entrevistado:

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 64

Local de residência: Armação de Pêra

### I Parte – Infância e Relações Familiares

11. Em que local nasceu?

“Nasci na Beira em Moçambique”.

12. Como foi a sua infância?

“Foi uma infância feliz, brincava muito na rua. Morava ao pé da praia então ia brincar para lá também. Tinha um jardim em frente a minha casa, tinha onde patinar, andar de bicicleta, baloiço, escorrega. Brincava com os vizinhos. Quando era hora de jantar, o meu pai assobiava para eu e o meu irmão irmos para casa. Tive uma infância livre de chinelo no pé e de calções.

13. Como era a sua relação com os seus pais?

“Tinha uma boa relação com os meus pais mas eram pais muito severos”.

14. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Uma experiência que me marcou muito foi quando tinha ataques de asma, durante três dias não comia nem bebia. Ficava deitada na cama dos meus pais pois era maior e então acalmava-me”.

15. Como ocupava os seus tempos livres?

“A brincar com os vizinhos, com as bonecas. Brincava com o meu irmão ás bonecas e então fazíamos lanches enquanto brincávamos”.

## II Parte – Percurso Educativo

13. Frequentou a escola?

“Sim, frequentei um colégio de freiras”.

14. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“No colégio frequentei até ao 9º ano e depois fui para o Liceu, pois dois filhos era muito caro manter no colégio. Depois fiz o Magistério Primário e enquanto trabalhava fiz a licenciatura”.

15. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

16. Que importância teve a escola para si?

“Teve muita importância, gostava muito de ir á escola. Quando fui fazer o curso de Magistério Primário percebi que tinha muita sorte ter frequentado o colégio e tinha muita bagagem importante com ensinamentos bastante importantes para o curso que iria tirar”.

17. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“A licenciatura foi suficiente, a minha mãe ainda me tentou convencer a tirar o mestrado, mas não era algo que queria na altura pois já trabalhava”.

18. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Não tirei mais nenhum curso além do Magistério Primário e da Licenciatura. Só quando havia algum curso de artes é que me inscrevia”.

## III Parte – Casamento

13. Com que idade casou?

“Não casei. Sempre fui solteira. Foi uma opção minha não casar nem ter filhos. Tive pretendentes, mas corri com eles todos, pois sempre quis ser independente e não queria ninguém até acabar o meu curso e nunca quis ninguém depois disso. O casamento começou a ficar para trás e quando comecei a dar aulas, os alunos eram como filhos para mim. Era mãe e professora deles”.

## IV Parte – Emigração

11. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?

“Emigrei para Portugal aos 21 anos, pois fui nascida e criada em Moçambique. Emigramos para cá devido á Guerra Colonial em 1974, não era um bom ambiente para se viver e o meu pai não queria sair de lá, mas teve de ser”.

12. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?

“Portugal”.

13. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?

“Quando comecei a dar aulas andava com os alunos sempre em visitas de estudo e conheci muitos países na Europa e se estivesse em Moçambique, provavelmente não teria tido essa oportunidade de sair e conhecer novas coisas, apenas os países que faziam fronteira com o nosso”.

14. Como foi a sua adaptação?

“Foi difícil adaptar-me ao clima, em Moçambique era sempre Verão enquanto aqui em Portugal há estações do ano. Foi difícil adaptar-me às pessoas, ao estilo de vida”.

15. Porque regressou a Portugal?

## **VI Parte – Percurso profissional**

15. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Fui professora toda a minha vida. Passei por todas etapas do ensino, isto é, dei aulas a praticamente todos os níveis escolares. Dei aulas na primária, ao secundário e educação de adultos á noite. Quando tinha horas na biblioteca pedia para ir á pré-primária ler histórias aos mais novos, quando estava a dar aulas em Armação de Pêra e fazia o mesmo nas escolas de Pêra e de Alcantarilha”.

16. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Dei 10 anos aulas ao ensino primária e 16 anos na secundária. Os anos que mais gostava de dar aulas era no 1º ano na primária pois era quando eles aprendiam a ler e era a fase que mais gostava, pois era quando se começava algo do início, do zero e os vi-a crescer. O mesmo acontecia quando dava aulas de Francês ao 7º ano, eles não

sabiam nada da língua e era muito bonito vê-los a aprender algo novo. Era o mais desafiante”.

17. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Sim, não faria outra coisa”.

18. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“Fui durante 31 anos”.

19. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

20. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Dava aulas aos meninos da primária, depois comecei a dar aulas no ensino secundário de Português e de Francês e hoje em dia ainda oriento pessoas adultas na educação de adultos á noite”.

21. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Nasci e cresci numa cidade, quando vim para Portugal fui viver para Silves que é uma cidade, estudei em Faro que é uma cidade, mas quando comecei a dar aulas fui parar a Alte no bico de um serro, sem luz, nem água, nem casa de banho, não tinha estrada. Era um sítio que ainda estava no Século XX. Foram três meses a viver lá até a colega voltar de licença de parto. As pessoas com quem ia vivia davam-me comida para eu trazer ao fim de semana para casa, pois lá não havia uma mercearia para comprar alguma coisa para comer. Era uma zona muito fria e muito pobre. Quando estava deitada via os ratos a passar entre as canas do teto. O frio era muito, tinha de dormir de pijama, robe, pantufas e um lenço na cabeça para combater o frio. Foi muito difícil, mas criei laços com as pessoas com quem convivia lá e foi uma aprendizagem. Foi mau e difícil, mas adaptei-me”.

## **VII Parte – Reforma**

12. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Quando chegou a hora de me reformar, com a idade certa e o tempo de trabalho completo, que era o que a lei exigia, decidi reformar-me, pois, se espera-se mais essa

lei poderia mudar e perdia a oportunidade de me reformar tão cedo. A minha mãe estava com início de alzheimer e decidi que seria melhor cuidar dela. Tive um grande corte do ordenado para a reforma, mas foi o melhor a fazer e não estou arrependida pois tenho os dias tão preenchidos que nem dou conta de eles passarem”.

13. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Faço parte da Junta de Freguesia que está agora em Armação de Pêra, pertenço a um grupo de oração, fiz parte da direção do Castelo de Sonhos, mas na altura não consegui lá ficar pois não conseguia dar o acompanhamento necessário devido ao grande crescimento da associação, faço voluntariado no Hospital de Portimão”.

14. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“Identifico muitas mudanças na minha vida, tenho a cabeça livre, tenho mais tempo pois antes vivia para a escola (preparar aulas e corrigir testes) e para os alunos. Não tinha tempo para mais nada e agora tenho tempo para fazer tudo o que não fazia antes. Neste momento estou no desporto sénior, no teatro, no grupo de cantares, frequento o Polo, faço parte das marchas e ainda faço voluntariado”.

15. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Não fiz nenhuma preparação em concreto, mas durante um ano estive a pensar, pois no ano 2008 saíram umas condições de reforma que ainda não tinhas mas no ano seguinte já as teria, então estive um ano a pensar se me reformava ou não e se as condições mudariam, que era 55 anos de idade e 30 de serviço”.

16. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Com a minha profissão ganhei estofo e bagagem para poder fazer algumas coisas como o teatro. Eu interpreto o teatro como se o público fosse os meus alunos e que apenas estou a dar aulas, assim sinto-me mais à vontade. Cada público tem características diferentes e todos são diferentes como acontece com as diferentes turmas numa escola”.

## VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida

### 10. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“A minha mãe vivia comigo e ela não gostava de estar em casa então começamos a ir ao Polo e fui lá para ensinar a fazer um trabalho manual com garrafas de plástico e receberam me muito bem então comecei a frequentar cada vez mais, também para poder estar com a minha mãe. Quando coloquei a minha mãe num lar fiquei muito em baixo e as colegas do Polo foram um grande apoio para mim. E continuei a estar no Polo mesmo depois de ela já não poder ir”.

### 11. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Estar com aquelas senhoras que maior parte mais velhas que eu, perceber que gostam de me ter lá e de me estimar. Receber aprendizagens da parte delas enquanto também tento ensinar-lhes algo”.

### 12. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Gostei muito de uma atividade que fizemos há uns tempos que foi decorar Armação de Pêra com peças em crochê. Tivemos ajuda de muita gente e assim conseguimos abranger muito de Armação, se tivéssemos feito sozinhas no Polo não teríamos conseguido fazer muita coisa ou se conseguíssemos iríamos levar muito mais tempo. Tivemos também muito contacto com as pessoas na rua que nos perguntavam que projeto era aquele, a falar connosco e ainda nos ajudavam a pendurar as peças de crochê”.

### 13. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Proporcionou fazer tudo aquilo que nunca antes tinha feito e agora já fiz, foi tudo uma aprendizagem e colaboração entre todas”.

### 14. O que significa para si frequentar o Polo?

“Para mim o Polo de Educação ao Longo da Vida é um projeto muito interessante que existe em muitas partes do país, que serve para ocupar as pessoas que já não exercem uma profissão, cada sítio faz as suas atividades, mas com o mesmo objetivo que é tirar

as pessoas de casa para conviverem e aprenderem novas coisas. E é muito enriquecedor para todos os que participam”.

## **Entrevista 8**

### **Caracterização do entrevistado:**

Nome: Anonimo

Sexo: Feminino

Idade: 72 Anos

Local de residência: Silves

### **I Parte – Infância e Relações Familiares**

1. Em que local nasceu?

“Nasci na freguesia de Alcantarilha, Concelho de Silves”.

2. Como foi a sua infância?

“A minha infância foi normal, vivia no campo. Os meus pais compraram-me uma máquina de costura pois na altura as meninas faziam todas costura, mas depois o meu pai deu-me abertura de vir para Silves estudar e então não cheguei a pegar na maquina e hoje me dia nem sei costurar. E vim estudar para Silves e em seguida o meu irmão também veio, então os meus pais mudaram-se para cá, pois era muito dispendioso ter dois filhos cá a estudar. Apesar de não termos tido uma infância muito abastada, tínhamos sempre o que eu e o meu irmão precisássemos. Tínhamos sempre algo para comer e roupa para vestir, embora não fosse muita”.

3. Como era a sua relação com os seus pais?

“Tinha uma boa relação com os meus pais, principalmente com o meu pai, era muito menina do papá. Acho que isso é normal entre as meninas e o pai. Para os meus pais podia-lhes faltar algo, mas nunca deixavam que a mim e ao meu irmão faltasse”.

4. Quais as experiências que mais a marcaram na infância?

“Lembro que o meu pai nos dava um dinheirinho para irmos ao cinema ou á feira. Levava-nos sempre á praia a Armação, íamos de manhã cedo a pé e ficávamos lá todo o dia. Não tive experiências negativas, que me lembre”.

5. Como ocupava os seus tempos livres?

“Gostava muito de brincar às escolas com o meu irmão ou sozinha. Como vivíamos no campo não tínhamos vizinhos por perto, os montes eram longe uns dos outros, mas de vez enquanto lá brincava com uma vizinha ou uma amiga”.

## **II Parte – Percurso Educativo**

1. Frequentou a escola?

“Sim”.

2. Se sim, até que idade frequentou e até que ano de escolaridade fez?

“Fiz até ao 9º ano, num curso geral de comércio, onde aprendi muito. Era um curso muito bom”.

3. Se não, qual foi a razão e o que fazia já que não frequentava a escola.

4. Que importância teve a escola para si?

“Teve muita importância, se não tivesse vindo para a escola teria ficado no campo ou a fazer costura que era algo que não me interessava e que não gostava”.

5. Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo?

“Gostava. O meu sonho era ter tirado um curso superior com algo a ver com contabilidade. Foi a disciplina que mais gostei do curso de comércio e gostava de ter praticado contabilidade. Para tirar esse curso teria de ir para Lisboa três anos e não havia essa possibilidade porque a minha mãe não trabalhava, só o meu pai então era complicado e nós também éramos dois, não podíamos estar os dois a estudar”.

6. Teve outras formações ou atividades no seu percurso educativo?

“Só formações da entidade profissional quando já estava empregada”.

## **III Parte – Casamento**

1. Com que idade casou?

“Tinha por volta dos 30 anos porque estive muitos anos a trabalhar fora e estava concentrada no trabalho e não no resto”.

2. Como conheceu o seu marido?

“Já conhecia o meu marido da escola, mas nunca fomos amigos nem namorados, nem nada do género. Depois trabalhamos na mesma agência bancária e começamos a conhecerno-nos melhor e começamos a namorar”.

3. Casou por a Igreja ou por registo civil?

“Primeiro casamos por registo civil pois o meu pai tinha morrido e o meu sogro também não estava bem de saúde e mais tarde por Igreja”.

4. Quais as experiências mais marcantes no seu casamento?

“Os meus filhos foram a experiência mais marcante do meu casamento, sem duvida. Mas no verão tentávamos sempre tirar umas férias de 15 dias para irmos só os dois, mas sempre dentro do nosso país”.

5. Como era a sua vida em casa?

“Era sempre trabalho-casa-trabalho pois nunca vivi na mesma localidade onde trabalhei e os transportes públicos era uma chatice porque por vezes perdia o transporte ou o transporte chegava atrasado e isso fazia com que também chegasse mais tarde a casa. A minha mãe quis ir viver para minha casa porque era viúva e não queria estar sozinha, então ajudava-me imenso com os miúdos, eles não foram para o infantário pois a minha mãe ficava com eles em casa. Quando chegava a casa a minha mãe já tinha as coisas encaminhadas, era só dar banho aos miúdos e prepará-los para o jantar e depois preparar as coisas para o dia seguinte. Quando a minha mãe começou a ficar mais velhota e a não conseguir ajudar, contratei uma pessoa para me ajudar na limpeza da casa e a passar a ferro. Vivíamos no campo, o meu marido tinha uma horta que cuidava, então tínhamos sempre muito que fazer. Moro um pouco fora de Silves e só minha a Silves ao fim de semana para comprar alguma coisa porque durante a semana não tinha tempo”

6. Quem tratava das coisas em casa? (Quem comprou a casa, quem fazia as lides domésticas, se tem carro?)

“Compramos os dois a casa, as lidas da casa era maior parte eu que as fazia, pois, o meu marido ocupava-se com a horta, a minha mãe também ajudava no que podia e tinha uma pessoa que também ia fazer a limpeza e passar a ferro”.

#### **IV Parte – Emigração**

1. Emigrou para algum país para ter uma vida melhor?
2. Se sim, qual foi o país para o qual emigrou?
3. Conseguiu ter uma vida melhor nesse país?
4. Como foi a sua adaptação?
5. Porque regressou a Portugal?

#### **V Parte – Maternidade**

1. Quantos filhos teve?

“Tive dois filhos, uma rapariga e um rapaz”.

2. Com que idade foi mãe?

“Perto dos 31, logo depois de ter casado”.

3. Como foi a experiência de ser mãe?

“Foi uma experiência muito agradável, muito bom. Deixamos de viver para nós para vivermos para os nossos filhos. Ainda hoje em dia é uma experiência muito boa, sempre me preocupei muito com eles e ainda hoje me preocupo. Dizem que as preocupações vão diminuindo quando eles crescem, mas as minhas preocupações só crescem”.

4. Houve alguma fase menos boa com os seus filhos?

“Não, nunca me deram preocupações. Mas o meu filho sempre me deu mais preocupação porque saía á noite e era mais velho. Até ele ter 19 anos fiz sempre as festas de anos dele lá em casa para ver os amigos dele e com quem ele se dava, para controlar mais. De resto não tive problemas de maior com eles, também sempre foram saudáveis”.

5. Tem uma relação próxima com os seus filhos neste momento?

“Tenho uma relação muito próxima com eles atualmente. A minha filha vive aqui perto e vou muitas vezes a casa dela, mas ele vive em Portimão e tem uma vida muito ocupada, vai todos os dias para Tavira por isso é mais difícil vê-lo porque ele também não tem tempo e o tempo que tem é para a família dele. Mas tentamos juntar-nos muitas vezes”.

6. O que é que ser mãe a levou a aprender na sua vida?

“Aprendi muita coisa, estamos todos os dias a aprender. Quando eram mais pequeninos era aprender a tratar deles e o que fazer e quando crescem aprendemos nós com eles porque eles têm uma mentalidade diferente e são jovens e mesmo que nós queiramos acompanhar é difícil, então temos de aprender o mais que podemos com eles. E estou sempre a aprender com eles ainda hoje”.

## **VI Parte – Percurso profissional**

1. Que ocupações profissionais teve ao longo da sua vida?

“Quando acabei o curso, fui trabalhar para uma espécie de hotel, no escritório na parte da contabilidade durante dois anos, foi o meu professor que me arranjou esse emprego pois eu tirava muito boas notas em contabilidade. Depois concorri para o Banco e deixei o trabalho no hotel e fiquei no banco até me reformar. Trabalhei em Famalicão, Faro, Lagos, Albufeira, vários sítios”.

2. Que atividade profissional exerceu durante mais tempo?

“Foi no Banco durante 33 anos, depois reformei-me quando foi a fusão do BNU com a Caixa Geral de Depósitos”.

3. Identificava-se com as profissões que desempenhou?

“Sim, gostava muito de trabalhar no banco e na contabilidade. Gostei da minha profissão”.

4. Durante quanto tempo praticou essa profissão?

“33 Anos”.

5. Por sua vontade qual teria sido a sua profissão?

“Como disse, gostava de ter sido contabilista e seguir isso, mas gostei do que fiz”.

6. Descreva-me o que fazia nas suas diversas atividades profissionais.

“Durante dois anos trabalhei na parte da contabilidade no Hotel, fazia lançamentos e fechava as contas do Hotel, o dinheiro que entrava e saía. No Banco, fiz várias coisas, passei por vários departamentos menos por a caixa, de resto fiz tudo. Balcão, posições, lançar as contas dos clientes, tive no apoio á gerência que foi onde acabei”.

7. O que aprendeu com os locais de trabalho por onde passou? (Se for doméstica – que aprendizagens teve: educação dos filhos, culinária, controlo do orçamento familiar...)

“Aprendi muita coisa. Tinha a base teórica que tinha aprendido no curso, depois quando trabalhei pus as coisas que tinha aprendido em prática que é sempre diferente. Tive sempre muita experiência com os clientes e gostei imenso”.

## **VII Parte – Reforma**

1. Que circunstâncias ou razões levaram á decisão de se reformar (fatores individuais, familiares, profissionais)?

“Tive a possibilidade de me reformar quando houve a fusão da Caixa Geral de Depósitos com o BNU. Quando isso aconteceu ainda não tinha idade nem anos de trabalho para me poder reformar mas como havia muito pessoal que tinha de ser dispensado que trabalhava no BNU, eu não estava nas pessoas que eram para ser dispensadas e não queriam que saísse mas como eu tinha muitos problemas de visão pedi ao meu médico que escrevesse que já não conseguia estar ao computador e consegui sair. Também não queria trabalhar na Caixa Geral de Depósitos porque o BNU era uma família para mim”.

2. Que participações teve na comunidade antes e depois da reforma (associações, grupos religiosos, voluntariado, órgãos políticos)?

“Não participei em nada”.

3. Que mudanças identifica na sua vida depois da reforma (Relações familiares, lazer, tempos livres, condições económicas)?

“A minha vida mudou muito depois da reforma, o que faço agora é totalmente diferente daquilo que fazia na minha atividade profissional. Quando me reformei fiquei em casa ainda uns tempos, mas depois fui para o Polo e comecei a ocupar mais

o meu tempo. Gostava de ter mais tempo livre, mas neste momento não tenho muito. Eu como moro fora de Silves se venho para cá fico cá a manhã toda e depois durante a tarde vou para o Polo. Mas quando trabalhava era diferente pois tinha o meu dia programado e fazia sempre as mesmas coisas, hoje em dia já não é assim”.

4. Que preparação fez para a reforma e para o fim da sua atividade profissional?

“Não fiz nada de especial”.

5. Que importância teve a sua atividade profissional exercida para as atividades que hoje desenvolve na reforma?

“Teve alguma importância pois na minha atividade profissional aprendi a mexer no computador e tenho utilizado aqui no Polo para algum trabalho que tenhamos de fazer ou alguma pesquisa. Maior parte das minhas colegas aqui no Polo não sabem mexer em computadores, por isso é uma mais-valia. Aprendi sempre algo que me foi útil para outras coisas fora do trabalho”.

## **VIII Parte – Polos de Educação ao Longo da Vida**

1. Qual a sua motivação ou razão que a fez integrar o Polo?

“Foi a minha cunhada que me falou do Polo e me convenceu a vir. Depois de vir já não saí, gosto muito de tudo o que fazemos aqui”.

2. Que experiências teve enquanto utente do Polo que foram para si mais marcantes?

“Gostei muito de fazer um livro em trabalhos manuais desde costura, a bordar, crochê, colagens de outros materiais, de tudo um pouco. Fizemos também uma atividade que era reunir informações sobre os monumentos de Silves como o Castelo, a Cruz Vermelha, a Ponte Romana, e dizemos uma palestra aos alunos da Universidade do Algarve. Foi muito giro e diferente. Ficámos a saber de muita coisa da nossa freguesia que não sabíamos antes”.

3. Que atividades fez no Polo que a fizeram sentir mais realizada (Teatro, grupo de cantares, trabalhos manuais, passear)?

“Gosto muito de fazer parte do grupo de teatro e do grupo de cantares. São atividades que gosto muito de fazer e que nunca pensei fazer, nem na escola fiz. Gostei muito de

atividades que envolvam pesquisa, aprendo sempre algo e puxo por a cabeça, às vezes já estava deitada e lembrava-me de coisas importantes para trabalhos que estávamos a fazer e ia escrever para não me esquecer de ir pesquisar no dia seguinte”.

4. Que aprendizagens o Polo lhe proporcionou?

“Todas estas coisas que referi foram aprendizagens. Mas com a atividade que temos agora em mãos de fazer bonecas para as meninas de Moçambique, aprendi mais algumas coisas de costura com outras colegas que sabem fazer. Fazer crochê para “vestir” as árvores também foi muito giro e tivemos muito bom feedback da população da localidade e dos turistas, aprendi também muito com essa atividade. Todos os dias aprendo com as minhas colegas e com as atividades que as técnicas trazem e que nós achamos que não somos capazes, mas começamos a trocar ideias umas com as outras e acabamos por concretizar a atividade pretendida com sucesso ou dentro do que conseguimos”.

5. O que significa para si frequentar o Polo?

“Significa conviver, conhecer novas pessoas e tem sido muito agradável conhecer novas personalidades e aprender a lidar com elas. Tem sido agradável e estou grata por tudo o que tenho aprendido desde que comecei a frequentar o Polo”.

### **Entrevista à técnica dos Polos de Educação ao Longo da vida**

1. O que são os Polos de Educação ao Longo da Vida e qual a sua origem?

“Eu entendo que os Polos de Educação ao Longo da Vida foram criados com o intuito que as pessoas de mais idade deem continuidade á sua aprendizagem e passar a sua aprendizagem a outros. É também uma forma de mostrar á comunidade aquilo que sabem e aquilo que aprenderam durante toda a sua vida. A sua origem não sei como aconteceu porque ainda não trabalhava nos Polos, só comecei no fim de 2018, mas acho um projeto muito positivo com a intenção de ocupar o tempo dos seniores”.

2. Qual a principal finalidade dos Polos?

“A principal finalidade dos Polos é manter os seniores ocupados fisicamente e psicologicamente, continuarem ativos na vida. Fazer com que eles saíam de casa e convivam uns com os outros, fazendo atividades”.

3. Que atividades já foram realizadas nos Polos?

“Todas as atividades que se propuseram foram com o intuito de despertar nos utentes dos Polos o gosto em fazer algo que nos propomos, ter ideias novas, fazer com que eles se dediquem a uma coisa e que se esqueçam, nem que seja apenas no tempo que estão no Polo, dos seus problemas de saúde e de outras coisas menos positivas. Se tiverem ocupados com atividades que nós sugerimos não se lembram dos seus problemas. As atividades que foram realizadas foram desde trabalhos manuais tal como foi feito na 3ª Mostra da Laranja em Silves, em que os seniores dos Polos tiveram de criar os seus próprios fatos alusivos á laranja, os grupos de cantares, os grupos de teatro, as exposições de fotografias dos utentes dos Polos como património imaterial, um pouco de tudo”.

4. Que feedback recebe das pessoas que fazem ou não parte dos Polos, no que diz respeito ao que é feito e ao funcionamento dos Polos?

“O feedback tanto das pessoas que frequentam os Polos como daquelas que não tem sido sempre muito positivo, é sinal que o Município de Silves não está a fazer um mau trabalho, está a prestar um bom serviço aos seniores do concelho. Os utentes que fazem parte do Polo gostam muito destas atividades e de as mostrar á comunidade e temos cada vez mais pessoas a inscreverem-se nos Polos. A ideia é que possamos sempre melhorar. Praticamente todas as atividades que os Polos fazem são para a comunidade, é para as outras pessoas poderem ver os seus trabalhos e atividades. Nada destas atividades são renumeradas para os Polos, o Município apenas apoia em alguns custos necessários como nos transportes ou em alguns materiais para atividades”.

5. Na sua opinião, que objetivos, antes traçados ou não, já foram atingidos?

“O objetivo principal é cativar os grupos dos diferentes Polos e isso temos conseguido. Conseguimos dar-lhes motivação para continuarem a participar nas atividades. Temos tentado atingir sempre os objetivos traçados para os Polos e se corre menos bem é uma aprendizagem também para nós, para que numa próxima

atividade não cometamos os mesmo erros e aprendamos com isso. Há sempre espaço para melhorar”.

6. Que dificuldades já encontrou no funcionamento dos Polos?

“Recentemente encontrei uma dificuldade que não tem a ver com o funcionamento dos Polos em si mas tem a ver com as pessoas que os frequentam. Existem sítios onde não existe muitos transportes públicos e então os seniores tem dificuldade em se inserirem no Desporto Sénior que o Concelho disponibiliza em todas as freguesias e queríamos encontrar uma solução para esse problema e conseguir que essas pessoas frequentem o Desporto como desejam. Eventualmente, se houvesse mais técnicos a trabalharem nos Polos pudéssemos abrir um Polo no Algoz e outro em Alcantarilha, podendo assim abranger uma maior área, pois existem Polos perto destas freguesias mas torna-se difícil para os seniores se deslocarem para fora das suas localidades”.

7. Descreva o seu percurso nos Polos de Educação até este momento.

“Comecei a trabalhar há relativamente pouco tempo nos Polos de Educação ao Longo da Vida, há volta de 6 meses. Quem trabalhava nos Polos desde o início era uma outra colega que teve um bebé e esta de licença de maternidade. Entrei de coração e de mente aberta, acho que a população sénior tem muita coisa para ensinar e dá-me muito gozo trabalhar com os Polos e desafia-los a fazer novas coisas e ser sempre surpreendida com as coisas maravilhosas que fazem, excedem sempre as minhas expectativas. E isso é muito bom! Tenho gostado bastante deste projeto. As utentes dos Polos querem ser mimadas e de ter novas atividades para fazer, por isso acho de vim dar uma nova dinâmica ao projeto. Elas dão me muito e eu também quero dar muito a elas. Aprende-se muito com os seniores e não é aprender a bordar ou a costurar, é aprender com a experiência de vida deles”.

## Quadros

### Densidade populacional

Onde há mais e menos pessoas, em média, por km2?

Rácio

Territórios	N.º médio de indivíd...
Anos	2017
Albufeira	289,6
Alcoutim	4,1
Aljezur	17,3
Castro Marim	21,2
Faro	301,1
Lagoa	258,1
Lagos	143,8
Loulé	90,6
Monchique	13,5
Olhão	343,8
Portimão	304,3

#### Densidade populacional

Fontes de Dados: IGP - Série Cartográfica Nacional à escala 1:50 000 e Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP 2009.0  
INE - Estimativas Anuais da População Residente  
INE - Estimativas Anuais da População Residente  
Fonte: PORDATA  
Última actualização: 2019-03-28

Quadro 1- Densidade Populacional nos concelhos do Algarve em 2017– Pordata

## Densidade populacional

Onde há mais e menos pessoas, em média, por km<sup>2</sup>?

Rácio

Territórios	N.º médio de individ...
Anos	2017
Lagos	143,8
Loulé	90,6
Monchique	13,5
Olhão	343,8
Portimão	304,3
São Brás de Alportel	68,4
Silves	53,5
Tavira	41,4
Vila do Bispo	28,9
Vila Real de Santo António	310,1

### Densidade populacional

Fontes de Dados: IGP - Série Cartográfica Nacional à escala 1:50 000 e Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP 2009.0  
INE - Estimativas Anuais da População Residente  
INE - Estimativas Anuais da População Residente  
Fonte: PORDATA  
Última actualização: 2019-03-28

Quadro 2- Densidade Populacional nos concelhos do Algarve em 2017– Pordata

 Territórios	Taxa bruta de natali...
Anos	2017
Albufeira	(R) 12,2
Alcoutim	(R) 4,7
Aljezur	(R) 8,4
Castro Marim	(R) 6,8
Faro	(R) 10,6
Lagoa	(R) 9,2
Lagos	(R) 8,7
Loulé	(R) 9,9
Monchique	(R) 5,6
Olhão	(R) 9,0
Portimão	(R) 10,1
São Brás de Alportel	(R) 8,6
Silves	(R) 8,1
Tavira	(R) 9,0
Vila do Bispo	(R) 9,9
Vila Real de Santo António	(R) 9,3

Quadro 3- Taxa Bruta de Natalidade nos concelhos do Algarve em 2017– Pordata

Taxa - ‰

 Territórios	Taxa bruta de mortal...
Anos	2017
Albufeira	(R) 8,9
Alcoutim	(R) 36,0
Aljezur	(R) 14,1
Castro Marim	(R) 16,0
Faro	(R) 11,5
Lagoa	(R) 10,4
Lagos	(R) 12,0
Loulé	(R) 11,3
Monchique	(R) 19,3
Olhão	(R) 11,5
Portimão	(R) 11,2
São Brás de Alportel	(R) 14,3
Silves	(R) 14,2
Tavira	(R) 15,1
Vila do Bispo	(R) 15,6
Vila Real de Santo António	(R) 11,4

Quadro 4 – Taxa Bruta de Mortalidade nos concelhos do Algarve em 2017– Pordata

Territórios	Grupos etários				
	05-09	20-24	35-39	50-54	65-69
Anos	2017	2017	2017	2017	2017
Albufeira	2.327	2.170	3.076	3.101	2.023
Alcoutim	60	73	86	154	202
Aljezur	208	208	322	362	339
Castro Marim	213	343	354	440	361
Faro	3.182	2.773	4.619	4.162	3.849
Lagoa	1.101	1.157	1.468	1.694	1.336
Lagos	1.574	1.704	2.010	2.176	1.718
Loulé	3.583	3.493	4.982	4.840	3.817
Monchique	155	205	252	424	358
Olhão	2.520	2.335	3.410	2.971	2.538
Portimão	3.084	2.758	4.039	3.626	3.240
São Brás de Alportel	490	547	687	817	560
Silves	1.758	1.697	2.588	2.509	2.076
Tavira	1.116	1.164	1.597	1.758	1.577
Vila do Bispo	180	278	312	389	314
Vila Real de Santo António	1.002	952	1.344	1.256	1.227

Quadro 5- População residente nos concelhos do Algarve nos diferentes grupos etários em 2017 – Pordata

Territórios		Grupos etários			
		35-39	50-54	65-69	85 ou mais
Anos		2017	2017	2017	2017
Albufeira	2.170	3.076	3.101	2.023	818
Alcoutim	73	86	154	202	257
Aljezur	208	322	362	339	323
Castro Marim	343	354	440	361	315
Faro	2.773	4.619	4.162	3.849	1.447
Lagoa	1.157	1.468	1.694	1.336	594
Lagos	1.704	2.010	2.176	1.718	942
Loulé	3.493	4.982	4.840	3.817	2.083
Monchique	205	252	424	358	358
Olhão	2.335	3.410	2.971	2.538	1.210
Portimão	2.758	4.039	3.626	3.240	1.351
São Brás de Alportel	547	687	817	560	351
Silves	1.697	2.588	2.509	2.076	1.503
Tavira	1.164	1.597	1.758	1.577	1.197
Vila do Bispo	278	312	389	314	201
Vila Real de Santo António	952	1.344	1.256	1.227	529

Quadro 6- População residente nos concelhos do Algarve nos diferentes grupos etários em 2017 – Pordata

Rácio - %

Anos	Índice de envelhecimento
2017	153,2

**Indicadores de envelhecimento**  
 Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2018-06-15

Quadro 7- Índice de Envelhecimento em Portugal em 2017 – Pordata

Indivíduo

Anos	Grandes grupos etários			
	Total	0-14	15-64	65 ou mais
2017	10.300.300	1.433.156	6.672.187	2.194.957

**População residente: total e por grandes grupos etários**  
 Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2018-12-04

Quadro 8 – População residente: total e por grandes grupos etários em Portugal no ano de 2017 – Pordata

## taxa bruta de natalidade

Quantos bebés nascem por 1.000 residentes?

Taxa - ‰

Anos	Taxa bruta de natalidade
2017	8,4

### Taxa bruta de natalidade

Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da

População Residente

INE - Estatísticas de Nados-Vivos

Fonte: PORDATA

Última actualização: 2019-02-27

Quadro 9 – Taxa Bruta de Natalidade em Portugal no ano de 2017 – Pordata

## Taxa bruta de mortalidade e taxa de mortalidade infantil

Quantas mortes há por cada 1.000 residentes? Quantas crianças morrem com menos de um ano de idade por cada 1.000 nascimentos?

Taxa - ‰

Anos	Taxa bruta de mortalidade	Taxa de mortalidade infantil
2017	(R) 10,7	(R) 2,7

Taxa bruta de mortalidade e taxa de mortalidade infantil

Quadro 10 – Taxa bruta de mortalidade e taxa bruta de mortalidade infantil em Portugal no ano de 2017 – Pordata

## População residente: total e por grandes grupos etários

Onde há mais e menos jovens, idosos ou pessoas em idade activa?

Indivíduo

Territórios	Grandes grupos etários			
	Total	0-14	15-64	65 ou mais
Anos	2017	2017	2017	2017
Portugal	10.300.300	1.433.156	6.672.187	2.194.957
Continente	9.801.106	1.357.994	6.323.630	2.119.482
Norte	3.580.390	472.415	2.400.195	707.781
Centro	2.237.640	278.665	1.426.146	532.829
Alentejo	715.019	91.117	444.433	179.469
Algarve	440.543	66.357	280.504	93.683
Região Autónoma dos Açores	244.573	39.238	171.030	34.306
Região Autónoma da Madeira	254.622	35.925	177.528	41.170

População residente: total e por grandes grupos etários  
 Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente  
 INE - Estimativas Anuais da População Residente  
 Fonte: PORDATA  
 Última actualização: 2018-11-07

Quadro 11 – População Residente: total e por grandes grupos etários em Portugal no ano 2017 - Pordata

## Tema 1: Vida Familiar e Infância

Categorias	Subcategorias	Unidade de Significação
Ajudava os pais	Ajudava no campo	“Trabalhávamos no campo com a minha mãe e vendíamos as amêndoas e as alfarrobas”. “Joana”
		“Foi um pouco cansativo pois tinha de ajudar os meus pais a trabalhar no campo e a tratar dos animais”. “Ana”
	Ajudava a cuidar dos irmãos	“Sou mais velha 13 anos que um deles e era eu que cuidava dele quando a minha mãe ia trabalhar”. “Maria”
	Brincava com os irmãos	“Brincava com o meu irmão às bonecas e então fazíamos lanches enquanto brincávamos”. “Isabel”

Brincadeiras de Infância		“Gostava muito de brincar às escolas com o meu irmão ou sozinha. Como vivíamos no campo não tínhamos vizinhos por perto, os montes eram longe uns dos outros”. “Vera”
	Brincava com os animais	“Não tinha ninguém por perto com quem pudesse brincar, mas desde criança que sempre tive muita criatividade e brincava com os animais” – “Mariana”
Teve uma infância abastada	Tinha caseiros e criados	“Tínhamos criados que faziam a comida e cuidavam da casa, ajudavam-nos, levavam-me a passear e cuidavam de mim”. “Rita”
	Teve tudo de bom durante a infância	“Tive uma infância feliz graças a Deus, nunca me faltou nada, sempre tive tudo de bom, fui filha única sempre com os meus pais e os avós maternos por perto”. “Lídia”

## Tema 2: Percurso Educativo

Categorias	Subcategorias	Unidade de Significação
Percurso Educativo Curto	Gostava de ter ido mais longe na escola	“Gostava de ter ido mais longe na escola e diziam que eu tinha potencial para ir mais longe, mas os meus pais não podiam pagar então não fui”. “Joana”
	Ficou satisfeita com o seu percurso educativo	“Naquela altura não quis estudar porque quando somos mais novos só nos queremos divertir”. “Maria”

		<p>“Mas sinceramente não queria ter ido mais longe na escola porque não gostava daquilo e tinha dificuldades em aprender”.</p> <p>“Rita”</p>
Percurso Educativo Intermédio	Gostava de ter tido um percurso educativo mais longo	<p>“Gostava (de ter tido um percurso educativo mais longo) mas não havia possibilidades nem dinheiro para isso”.</p> <p>“Mariana”</p>
		<p>“O meu sonho era ter tirado um curso superior com algo a ver com contabilidade. Para tirar esse curso teria de ir para Lisboa 3 anos, mas não havia essa possibilidade porque a minha mãe não trabalhava, só o meu pai então era complicado e nós também eramos dois, não podíamos estar os dois a estudar”. “Vera”</p>
	Preferiu não estudar mais e ir trabalhar	<p>“Realmente poderia ter feito um curso superior, mas na altura não era algo que queria ou pensava, não era uma prioridade minha e preferi ir trabalhar”.</p> <p>“Lídia”</p>
Percurso Educativo Longo	Magistério Primário	<p>“Fiz até ao 5º ano. Que naquela altura era escolaridade obrigatória. Depois tirei o magistério primário”. “Ana”</p>
	Licenciatura	<p>“Não tirei mais nenhum curso além do Magistério Primário e Licenciatura”</p> <p>“A licenciatura foi suficiente, a minha mãe ainda me tentou convencer a tirar o mestrado, mas não era algo que queria na altura pois já trabalhava”.</p> <p>“Isabel”</p>

### Tema 3: Casamento

Categorias	Subcategorias	Unidade de Significação
Solteiras	Solteira por opção	“Não casei. Sempre fui solteira”. “Isabel”
	Solteira, mas juntou-se com o companheiro	“Não casei, mas juntei me com o meu companheiro aos 26 anos”. “Ana”
Casadas	Tratava de todas as lidas domésticas	“Eu tratava de tudo em casa. Vivia com a minha sogra e depois ela ficou doente e eu é que cuidava dela e da casa. Era doméstica na altura que vivi no Alentejo”. “Mariana”
		“As lidas da casa era maior parte eu que as fazia, pois, o meu marido ocupava-se com a horta”. “Vera”
	O marido ajudava nas lidas domésticas	“Era eu que fazias as lides domésticas, mas ele ajudava-me em coisas como amassar pão e lidava com o forno”. “Maria”
		“Ele é que tratava das coisas todas em casa. Ele é que cozinhava e tratava do dinheiro e das contas. Eu naquela altura eu não sabia cozinhar. Tínhamos uma pessoa que ia lá a casa fazer as lides domésticas”. “Rita”
		“Era tudo normal, como qualquer casal. Dividíamos as tarefas domésticas entre os dois”. “Lídia”
Divorciadas		“Divorciei-me, fiquei sozinha durante 5 anos e juntei-me com o meu companheiro e já há 12 anos com ele”. “Joana”

#### Tema 4: Emigração

Categorias	Subcategorias	Unidade de Significação
Emigrou	Emigrou para Portugal	“Emigrei para Portugal aos 21 anos, pois fui nascida e criada em Moçambique. Emigramos para cá devido à Guerra Colonial em 1974”. “Isabel”
	Emigrou para fora de Portugal	“Emigrei com o meu marido para França”. “Joana”
Não emigrou		Mariana
		Lídia
		Vera
Apenas o marido emigrou	Marido emigrou para trabalhar	“Ele (marido”) teve na Alemanha emigrado durante 11 anos e nunca me levou lá”. “Maria”
		“Tive de cuidar dos meus filhos sozinha porque onde dava aulas era muito longe e o meu marido estava a trabalhar em Espanha”. “Ana”
		“Aos 18 anos ficamos noivos, a minha sogra ofereceu-me um anel de noivado, mas ele foi chamado para a Guiné e para Cabo Verde, estive lá 5 anos”. “Rita”

#### Tema 5: Maternidade

Categorias	Subcategorias	Unidade de Significação
Não foi mãe	Por opção	“Foi uma opção minha não casar nem ter filhos”. “Isabel”

Ser mãe foi uma aprendizagem	Ganha-se responsabilidade	“(Ser mãe) tornou-me mais mulher e mais responsável em todos os sentidos. (...) Aprendi muito com eles e eles comigo. Foi uma aprendizagem”. “Mariana”
		“Aprende-se tudo (ao ser mãe). Aprendi a ter responsabilidade, aprendi a educa-las, a tentar que elas fizessem sempre tudo o que era melhor para elas”. “Rita”
		“Ter filhos é uma grande responsabilidade e dependem de nós, ainda hoje que já são crescidos. Foi isso que aprendi”. “Maria”
	Aprende-se amor incondicional	“Ser mãe é uma aprendizagem maravilhosa em todos os aspetos, aprende-se a amar incondicionalmente”. “Lídia”
		“(Ser mãe) Fez me aprender o amor incondicional”. “Joana”
	Aprende-se com os filhos	“Quando eram mais pequeninos era aprender a tratar deles e o que fazer e quando crescem aprendemos nós com eles porque eles têm uma mentalidade diferente e são jovens e mesmo que nós queiramos acompanhar é difícil, então temos de aprender o mais que podemos com eles. E estou sempre a aprender com eles ainda hoje”. “Vera”
		“Aprendi tudo, nem dá

		para explicar. Aprendi que temos de ver o lado deles para os compreender, pois há fases mais complicadas e precisam de muito apoio e de falarmos com eles e fazê-los compreender as coisas”. “Ana”
--	--	--

### Tema 6: Percurso Profissional

Categorias	Subcategorias	Unidades de Significação
Atividade Profissional	Identificava-se com a sua ocupação profissão	“Não teria feito outra coisa (sem ser Professora)”. “Isabel”
		“Sim gostava muito de trabalhar no banco e na contabilidade. Gostei da minha profissão”. “Vera”
	Preferia ter tido uma outra ocupação profissional	“Não pensei muito sobre esse assunto (se preferia ter tido outra profissão) só queria ser feliz, mas foi o contrário. Mas talvez professora fosse uma boa profissão”. “Joana”
		“Fui doméstica (...) gostava de ter feito algo a ver com artes. Trabalhos manuais”. “Rita”
Aprendizagens	Com formações	“Foi por acaso que abri a mercearia, não foi algo que sempre quis fazer”. “Maria”
		“Tive também muitas formações e aprendi muito com elas para depois poder desempenhar melhor as minhas funções, no atendimento ao cliente e como gerir a loja”. “Mariana”
		“Teoricamente aprendi muito com as formações

		que foram feitas na empresa”. “Lídia”
	Com colegas/clientes/alunos	“Aprendia todos os dias, com as histórias e experiências que eles (alunos) partilhavam”. “Ana”

### Tema 7: Reforma

Categorias	Subcategorias	Unidades de Significação
Mudanças na vida depois da reforma	Voluntariado/Associações	“Faço parte da Junta de Freguesia que está agora em Armação de Pêra, pertença a um grupo de oração, fiz parte do Castelo de Sonhos, mas na altura não consegui lá ficar pois não conseguia dar o acompanhamento necessário devido ao grande crescimento da associação, faço voluntariado no Hospital de Portimão”. “Isabel”
		“Faço voluntariado na cruz vermelha e no castelo dos sonhos estou lá dois dias. Tenho uma loja onde as pessoas vão buscar roupas e outras doam. Faço parte da lista do PSD que é a lista da Junta que está agora e faço parte das mesas de voto”. “Ana”
	Mais tempo livre/Lazer	“Tenho mais tempo para mim, para a casa e para os netos. Faço trabalhos manuais, costura, malhas, bordados e escrevo algumas coisas. Gosto pelo campo e de cultivar e agricultura”. “Mariana”

		<p>“Agora tenho mais tempo livre que antes, venho ao Polo e vou á ginástica”. “Maria”</p>
		<p>“Tenho mais tempo livre. Desde que o meu marido morreu que estou mais livre, passei mais e fui visitar mais sítios”. “Rita”</p>
		<p>“Quando me reformei fiquei em casa ainda uns tempos, mas depois fui para o Polo e comecei a ocupar mais o meu tempo”. “Vera”</p>
	Relações Familiares	<p>“Depois da reforma eu e o meu marido viemos viver para Pêra, já cá tínhamos casa e como é um ambiente mais sossegado e gostamos do clima, decidimos vir para cá viver. Comecei também a frequentar o desporto sénior e comecei a vir ao Polo”. “Lídia”</p>
		<p>“Divorciei-me, fiquei sozinha durante 5 anos e juntei-me com o meu companheiro e já há 12 anos que estou com ele”. “Joana”</p>

## Tema 8: Polos de Educação ao Longo da Vida

Categories	Subcategorias	Unidade de Significação
Função Convivial	Distrair	“É uma distração que nós temos e podemos conviver umas com as outras”. “Joana”
		“Significa entreter-me com as minhas colegas, falar com elas e jogar à carta. Distrair-me para não estar em casa sozinha”. “Rita”
	Fazer amizades	“Como não sou de cá, o Polo ajudou-me a conhecer novas pessoas”. “Lídia”
		“Fiz amigas e conhecimentos com as técnicas que cá vieram”. “Maria”
Função de Aprendizagem	Aprender umas com as outras	“Não sou boa em costura, mas aprendi algumas coisas com as senhoras que frequentam o Polo”. “Ana”
		“(O Polo) proporcionou fazer tudo aquilo que nunca antes tinha feito e agora já fiz, foi tudo uma aprendizagem e colaboração entre todas”. “Isabel”
	Aprender a fazer teatro/cantares/trabalhos manuais	“Aprendi a cantar e a fazer teatro e outras coisas que fizemos em atividades”. “Maria”
		“O teatro foi também uma aprendizagem pois foi algo que nunca tinha feito antes assim como cantar”. “Mariana”

Quadro 12 a 19 – Análise Temática sob a forma Categorical